VOLUME NÚMERO 21.

ACORDO TÁCITO, REPRESSÃO E LIBERDADE ACADÊMICA NOS ANOS SETENTA

Um estudo de caso

Marco Antonio Rodrigues Dias

]

INDICE GERAL

I- Apresentação – Presentation

II- Documentos

Documento 1-Introdução à segunda edição em preparação do livro "**Acordo tácito, repressão e liberdade acadêmica nos anos setenta - Um estudo de caso**" de Marco Antonio Rodrigues Dias. A primeira edição (2013) teve como título "UnB e Comunicação nos 1970- Acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica", foi publicada pela Editora UnB no marco das comemorações do cinquentenário de fundação da Universidade de Brasília **(Ver página web da Editora UnB – www.editora.unb.br). Aqui, apresenta-se a introdução em português e inglês preparada para uma segunda edição que será disponibilizada em breve em e-book(2020).**

Documento 2- Entrevista de Marco Antonio Rodrigues Dias a Severino Francisco - "A década repressão na UnB" – Correio Braziliense 04-1-2017

Documento 3- Artigo de José Geraldo Sousa Júnior- ex-reitor da UnB – "UnB e Comunicação. Acordo Tácito, Repressão e Credibilidade Acadêmica- 07 de novembro de 2018 - Redação Jornal Estado de Direito- Coluna Lido para Você.

Documento 4- "Un événement historique et politique" – artigo de Sérgio Dayrell Porto, publicado em Paris, no boletim-Revista Link 2014- no. 123- original em francês e versão em português "Um acontecimento histórico e político"

Documento 5- Artigo relatando discurso de M.A. R. Dias feito no anfiteatro da Reitoria da UnB em 27 de março de 2015, numa atividade organizada pelo Núcleo de Estudos do Futuro- "Reconquista do passado para construção do futuro".

Documento 6- "Universidade para que e para quem?" - Professor Marco Antonio Rodrigues Dias - Diretor da Divisão de Ensino Superior- UNESCO- Homenagem na UnB pela recepção da medalha e do diploma da Ordem Nacional do Mérito Educativo (Ministro da educação: Murilio Hingel- Presidente da República: Itamar Franco") - Universidade de Brasília, 22 de novembro de 1993.

Documento no. 7- Discursos de Marco Antonio Rodrigues Dias como paraninfo ou patrono de formandos da UnB entre 1977 e 1980- Versão em inglês do discurso para os fomandos em Medicina em janeiro de 2018.

ANEXOS

1- Nota da Assessoria de imprensa da UnB sobre reunião de pioneiros da Faculdade de Comunicação- 50 anos da UnB.

2- Prefácio de Marco Antonio Rodrigues Dias ao livro "O Jornal – da Forma ao sentido"- 3ª. edição revista e ampliada- Editora Universidade de Brasilia- Maurice Mouillaud e Sérgio Dayrel Porto (org) – 2012.

3- UnB – Darcy Ribeiro- José Azevedo – "14 anos depois - Vetaram a utopia" - Revista Visão 20.09.1978 e 31.8.1977 - Correio Braziliense: 14.12.1979

APRESENTAÇÃO - PRESENTATION

Original in Portuguese
Not revised neither edited translation

APRESENTAÇÃO

Nos anos setenta, houve um acordo tácito que vigorou na Universidade de Brasília, UnB, Brasil. Professores competentes com passado político comprometedor para os donos do poder, eram admitidos e exerciam o magistério aparentemente sem problemas. Este fato permitiu que muitas áreas passassem a se destacar no plano nacional e mesmo internacional, como foi o caso da Economia, Medicina, Geografia, Arquitetura e Comunicação.

A UnB, no entanto, não era uma instituição democrática. Permanecia sob tutela, controlada por elementos ligados aos órgãos de repressão. Quem se aventurasse além dos limites considerados toleráveis era eliminado. Até que ponto a busca da recuperação da credibilidade acadêmica era possível num regime sob tutela, em que o controle se efetuava dentro dos princípios da lei de segurança nacional? De acordo com esta, os governantes deveriam identificar os inimigos internos, os reais como os potenciais, e eliminá-los sumariamente.

Os anos setenta na UnB constituem um período relativamente desconhecido. Houve um trabalho sério de reconstrução da Universidade pelo mineiro Caio Benjamin Dias que levou para Brasília uma equipe de gestores em que se destacava a professora Glaura Vasques de Miranda. Foi afastado para que as forças de segurança mantivessem o controle da UnB
O conflito existente dentro do sistema militar entre adeptos da abertura e os que desejavam um reforço da ditadura repercutia na universidade.

Na área de comunicação, um trabalho inovador foi realizado com participação ativa de professores e estudantes. O setor passou a se destacar no âmbito internacional como no internacional, com professores participando inclusive dos debates que levaram a UNESCO a defender uma nova ordem mundial da comunicação. Foi uma época em que diretores da Globo chegaram a ir até a UnB para discutir com os professores.

O documento ressalta ainda o significado da ação do Ministro das Comunicações Quandt de Oliveira, um técnico competente, que se convenceu de que era necessário utilizar a comunicação para o desenvolvimento dentro de uma perspectiva nacional.

O acordo tácito na UnB teve fim em maio de 1976 com a nomeação como reitor de um elemento vinculado ao que de mais radicl havia no sistema de repressão no país.

PRESENTATION

In the seventies, there was a tacit agreement in force at the University of Brasilia, UNB, Brazil. Competent teachers with incriminated political past to the holders of power, were appointed and exercised their functions smoothly, without problems. This fact allowed many academic sectors to spotlight at national and international levels. This was the case of Economy, Medicine, Geology, Architecture and Communication.

The UNB however was not a democratic institution. It remained under the supervision of individuals linked to security agencies. Anyone who ventured beyond the limits considered

tolerable was eliminated. To what extent the search of academic credibility was possible under these circumstances in one regime in which the control was inspired by the principles of the national security law? According to this doctrine, the government should identify the internal enemies, the real ones as the potential ones, and summarily eliminate them.

The seventies at UnB are a relatively unknown period. There was a serious work of reconstruction of the University by Caio Benjamin Dias from Minas Gerais. He brought to Brasilia a team of managers, in which Professor Glaura Vasques de Miranda stood out. Caio Benjamin Dias as removed in 1971 so that the security forces could maintain total control of the UnB. The conflict within the military system between supporters of openness and those who wanted a reinforcement of the dictatorship had repercussions in the university.

In the area of communication, an innovative work was carried out with the active participation of teachers and students. The sector was among those that started to stand out in the international scope as well as in the international one, with professors even taking part in the debates that led UNESCO to defend in a new world order of communication. It was a time when directors of the journal and TV and radio network O Globo came to go to UNB to discuss with the teachers. The document also highlights the significance of the action of Minister of Communications Quandt de Oliveira, a competent technician, who became convinced that it was necessary to use communication for development within a national perspective.

The tacit agreement at UnB ended in May 19y76 with the appointment as rector of an element linked to what was most radical in the repression system in the country.

DOCUMENTO NÚMERO UM

INTRODUÇÃO (2020)

RETORNO DA DOUTRINA DE SEGURANÇA NACIONAL PARA JUSTIFICAR PENSAMENTO ÚNICO E REPRESSÃO

Marco Antonio Rodrigues Dias

Inaugurada em 21 de abril de 19621, sob inspiração de um grupo liderado por Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira2, Frei Matheus Rocha e contando com a colaboração de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, a Universidade de Brasília representou, no contexto brasileiro, uma revolução na vida acadêmica. No início, Darcy Ribeiro e Frei Mateus Rocha se alternaram na reitoria da UnB, sendo substituídos por Anísio Teixeira (junho de 1963 a 13 de abril de 1964) que foi afastado pelos militares juntamente com o vice-reitor Almir de Castro.

Em torno dos que conceberam a universidade, tinham se reunido professores de alto nível dispostos a inovar, a criar, a desenvolver uma instituição que formaria profissionais e pesquisadores comprometidos com as reformas de que o país necessitava para se modernizar, para se democratizar e para construir uma sociedade melhor, mais justa e mais igualitária. Era o protótipo da universidade cidadã. Era um ideal que se tentava construir, um sonho que se buscava vivenciar.

Mas o sonho durou pouco e, com a irrupção do movimento militar de 1964, a universidade sofreu, no dia 09 de abril de 1964, sua primeira invasão por tropas da Polícia Militar de Minas Gerais, laboratórios foram destruídos, professores e alunos presos, reitor e vice-reitor (Anísio Teixeira e Almir de Castro) demitidos logo em seguida. Zeferino Vaz foi nomeado reitor pro-tempore de junho de 1964 a agosto de 1965, seguido por Laerte Ramos de Carvalho, considerado pela maioria dos observadores, um dos elementos mais retrógrados, em todos os tempos, da vida acadêmica nacional (25.08.1965 a 03.11.1967). Foi um período de crises permanentes, cujo ápice foi o afastamento arbitrário pelo reitor Laerte Ramos, que substituíra Zeferino Vaz3, de um grupo de 15 professores em 19654, provocando a renúncia coletiva de 223 professores de todas as áreas5. Seguiu-se um período de obscurantismo, de

---

[1] - A lei 3 998/61 que autorizou a criação da UnB tinha sido sancionada pelo Presidente João Goulart em 15 de dezembro de 1961. A mensagem propondo a criação da UnB, assinada por Juscelino Kubitschek fora enviada ao Congresso no dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

[2]Em depoimento publicado originalmente em 1962, pelo MEC, encontrado, hoje, numa edição especial (Universidade de Brasília, org. Darcy Ribeiro), divulgada pela Editora UnB em comemoração aos 50 anos de criação da Universidade, Anísio Teixeira reconhece que, inicialmente, era contrário à criação de uma universidade em Brasília, mas assinala que se curvou diante dos argumentos apresentados por Darcy Ribeiro.

[3] Ao assumir a reitoria Zeferino Vaz demitiu, num primeiro ato, no dia 05 de maio de 1964, nove professores e instrutores: Francisco Heron de Alencar, José Albertino Rodrigues, Perseu Abramo, José Zanini Caldas, Edgar de Albuquerque Graeff, Eustáquio Toledo Filho, Ruy Mauro Marini, Lincoln Ribeiro e Jairo Simões. Logo em seguida, demitiu também Álvaro fortes Santiago, José César Aprilati, Theotônio dos Santos Júnior e Alfredo R. de Castro. Antes, por pressão dos militares, já havia afastado os professores Ernani Maria Fiori, Edna Soter de Olveira e Roberto Décio de las Casas.

[4] Eram eles: Pompeu de Souza, Jorge da Silva Guimarães, José Reinaldo Magalhães, Rodolpho Azzi, Flávio Aristides Tavares, Carlos Augusto Callou, Luiz Fernando Victor, José Paulo Sepúlveda Pertence, José Geraldo Grossi e Alberto Gambirásio. Foram devolvidos aos órgãos de origem: Hélio Pontes, Antonio Rodrigues Carneiro, Antonio Luiz Machado Neto, Eduardo Enéas Galvão. O instrutor Rubem Moreira Santos teve sua bolsa cancelada.

[5] - Entre os 223 demissionários, encontram-se nomes como o de Oscar Niemayer, Eduardo Ribeiro de Oliveira, Roberto Salmeron, Paulo Emilio Salles Gomes, Jean-Claude Bernadet, Nelson Pereira dos Santos, Cláudio Santoro, Fritz Teixeira de Salles, Marco Antonio Raup.

queda de nível de qualidade, de perda total do espírito que inspirou a criação da universidade. A história é conhecida e sobre ela há uma multiplicação de relatos que narram o que significou este período.

No marco das comemorações do quinquagésimo aniversário da Universidade de Brasília (2012), foi-me solicitado que elaborasse um documento relatando o que ocorreu nesta instituição nos anos setenta, período pouco conhecido da sua historia e em particular destacando a função que teve naquela época o desenvolvimento das atividades de seu curso de comunicação6.

A UnB, nos anos setenta, através da ação de alguns de seus professores, teve uma grande influência na definição de políticas de comunicação no país, buscando criar um espaço mais democrático e estimulador da cultura nacional. Alguns viram nisto uma colaboração de membros do mundo acadêmico com a ditadura. Outros, ao contrário, qualificavam estes fatos como atos inteligentes dos que, percebendo brechas no regime, tratavam de participar do avanço da redemocratização e da recuperação da autonomia nacional. Há ainda quem, prosaicamente, considere que, estando na UnB, os professores foram levados pelo roldão da história, submetidos a acontecimentos que não controlavam, mas tentando, na medida do possível, ser fieis à sua origem e explorando as contradições do sistema7.

Os militares no poder, desde o golpe de 1964 não constituíam um bloco homogêneo. O ponto de consenso entre eles era o anticomunismo ferrenho. Vários dentre eles desejavam a modernização do Estado para promoverem o desenvolvimento do país. Defendiam a necessidade de estimular ciência e tecnologia. Sabiam que, para isso, era necessário que as universidades criassem conhecimento e isto somente poderia ser feito se fizessem concessões, fechando os olhos para a sensibilidade política de professores que se dispusessem a trabalhar sem participar ativamente de movimentos contra o governo. Constituíam um núcleo forte nacionalista. A conciliação entre o anticomunismo ferrenho, gerador de repressão violenta com a melhoria de condições de funcionamento das universidades produzia contradições, em poucos lugares tão visíveis quanto na UnB, com momentos privilegiando um aspecto, logo superado pelo outro.

---

[6] A escolha de meu nome, no cinquentenário da UnB, para elaborar este documento prendia-se ao fato de ter sido chefe do Departamento de Comunicação da UnB de 1970 a 1972, decano de extensão de 1972 a 1976 e vice-reitor da UnB de 1976 a 1980. Em seguida, fui diretor da Divisão de Educação Superior da UNESCO em Paris, de 1981 a 1999. O período de 1976 a 1980 quando era vice-reitor e me opus à política de repressão na UnB, foi o pior de minha vida.

[7] - Evitou-se, na medida do possível, formular julgamentos sobre os personagens mencionados no texto. Vários já morreram e, quando ainda vivos, alguns deles, ouviram pessoalmente do autor deste depoimento expressões duras que aqui não relato por uma questão de pudor. Mas, fatos são fatos e, como diziam os latinos, "contra facta non sunt argumenta". Não se pode aceitar o que dizia uma venerável senhora uruguaia, ou seja, que todos os bebês são lindos e todos os mortos, gente boa. Não são, sabemos todos! Se fosse assim, figuras como Hitler, Calígula, Nero, Pinochet, Somoza, Stalin, Perez Jimenez, o torturador coronel Ustra e tantos outros não poderiam ser criticados nem condenados.

Foi um tempo de contradições. Uma reforma do ensino superior no Brasil, em 1968 (Lei 5.540/68), proposta pela comissão Meira Mattos, que havia sido designada no final de 1967 para tentar resolver o impasse do sistema com os estudantes universitários e finalizada pela ação do Grupo de trabalho da Reforma Universitária, instituído em julho de 1968 com a participação de educadores de renome como Newton Sucupira, incluía temas que, durante muito tempo, constituíram a base das reivindicações estudantis e de grupos considerados progressistas. Disposições foram adotadas visando ao fim da cátedra vitalícia, determinando a não duplicação de recursos, estimulando o desenvolvimento da pós-graduação e de atividades de extensão. Muitas destas proposições eram objeto de reivindicações estudantis desde a emblemática reforma de Córdoba, Argentina, em 1918.

O arcabouço conceitual e ideológico que dava base à ação dos detentores do poder era, então, a doutrina de segurança nacional, uma criação norte-americana do National War College, cuja aplicação no Brasil efetuou-se pela ação de oficiais das forças armadas formados, sobretudo num centro especial no Panamá. A influência francesa também foi importante no Brasil, graças à contribuição do Centro de Estudos Avançados em Defesa Nacional, onde militares franceses, que instituíram a tortura durante a guerra da Argélia8, afirmavam que a defesa do Estado exige não apenas a difusão de uma ideologia anti-subversiva, mas anteriormente a descoberta do inimigo interno, capaz de espalhar ideias contrárias ao poder estabelecido. Para descobrir o inimigo, tudo é permitido e as razões do Estado justificam os atos arbitrários. O importante é retirar do combate os que o poder considera como subversivos, e possíveis colaboradores, principalmente aqueles que podem ter um efeito multiplicador, como seriam, nos dias de hoje, estudantes universitários, professores, líderes sindicais, religiosos implicados na questão social, e -é claro- jornalistas independentes.

Em consequência, os anos setenta foram dominados pelos princípios repressivos da lei de segurança nacional, que são analisados no texto. A aplicação desta doutrina na UnB9 provocou a expulsão arbitrária e punições variadas de dezenas de estudantes em 1977, inclusive com a utilização política do instrumento do jubilamento10.

---

[8] - Em 2013, faleceu na França o General Paul Aussaresses, que confessou ter comandado, durante a Guerra da Argélia, esquadrões da morte e o uso da tortura como técnica de interrogatórios. Ele foi adido militar na Embaixada da França, em Brasília, entre 1973 e 1975, chefiando, ainda, o serviço de cooperação com as forças de segurança da América Latina, em particular com Chile e Argentina. Interrogado s obre o tema, nunca desmentiu o fato de que uma de suas glórias era a de ter ensinado técnicas de tortura a brasileiros, chilenos e argentinos.

[9] - Um coronel que acompanhava para o Conselho de Segurança Nacional o que ocorria na UnB, dizia que líderes estudantis da época eram como células cancerígenas: deviam ser extirpados, eliminados, em benefício do conjunto sadio do corpo social.

[10] **-** Jubilamento, em geral, é o desligamento da universidade de alunos que ultrapassarem o prazo máximo de tempo para concluir seu curso. No caso da UnB, o jubilamento poderia também ser efetuado para estudantes que, durante um período longo, obtivessem rendimento considerado baixo ou que, ao fim de dois períodos consecutivos, obtivessem menos de quatro aprovações entre as disciplinas do curso em que estivessem inscritos. O objetivo seria, entre outros, o de não permitir a existência de estudantes profissionais. Na UnB, o jubilamento foi aplicado com extremo rigor para se desembaraçar de estudantes incômodos. **Só em 1977, foram jubilados 1.350 estudantes num total de pouco mais de 8 mil estudantes de graduação.** No início de 1978, por ter recusado desligar estudantes cuja situação escolar era regular, não se justificando que fossem enquadrados nesta

O texto não trata da situação atual no Brasil (2020), mas parece fundamental assinalar que, de novo, sem ser anunciada, a doutrina de segurança nacional volta a ser utilizada, deixa de existir a tolerância, busca-se liquidar com a democracia dentro das universidades, elimina-se a autonomia, e tenta-se transformar estas instituições em instrumento financeiro, de lucro para particulares, e político, para defesa de um pensamento único. Uma reflexão sobre o que foi e o que é esta doutrina impõe-se então naturalmente.

No texto, várias referências são feitas ao embasamento dado às ações governamentais pela lei e pela doutrina de segurança nacional:

- Origem da doutrina (capítulo 1);
- Dependência das universidades aos órgãos de segurança (capítulo 6);
- Domínio da doutrina de segurança nacional na comunicação (capítulo 16).
- Decisão de Ernesto Geisel de autorizar o prosseguimento de execução de opositores (nota de pé de página no. 13);
- Nomeação de um vice-reitor militar – (capítulo 4);
- Fechamento do CIEM –Centro Integrado de Ensino Médio- (capítulo 2).

Hoje (2020), não são poucos os que tentam impor um pensamento único, instaurando um clima de terror nas universidades e buscando extirpar a diversidade e enfraquecer estas instituições para que deixem de serem autônomas, livres e criadoras de conhecimento. Adaptando-se aos tempos modernos, utilizam as redes sociais e os novos instrumentos de tecnologia da informação, para divulgarem "fake news" e inclusive informações disparates como o de que a epidemia do coronavirus foi obra da esquerda, apoiada pelos chineses, para prejudicar o governo brasileiro (2020). Tumultuam a gestão das universidades públicas, sobretudo aquelas dirigidas por mulheres, e tudo fazem para estimular a privatização da educação superior no Brasil.

O documento no original (2012) ou após sua revisão (2020) não se destina a revisitar, uma vez mais, a história completa da Universidade de Brasília. Visa a penetrar um pouco, no que ocorreu nos anos setenta, período pouco conhecido e que, frequentemente, é objeto de referências parciais em publicações diversas, no mais das vezes cheias de equívocos. Esta deficiência de informação pode também ser decorrente de que muitos dentre os que viveram estes tempos preferem que não se fale que participaram de um acordo tácito com o poder político da época.

O governo Castelo Branco (15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967) tinha se caracterizado pelo alinhamento total com os Estados Unidos, entregando o controle da economia a tecnocratas ultra-liberais como Roberto Campos. O papel do Brasil deveria ser o de continuar como produtor de matérias primas. Na área externa, o alinhamento era total com os Estados Unidos, fato que explica, por exemplo, o envio de tropas brasileiras à República Dominicana. O governo Costa Silva produziu uma tímida inflexão, com a chegada

---

regulamentação, a diretora da DAA- Diretoria de Assuntos Acadêmicos- da UnB, Yara Januzzi, foi demitida, tendo sido reintegrada à Universidade, em 1989, após a redemocratização do país.

ao poder de alguns militares que pensavam que o país tinha de estimular sua indústria e para isso era necessário produzir conhecimento. O governo Geisel deu força a medidas nacionalistas, na ONU deixou de se alinhar automaticamente com os Estados Unidos, votando inclusive contra o sionismo na ONU e rompeu, em março de 1977, o acordo militar de 1952 com os Estados Unidos que servia para treinar oficiais brasileiros nos Estados Unidos e no Panamá e a vender ao Brasil ferro velho, material militar já sucateado em troca de minérios estratégicos11.

Foi neste período que o governo brasileiro lançou uma campanha para a volta de cientistas e pesquisadores brasileiros que, desde 1964, tinham partido para os Estados Unidos e para a Europa. Foi aí também que, sendo chanceler o mineiro Magalhães Pinto, o governo forçou as embaixadas estrangeiras a se instalarem em Brasília, não podendo, então, por razões óbvias deixar de ter na capital federal uma boa universidade.

Isso explica a designação de um reitor idôneo e competente, o mineiro Caio Benjamin Dias, um conservador, que chegara à UnB, em 1969, imbuído de boa vontade e de princípios éticos de comportamento, defensor da autonomia universitária. Caio lançou-se à tarefa de recompor o quadro docente trazendo professores competentes de Minas e depois de todo o Brasil e do Exterior. Mas acabou tendo de se submeter a injunções dos duros do regime, inclusive assinando atos de punição a estudantes e professores e aceitando a seu lado, como vice-reitor todo poderoso, um capitão de corveta da Marinha, doutor em Física nos Estados Unidos e ligado aos grupos mais obscuros do regime militar. Recursos foram postos à disposição da Universidade, mas as finanças logo passaram a ser controladas por um coronel que tinha suas origens nos Serviços de Informação do II Exército e que havia sido o coordenador de um IPM sobre as atividades da UNE da UBES (União Nacional de Estudantes e União Brasileira de Estudantes Secundários) em Goiás e no Distrito Federal.

Caio Benjamin Dias tentou usar da conciliação típica mineira que se revelou insuficiente, quando decidiu tomar as rédeas do poder, para desenvolver uma ação própria. Viu-se então envolvido numa queda de braço com os representantes da repressão. Em março de 1971, abandonou a UnB para assumir o posto de secretário de educação de Minas Gerais, sendo substituído por Amadeu Cury, que ficou no cargo até maio de 1976. O documento trata basicamente deste período, embora faça referências a alguns elementos posteriores como o da greve estudantil de 1977 e o da situação calamitosa da educação brasileira a partir de 2019.

Relatos sobre os anos setenta costumam ser injustos com a equipe montada por Caio Benjamin Dias, que organizou a estrutura administrativa e acadêmica da instituição, mérito que é atribuído a outros, e iniciou recomposição do corpo docente para melhorar o nível do ensino12.

---

[11] - Um novo acordo militar entre Brasil e Estados Unidos, prevendo inclusive o acesso dos estadunidenses à Base de Alcântara no Maranhão foi firmado em março de 2020 pelo Capitão Bolsonaro (Acordo de salvaguardas tecnológicas...).

[12] Em março de 1970, Caio Benjamin Dias anunciou o início da implementação de uma nova estrutura para o funcionamento da UnB, concretizada por um plano de planejamento elaborado por sua equipe, onde a liderança

No prefácio que escreveu para o livro escrito em 2012 e publicado em 2013 "Depoimento – UnB e Comunicação nos anos 1970 – Acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica", o então reitor José Geraldo de Sousa Júnior, chama a atenção para a opinião expressa neste texto de funcionamento, durante algum tempo (1969-1976), de "um acordo tácito entre administração, professores e estudantes, para permitir que até mesmo opositores radicais ao regime fossem admitidos como docentes e dispusessem de ampla liberdade de cátedra, com a condição de não participarem de movimentos organizados contra o governo".

A tese do acordo tácito, que teria buscado a recuperação da credibilidade acadêmica, sem, porém, ter podido eliminar a repressão e o controle dos órgãos de segurança não é do agrado de todos, mas é aceita por muitos e parece confirmada por um dos quadros do documentário de Vladimir Carvalho "Barra 68 – Sem perder a ternura" 13. Nele, o representante do regime militar dentro da UnB, dirigindo-se ao cineasta, diz-lhe que muitos informavam à direção da UnB que ele era ligado a grupos radicais, a membros de partidos proibidos, mas que a reitoria da UnB não tomava conhecimento disso. Dizia não haver controle dos serviços de segurança na UnB. Em realidade, estava informando a Vladimir que sabiam perfeitamente quem ele era e quais eram suas sensibilidades políticas. De minha parte, como autor, retomo esta tese no texto agora apresentado.

Num artigo sobre o livro "UnB e Comunicação nos anos setenta – acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica", publicado em 2014, em Paris, na revista "Link," no. 123, ("Un évenement historique et politique"), o Professor Sérgio Dayrell Porto, profundamente mineiro, apresenta uma crítica sutil ao trabalho, dizendo que nesta obra "o subtítulo 'Acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica' é mais importante que o título 'UnB e comunicação nos anos setenta'".

Como autor, concordo com a crítica, mas assinalo ter sido necessário na época do cinquentenário da UnB dar ênfase ao que ocorrera no Departamento de Comunicação. Publicações diversas tinham começado a aparecer dando dos anos setenta uma visão

---

estava com uma das maiores educadores/as do Brasil, Glaura Vasques de Miranda. Muito jovem, ainda estudante na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, Glaura foi, na história do Estado de e Minas Gerais, a primeira secretária de estado mulher, no tempo de Magalhães Pinto (Secretária de Administração). É mestre e doutora em Educação pela Universidade de Stanford e mestre em Economia, também, por Stanford. Foi a responsável pela elaboração do plano estratégico da UnB, entre 1969 e 1970, um modelo na área. Mais tarde, foi diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, uma das melhores do país, e, em seguida, foi secretária de Educação em Belo Horizonte, onde lançou a “Escola Plural”, quando era prefeito Patrus de Souza. Posteriormente, no início dos anos 2000, Glaura, com a colaboração de Umbelina Caiafa, comandou o planejamento e a execução do Programa Veredas que, com Murílio Hingel na Secretaria de Educação de Minas, forneceu qualificação de qualidade e uma diplomação no nível de graduação a cerca de 15 mil professores em exercício das quatro primeiras séries do ensino básico.

13 - Segundo se lê em Wikepédia, "Barra 68- sem perder a ternura" é um histórico sobre a criação da Universidade de Brasília, as inovações que ela propunha, a perseguição que sofreu iniciada com o regime militar de 1964, até sua invasão pelo Exército Brasileiro em 1968. Narrado por Othon Bastos, conta com depoimentos de Oscar Niemeyer, Roberto Salmeron, Jean-Claude Bernadet, Ana Miranda, Marcos Santili, Cacá Diegues, J.C. de Almeida Azevedo e familiares de Honestino Guimarães entre outros.

completamente afastada da realidade. Com isso, o livro adquiriu uma forma que dava mais destaque a aspectos paroquiais e mesmo pessoais que ao fenômeno geral de contradições de realizações e de destruições que dominaram os anos setenta.

Trata-se de um estudo de caso.

Após mencionar o quadro amplo em que se situava a UnB e a ligação do que ali ocorria com os embates políticos daquele momento, o texto analisa o que ocorreu na área de comunicação, cujo curso entre 1968 e 1969 esteve a ponto de ser suspenso, e que, a partir de março de 1970, foi reconstruído provocando "uma verdadeira redenção" segundo o jornalista Renato Cruz (Diário de Brasília, 17.11.1974) 14.

Trata, com detalhes, de experiências pedagógicas inovadoras como a do ensino em bloco em Jornalismo e em Publicidade, em que a participação do estudante era total na linha do que sugeria o pensamento de Paulo Freire e revela como a UnB, principalmente entre 1974 e 1976, exerceu influência nas políticas de comunicação adotadas no país. Destaca ainda o papel que exerceu um grupo de jovens professores na época, comprometidos com a ideia de que a comunicação deveria servir ao desenvolvimento de todos, não podendo ser vista como instrumento de manipulação dos cidadãos.

Mostra também a importância que teve realização, na UnB, em março de 1970, do Congresso Brasileiro de Informação Rural, de fato um encontro internacional, com especialistas vindos da Europa, dos Estados Unidos e de alguns países latino-americanos, provocando e estimulando estudos e pesquisas que, logo, serviram de base à formulação inicial do programa de mestrado em comunicação pela UnB. Um grande número dos participantes tinha vínculos com os processos de modernização de países latino-americanos levados a cabo pelos "difusionistas", o que, no campo universitário, concretizava-se com o financiamento pelo governo do Estados Unidos de formação de professores e de projetos de pesquisa em algumas universidades agrícolas como Viçosa. No entanto, um dos mais prestigiados especialistas presentes neste congresso era Juan Diaz Bordenave, que trabalhava no Instituto Internacional de Ciências Agrícolas da OEA, Organização dos Estados Americanos. Amigo e seguidor de Paulo Freire, Bordenave desde então, manteve contactos permanentes com a equipe de professores de comunicação da UnB, colaborando inclusive com a implantação do programa de mestrado em 1974.

Hoje, em 2020, o que almejam os donos do poder, é a consolidação do sistema neocolonial e, para isso, golpes de estado militares já não são utilizados com tanta frequência, mas são múltiplas as instituições agindo para alcançar o mesmo objetivo: através de estruturas aparentemente democráticas, impor um pensamento único. A elitização é reforçada e os movimentos sociais são esmagados ou pelo menos impedidos de se desenvolver. Instaura-se um verdadeiro terrorismo cultural nas universidades e busca-se transformar instituições de ensino superior em negócios financeiros, em mercadorias, intenção clara de iniciativas como a do anunciado programa "Futurese" do Ministério da Educação do Brasil.

---

[14] - Ver www.mardias. net – volume 21- documento número 4- "Comunicação UnB – experiências depois de anos com as artes"- Diário de Brasília- 17.11.1974

O objetivo imediato passa a ser o de destruir a capacidade de pesquisa nacional ou regional, fazendo com que as universidades públicas se limitem a serem fábricas de diplomas, percam todo o seu potencial de críticas, parem de criar ciência e tecnologia, abandonem a busca por uma ordem social melhor, mais justa, livre e democrática, justificando a intensidade dos estímulos às instituições privadas com objetivo de lucro. Neste particular, pode-se acentuar, o que tentam fazer, hoje, com as universidades nos faz lembrar os piores momentos da ditadura. Quem não segue os ditames do poder é hostilizado. Aplicam-se, de fato, sem que isto seja dito, os princípios da doutrina de segurança nacional e os métodos repressivos que ela engendrou.

Na UnB, nos anos setenta, não eram poucos os professores que tinham em mente princípios que vinham da reforma de Córdoba (Argentina, 1918), principalmente no que diz respeito à questão da autonomia e do acesso de todos à educação superior. Nas décadas de oitenta e noventa, tive o privilégio de ser o diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO, em Paris quando exerciam as funções de diretor-geral um senegalês, Amadou Matar M'Bow e um espanhol catalão, Federico Mayor, ambos defensores da ideia de educação como bem público, ambos considerando que o sistema de educação forma um conjunto, que todos seus elementos, em particular o ensino superior, devem ser considerados prioritários. E, por trás de tudo isto, sempre esteve presente, implícito, o pensamento de Paulo Freire15.

Estamos em 2020. Recentemente, comemoraram-se três datas importantes vinculadas às relações entre o ensino superior e a sociedade. Em maio de 2018, festejou-se o cinquentenário da revolta estudantil de Paris de 1968. Em junho, foi a vez do centenário da Reforma de Córdoba e, em outubro, ocorreu o vigésimo aniversário da primeira Conferência Mundial sobre Educação superior16, organizada pela UNESCO (1998), em Paris, com a participação de quase cinco mil participantes. Ponto comum de todos estes acontecimentos foi o fato de o ponto de partida das discussões ter sido neles todos o dos vínculos do ensino superior com a sociedade, a conclusão final sendo sempre a da necessidade de se reforçar o conceito de ensino superior como bem público, que deve ser livre, democrático e acessível a todos.

---

[15] - Muito jovem, tive o privilégio de trabalhar com Paulo Freire, em 1963, em Brasília, na equipe do Ministro Paulo de Tarso Santos. Não éramos, nós os professores de comunicação da UnB no início dos nos setenta, discípulos de Paulo Freire, mas estávamos todos de acordo com os princípios básicos do grande educador brasileiro. Deveríamos, portanto, buscar formar um comunicador, um cidadão, com capacidade crítica, capaz de compreender a sociedade em que vivia e trabalhar para torná-la mais justa e democrática. No final de 2018, juntamente com Venício Arthur de Lima, especialista em comunicação e ciências políticas, grande intérprete do pensamento de Paulo Freire, publicamos um trabalho intitulado "Paulo Freire: au-délà de l'alphabétisation des adultes, l'émancipation", capitulo de um número especial da revista Internacional de Educação que consagrou um número inteiro aos maiores educadores do mundo em todos os tempos. Os textos da revista foram ainda publicados na Itália em 2019 (Jean-Marie de Ketele (Ed) Figure dell'educazione nel mondo- Título do capítulo "Paulo Freire, oltre l'alphabetizacione degli adulti" (Editora Scholé 2019).

[16] -Ver www.mardias.net- volume 1

É escandaloso que instituições como o Banco Mundial, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Comissão Europeia e a Organização Mundial do Comércio (OMC), com a conivência e apoio mesmo de certos funcionários do próprio sistema das Nações Unidas, insistam na aplicação dos princípios do Consenso de Washington ao ensino superior, defendendo com vigor:

- A redução do montante de investimentos no ensino superior;
- O estímulo prioritário e, em certos casos, exclusivo ao ensino de base;
- A transformação do ensino superior e do ensino a distância em objeto comercial;
- A regulação dos sistemas educativos em conformidade com princípios consolidados no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC).

É no ensino superior que se formam os professores de todos os níveis. Sem ensino superior de qualidade, não há ensino de base nem secundário que se sustente. É no ensino superior que se formam os dirigentes do país, é ali que se lançam as bases para o desenvolvimento científico e tecnológico de cada nação. Olhando com recuo o que se relata e o que se analisa no presente documento, creio não ficar dúvida que, nos anos setenta, foi esta a visão que se buscou construir no curso de comunicação da UnB nos anos setenta e que a repressão atacou a partir de 1976.

Esta revisão do texto escrito em 2012 e publicado em 2013 no quadro das comemorações do cinquentenário da UnB, realiza-se num momento em que se intensificam em todas as partes os intentos de destruição da ideia de educação superior como bem público. Isto ocorre não apenas no Brasil. No mesmo sentido, vão ações de vários governos latino-americanos que, durante as duas últimas décadas estimularam o desenvolvimento de instituições comerciais de ensino superior e de intentos como o do novo governo uruguaio, em 2020, de querer fazer aprovar, a toque de caixa, uma lei que, entre dezenas de dispositivos, propõe medidas que poderão debilitar o sistema de ensino superior do país, tradicionalmente autônomo, democrático, gratuito.

O documento revisado tem três partes que são complementares e integradas. Na primeira, apresenta-se o contexto social e político do país nos anos 1970, quando, no interior do sistema, elementos favoráveis à distensão política e os adeptos da repressão cada vez mais violenta, disputavam, palmo a palmo, o poder, com conflitos que repercutiam em todos os setores da vida social, inclusive na Universidade de Brasília que se tornou um dos bastiões da repressão institucionalizada. No entanto, apesar desse contexto negativo, a UnB, graças em parte ao acordo tácito, progrediu e, em alguns setores, em particular o da Comunicação, estudos e trabalhos elaborados na Universidade tiveram amplo alcance na sociedade. Foi notável o desenvolvimento de áreas como Economia, Arquitetura, Medicina, Geologia, Arquitetura e Comunicação.

A segunda parte trata da reconstrução do curso de comunicação nos anos setenta e da tentativa de se criar um espaço de liberdade dentro de um ambiente repressivo. O documento trata de experiências pedagógicas como a do ensino em bloco adotadas no Departamento de Comunicação da UnB e menciona os princípios humanistas que davam base a tudo o que ali se fazia, como mostra, a título de exemplo o que se discutia na disciplina de Jornalismo Comparado.

Na terceira parte, o documento tenta mostrar como os trabalhos realizados na UnB nesta época influenciaram os responsáveis pela definição de políticas nos setores de comunicação e educação, com iniciativas que, em alguns casos, foram retomadas por ocasião da redemocratização do país em 1985. Foi, pois um trabalho pioneiro. Medidas umas promovendo a interface entre educação e comunicação, outras em favor da promoção da cultura nacional e defesa do cinema brasileiro tiveram sua origem nos trabalhos realizados no Departamento de Comunicação da UnB. A figura do Ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira, é detalhada e analisada. A ele se deve muito do que foi feito naquele período.

Nas conclusões, menciona-se o fim do acordo tácito em 1976, quando a repressão total passou a ser aplicada dentro da UnB.

Analisando a UnB na data de seu cinquentenário (2012), sob a direção do reitor José Geraldo de Sousa Júnior, eu assinalava que o crescimento da UnB era visível e, previa que aquele período ficaria marcado na história como um momento de transição positivo17. A UnB, hoje (2020) está sob a direção da Professora Márcia Abrahão Moura, ex- aluna e primeira reitora mulher da instituição. Com garbo e coragem ela e sua equipe defendem os valores básicos contidos no projeto de criação da UnB: autonomia e democracia.

Recentemente, a UnB tornou-se membro da Associação de Universidades Grupo Montevidéu, uma das redes universitárias mais dinâmicas no mundo inteiro. A UnB é objeto de um garrote financeiro, por cortes nos recursos, por adiamento de pagamento dos fundos orçamentários, por todo um arsenal de medidas que, no fundo, visam a tornar inviável a gestão correta das universidades públicas. Busca-se facilitar os intentos dos que desejam entregar a grupos financeiros todo o patrimônio público constituído em torno das universidades e, pior que isso, comercializar a educação, formando cidadãos acríticos e eliminando, na prática, pesquisas de interesse nacional. Tudo isto é inaceitável. Democracia é incompatível com pensamento único.

---

[17] - A UnB tinha chegado ao ano de 2012 com cerca de 1.700 professores, 6.960 servidores e 30.727 alunos regulares e quase l0 mil de pós-graduação. Estava constituída por 26 institutos e faculdades e 18 centros de pesquisa especializados. Oferecia 105 cursos de graduação, sendo 30 noturnos e 10 à distância. Havia ainda 147 cursos de pós-graduação stricto sensu e 22 especializações lato sensu. Os cursos estavam divididos em quatro campi espalhados pelo Distrito Federal: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia e Gama. Os órgãos de apoio incluíam o Hospital Universitário, a Biblioteca Central, o Hospital veterinário e a Fazenda Água limpa. Era, em síntese, uma instituição que se expandia permanentemente e que, enfrentando dificuldades que refletiam a evolução do país, buscava retomar os princípios básicos do projeto original, ou seja, o de participar na construção de uma sociedade mais justa no Brasil.

INTRODUCTION (2020)

Not revised neither edited translation

Original in Portuguese

RETURN OF THE NATIONAL SECURITY DOCTRINE

TO JUSTIFY SINGLE THOUGHT AND REPRESSION

Marco Antonio Rodrigues Dias

Inaugurated on April 21, 1962[1], under the inspiration of a group led by Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira[2] , Frei Matheus Rocha and with the collaboration of Oscar Niemeyer and Lúcio Costa, the University of Brasília represented, in the Brazilian context, a revolution in academic life. At the beginning, Darcy Ribeiro and Frei Mateus Rocha alternated in the rectory of UnB, being replaced by Anísio Teixeira (June 1963 to April 13, 1964) who was removed by the military together with the vice-president Almir de Castro.

Around those who conceived the university, had gathered high level teachers, willing to innovate, to create, to develop an institution that would form professionals and researchers committed with the reforms that the country needed to modernize, to democratize and to build a better, more just and more egalitarian society. It was the prototype of a citizen university. It was an ideal that they tried to build, a dream that Brazil tried to live.

But the dream was short lived and, with the outbreak of the 1964 military movement, the university suffered, on April 9, 1964, its first invasion by Minas Gerais Military Police troops, laboratories were destroyed, teachers and students arrested, rector and vice-rector (Anísio Teixeira and Almir de Castro) dismissed shortly thereafter. Zeferino Vaz was appointed pro-tempore rector from June 1964 to August 1965, followed by Laerte Ramos de Carvalho, considered by most observers to be one of the most backward elements of all time in the Brazilian academic life (25.08.1965 to 03.11.1967). It was a period of permanent crises, the culmination of which was the arbitrary removal by the rector Laerte Ramos, who had replaced Zeferino Vaz[3], of a group of 15 teachers in 1965[4], causing the collective resignation of 223 teachers from all areas[5]. There followed a period of obscurantism, of a drop in the level of quality, of a total loss of spirit that inspired the creation of the university. History is known and there is a multiplicity of reports that tell what this period meant.

As part of the celebrations of the fiftieth anniversary of the University of Brasilia (2012), I was asked to prepare a document describing what happened in this institution in the seventies, a little-known period in its history, and in particular highlighting the role it played, at that time, the development of the activities of its communication course [6].

The UNB , in the seventies, through the action of some of its teachers , has had a major influence in defining communication policies in the country, seeking to create a more democratic space, that could stimulate the national culture. Some saw this as a collaboration of members of the academic world with the dictatorship. Others, on the contrary, qualified these facts as intelligent acts of those who, perceiving loopholes in the regime, tried to participate in the advance of redemocratization and of recovery of national autonomy. There are still those who, prosaically, consider that, being at UnB, the teachers were taken by history, subjected to events that they did not control, but trying, as much as possible, to be faithful to their origin and exploring the contradictions of the system [7] .

The military in power, since the 1964 coup, were not a homogeneous bloc. The point of consensus between them was fierce anti-communism. Several of them wanted the modernization of the state to promote the country's development. They defended the need to stimulate science and technology. They knew that for accomplishing this objective, it was necessary for universities to create knowledge and this could only be done if they made concessions, turning a blind eye to the political sensitivity of professors who were willing to work without actively participating in movements against the government.

They constituted a strong nationalist nucleus. The conciliation between fierce anti-communism , which generates violent repression with the improvement of the working conditions of universities, produced contradictions, rarely seen as visible as in UnB, with moments privileging one aspect, soon surpassed by the other.

It was a time of contradictions. Reform of higher education in Brazil in 1968 (Law 5.540/68), proposed by the commission Meira Mattos18, and finalized by the "Grupo de Reforma Universitária (University Reform Group), established in July 1968 with the participation of renowned educators as Newton Sucupira, included issues that have constituted during a long period the basis of student and progressive groups requests. Provisions were adopted aiming at the end of the lifetime chair, determining the non-duplication of resources, stimulating the development of postgraduate courses and extension activities. Many of these propositions have been the subject of student demands since the emblematic reform of Córdoba, Argentina, in 1918.

The conceptual and ideological framework that underpinned the action of those in power was, then, the national security doctrine, an American creation of the National War College , whose application in Brazil was effected by the action of trained military officers in a special center in Panama. French influence was also important in Brazil, thanks to the contribution of the Center for Advanced Studies in National Defense, where French military personnel , who instituted torture during the Algerian war [8], stated that the defense of the State requires not only the spread of an anti-subversive ideology , but previously the discovery of the internal enemy, capable of spreading ideas contrary to the established power. To discover the enemy, everything is permitted and the State's reasons justify arbitrary acts. The important thing is to remove from combat those who the power considers to be subversive, and possible collaborators, especially those who can have a multiplier effect, as could be considered today university students, teachers, union leaders, religious involved in the social issue and -of course- independent journalists.

Consequently, seventies were dominated s by repressive principles of national security law, which are analyzed in the text. The application of this doctrine at UnB[9] provoked the arbitrary expulsion and varied punishments of dozens of students in 1977, including with the political use of the instrument of "jubilamento"[10].

The text does not deal with the current situation in Brazil (2020), but it seems essential to point out that, again, without being announced, the national security doctrine is being used, tolerance ceases to exist, some authorities aim to end democracy within universities, autonomy is eliminated, and attempts are made to transform academic institutions into a financial and political instrument, increasing profit for individuals and defending a single thought. A reflection on what this doctrine was and is becomes naturally necessary.

In the text, several references are made to the basis that law and national security doctrine furnishes to government actions.

- The origin of the doctrine (chapter 1);
- Dependence of universities on security agencies (chapter 6);
- Mastery of national security doctrine in communication (chapter 16).

[18] The commission Meira Mattos[18] was created , in late 1967, to try to solve a deadlock of the military system with students

- Ernesto Geisel's decision to authorize the continued execution of opponents (footnote no. 13);
- Appointment of a military vice rector - (chapter 4);
- Closing of IHSC –Integrated High School Center- (CIEM- Centro Integrado de Ensino Médio (chapter 2).

Today (2020), a great number of officials try to impose a single thought, instituting a climate of terror n universities and seeking to excise diversity and to weaken these institutions for pushing them to cease to be autonomous, free and creators of knowledge. Adapting to modern times, they use social networks and new tools of information technology, to disseminate "fake news" and disparate information such as that the coronavirus epidemic was the work of the left, supported by the Chinese, to harm the Brazilian government (2020). They disrupt the management of public universities, especially those run by women, and do everything to encourage the privatization of higher education in Brazil.

The original (2012), like its current revision (2020), is not intended to revisit, once again, the complete history of the University of Brasília. It aims to penetrate a little, in what happened in the seventies, a little-known period that is often the subject of partial references in different publications, most of the times full of mistakes. This deficiency in information may also be due to the fact that many of those who lived in these times prefer not to say that they participated in a tacit agreement with the political power of the time.

The Castelo Branco government (April 15, 1964 to March 15, 1967) had been characterized by total alignment with the United States, giving control of the economy to ultra-liberal technocrats like Roberto Campos. Brazil's role should be to continue as a producer of raw materials. In the external area, the alignment was complete with the United States, a fact that explains, for example, the sending of Brazilian troops to the Dominican Republic. The Costa Silva government produced a timid inflection, with the arrival of some military men who thought that the country had to stimulate its industry and for that it was necessary to produce knowledge. The Geisel government gave strength to nationalist measures, at the UN it ceased to align itself automatically with the United States, even voting against Zionism, and , in March 1977, broke the 1952 military agreement with the United States that served to train Brazilian officials in the United States and Panama and allowed the selling of scrap iron to Brazil, military material already scrapped in exchange for strategic ores [11].

It was during this period that the Brazilian government launched a campaign for the return of Brazilian scientists and researchers who, since 1964, had left for the United States and Europe. It was also there that, as Chancellor of Minas Gerais, Magalhães Pinto, the Brazilian government forced foreign embassies to settle in Brasilia, and then, for obvious reasons, could not stop having a good university in the federal capital. This explains the appointment of a correct and competent rector, Caio Benjamin Dias, from Minas Gerais.

Caio started trying to restore the teaching staff, bringing initially teachers from Minas Gerais and later from other Brazilian states and from abroad. He was a conservative imbued with goodwill and ethical principles of behavior, defender of university autonomy, but he had to submit himself to injunctions from the regime's toughs, including signing acts of punishment to students and teachers, accepting at his side, as all-powerful vice-rector, a Navy corvette captain, a doctor of physics in the United States and linked to the most obscure groups of the military regime. Resources were made available to the University, but finance soon came to be controlled by a colonel who has had his origins in the Information Services

of the II Army in São Paulo and who had been the coordinator of an IPM (Police Military Investigation) on the activities of the UNE of UBES (National Union of Students and the Brazilian Union of Secondary Students) in Goiás and the Federal District.

Caio Benjamin Dias tried to use the typical conciliation behavior of people coming from Minas Gerais, which proved to be insufficient. When he decided to take the reins of power, to develop his own action, he was involved in an arm wrestling with representatives of repression. In March 1971, he left UnB to assume the post of secretary of education of Minas Gerais, being replaced by Amadeu Cury, who remained in office until May 1976. The document basically deals with this period, although it makes references to some later elements such as the 1977 student strike and the dire situation in Brazilian education from 2019.

Reports about the seventies are often unfair to the Caio Benjamin Dias team, who organized the administrative and academic structure of the institution, a merit that is attributed to others, and initiated the restoration of the teaching staff to improve the level of education [12].

In the preface he wrote for the book written in 2012 and published in 2013 "Depoimento - UnB e Comunicação in the 1970s – Acordo Tácito, Repressão e credibilidade acadêmica" ("Tacit agreement, repression and academic credibility", the then rector José Geraldo de Sousa Júnior, draws attention to the opinion expressed in this text of **"a tacit agreement (1969-1976), between administration, teachers and students, to allow even radical opponents of the regime to be admitted as teachers and to have ample freedom of chair, with the condition of do not participate in organized movements against the government ".**

The thesis of the tacit agreement , which would have sought the recovery of academic credibility, without, however, having been able to eliminate the repression and control of the security organs is not to everyone's liking, but is accepted by many and seems confirmed by one piece of the documentary by Vladimir Carvalho "Barra 68 - Without losing tenderness "[13]. In it, the representative of the military regime within the UnB, addressing the filmmaker, tells him that many informed UnB that he was linked to radical groups, to members of prohibited parties, but the UnB rectory was unaware of this. He said that the security services did not control UNB. In reality, he was informing Vladimir that they knew perfectly well who he was and what his political sensibilities were. For my part, as an author, I return to this thesis in the text now presented.

In an article on the book "UnB and Comunication in the seventies - tacit agreement, repression and academic credibility", published in 2014, in Paris, in the magazine "Link," no. 123, ("Un événement historique et politique"), Professor Sérgio Dayrell Porto, deeply "mineiro" (from Minas Gerais), presents a subtle criticism of the work, saying that "the subtitle 'Tacit agreement, repression and academic credibility' is more important than the title 'UnB and communication in the seventies' ".

As an author, I agree with Professor Porto, but point out it was necessary at the time of the fiftieth anniversary of UNB to emphasize what occurred in the Department of Communication. Various publications had begun to appear, giving the seventies a view completely removed from reality. As a result, the book took on a form that emphasized parochial and even personal aspects rather than the general phenomenon of contradictions in achievements and destruction that dominated the seventies.

This is a case study.

After mentioning the broad framework in which the UnB was located and the connection of what was happening there with the political clashes of that moment, the text analyzes what happened in the area of communication, whose course between 1968 and 1969 was about to be suspended, and which, since March 1970, was rebuilt causing "a real redemption" according to journalist Renato Cruz (Diário de Brasília, 11/17/1974)[14] .

It deals, in detail, with innovative pedagogical experiences such as that of "teaching in bloc" in Journalism and Advertising, in which student participation was total in line with what Paulo Freire's thought suggested and reveals how UnB, especially between 1974 and 1976, influenced the communication policies adopted in the country. It also highlights the role played by a group of young teachers at the time, committed to the idea that communication should serve the development of all, and cannot be seen as an instrument for manipulating citizens.

It also shows the importance that the Brazilian Congress of Rural Information held at UnB in March 1970, in fact an international meeting, with experts from Europe, the United States and some Latin American countries, provoking and stimulating studies and research that soon served as the basis for the initial formulation of the master's program in communication by UnB. A large number of the participants were linked to the modernization processes of Latin American countries carried out by the "diffusionists", which, in the university field, was materialized with the financing by the United States government of teacher training and projects research in some agricultural universities like Viçosa, in the State of Minas Gerais. However, one of the most prestigious experts present at this congress was Juan Diaz Bordenave, who used to worked at the OAS (Organization of America States) International Institute of Agricultural Sciences. Friend and follower of Paulo Freire, Bordenave has since this period maintained permanent contacts with the team of communication professors at UnB, even collaborating with the implementation of the master's program in 1974.

Today, in 2020, the aims of the owners of power, is the consolidation of the neocolonial system and, for this, military coups are no longer used so often, but there are multiple institutions acting to achieve the same goal: through of apparently democratic structures, impose a unique thought. Elitization is reinforced and social movements are crushed or at least prevented from developing. A true cultural terrorism is established in universities and they seek to transform higher education institutions in financial businesses, goods, a clear intention of initiatives like this of the advertised program "Futurese" the Ministry of Education of Brazil.

The immediate objective becomes to destroy the national or regional research capacity, causing public universities to limit themselves to being diploma factories, to lose all their potential for criticism, to stop creating science and technology, to abandon the search for a better, more just, free and democratic social order, justifying the intensity of incentives to private institutions for the purpose of profit. In this regard, it can be emphasized, what are trying to do with the universities now reminds us the worst moments of the dictatorship. Those who do not follow the dictates of power are harassed. Indeed, the principles of national security doctrine and the repressive methods it has engendered apply, without saying so.

At UnB, in the seventies, there were many teachers who had in mind principles that came from the reform of Córdoba (Argentina, 1918), mainly with regard to the issue of autonomy and access for all to higher education. In the eighties and nineties, I had the privilege of being the director of the Higher Education Division of UNESCO, in Paris when the general director of a Senegalese, Amadou Matar M'Bow and a Catalan Spaniard,

Federico Mayor, both defenders of the idea of education as a public good, both considering that the education system forms a set, that all its elements, in particular higher education, must be considered a priority. And, behind all this, Paulo Freire's thought was always present, implicit [15].

We are in 2020. Recently, three important dates related to the relationship between higher education and society were celebrated. In May 2018, the fiftieth anniversary of the 1968 student revolt in Paris was celebrated. In June, it was the turn of the centenary of the Córdoba Reform and, in October, the twentieth anniversary of the first World Conference on Higher Education took place.[16], organized by UNESCO (1998), in Paris, with the participation of almost five thousand participants. A common point of all these events was the fact that the starting point of the discussions was in all of them the links between higher education and society , the final conclusion being always the need to reinforce the concept of higher education as a public good, that it must be free, democratic and accessible to all.

It is scandalous that institutions such as the World Bank, the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD), the International Monetary Fund (IMF), the European Commission and the World Trade Organization (WTO), with the collusion and support even of certain officials of the United Nations system itself, insist on the application of the Washington Consensus principles to higher education, vigorously defending:

- The reduction in the amount of investments in higher education;
- The priority stimulus and, in certain cases, exclusive to basic education;
- The transformation of higher education and distance learning into a commercial object;
- The regulation of educational systems in accordance with consolidated principles within the scope of the World Trade Organization (WTO).

It is in higher education that teachers at all levels are trained. Without quality higher education, there is no basic or secondary education to support itself. It is in higher education that the country's leaders are formed, it is there that the foundations for the scientific and technological development of each nation are laid. Looking back on what is reported and analyzed in this document, I believe that there is no doubt that, in the seventies, this was the vision that was sought to be built in the UnB communication course and this was the reason of attacks of repression since 1976.

This revision of the text written in 2012 and published in 2013 as part of the celebrations of UnB's fiftieth anniversary, takes place at a time when efforts to destroy the idea of higher education as a public good are intensifying everywhere. This occurs not only in Brazil. In the same vein, there are actions by several Latin American governments that, during the last two decades, stimulated the development of commercial institutions of higher education and intentions such as the new Uruguayan government, in 2020, of wanting to get approved, at the touch of a box, a law that, among dozens of devices, proposes measures that may weaken the country's higher education system, which is traditionally autonomous, democratic, and free.

The revised document has three parts that are complementary and integrated. In the first, the social and political context of the country in the 1970s is presented, when, within the

system, elements favorable to political distension and the supporters of the increasingly violent repression, disputed, hand by hand, power, with conflicts that reverberated in all sectors of social life, including the University of Brasilia, which has become one of the bastions of institutionalized repression. However, despite this negative context, UnB, thanks in part to the tacit agreement, has progressed and, in some sectors, in particular that of Communication, studies and works developed at the University have had wide reach in society. The development of areas such as Economics, Architecture, Medicine, Geology, Architecture and Communication was remarkable.

The second part deals with the reconstruction of the communication course in the seventies and the attempt to create a space of freedom within a repressive environment. The document deals with pedagogical experiences such as that of "block teaching" (ensino em bloco) adopted at the Communication Department of UnB and mentions the humanist principles that underpin everything that was done there, as shown, as an example what was discussed in the discipline of Compared Journalism.

In the third part, the document tries to show how the work carried out at UnB at this time influenced those responsible for the definition of policies in the sectors of communication and education, with initiatives that, in some cases, were resumed during the redemocratization of the country in 1985. It was a pioneering work. Measures some of them promoting the interface between education and communication, others promoting national culture and defense of Brazilian cinema had its origin in the work carried out in the Department of Communication at UNB. The figure of the Minister of Communications, Quandt de Oliveira, is detailed and analyzed. Much is owed to him at that time.

In the conclusions, the end of the tacit agreement in 1976 is mentioned, when the total repression started to be applied within the UnB.

Analyzing UnB on the date of its fiftieth anniversary (2012), under the direction of rector José Geraldo de Sousa Júnior, I pointed out that UnB's growth was visible and predicted that this period would be marked in history as a moment of positive transition [17]. Today, UnB (2020) is under the direction of Professor Márcia Abrahão Moura, a former student and first female rector of the institution. With courage, she and her team defend the basic values contained in the UnB creation project: autonomy and democracy.

Recently, UnB became a member of the Association of Universities Grupo Montevideo, one of the most dynamic university networks worldwide. The UNB is the subject of a financial stranglehold, cuts in resources for postponement of payment of budget funds by a whole arsenal of measures which, in essence, aim to cripple the proper management of public universities. The aim is to facilitate the intentions of those who wish to hand over all public assets constituted around universities to financial groups and, worse than that, commercialize education, forming uncritical citizens and eliminating , in practice , research of national interest. All of this is unacceptable. Democracy is incompatible with single thinking.

FOOTNOTES

[1] - Law 3 998/61 that authorized the creation of UnB had been sanctioned by President João Goulart on December 15, 1961. The message proposing the creation of UnB, signed by Juscelino Kubitschek, was sent to Congress on the opening day from Brasilia on April 21, 1960.

[2] In a statement originally published in 1962 by MEC, found today in a special edition (Universidade de Brasília, org. Darcy Ribeiro), published by Editora UnB in celebration of the University's 50th anniversary, Anísio Teixeira recognizes that, initially, he was against the creation of a university in Brasilia, but points out that he bowed to the arguments presented by Darcy Ribeiro.

[3] Upon assuming the rectorship, Zeferino Vaz dismissed, in a first act, on May 5, 1964, nine teachers and instructors: Francisco Heron de Alencar, José Albertino Rodrigues, Perseu Abramo, José Zanini Caldas, Edgar de Albuquerque Graeff , Eustáquio Toledo Filho, Ruy Mauro Marini, Lincoln Ribeiro and Jairo Simões. Soon after, he also dismissed Álvaro Fortes Santiago, José César Aprilati , Theotônio dos Santos Júnior and Alfredo R. de Castro. Before, under pressure from the militaries, he had already removed professors Ernani Maria Fiori, Edna Soter de Olveira and Roberto Décio de las Casas.

[4] They were: Pompeu de Souza, Jorge da Silva Guimarães, José Reinaldo Magalhães, Rodolpho Azzi , Flávio Aristides Tavares, Carlos Augusto Callou , Luiz Fernando Victor, José Paulo Sepúlveda Pertence, José Geraldo Grossi and Alberto Gambirásio. Hélio Pontes, Antonio Rodrigues Carneiro, Antonio Luiz Machado Neto, Eduardo Enéas Galvão were sent back to their original organs. Instructor Rubem Moreira Santos had his scholarship canceled.

[5] - Among the 223 dismissals, there are names like Oscar Niemayer, Eduardo Ribeiro de Oliveira, Roberto Salmeron , Paulo Emilio Salles Gomes, Jean-Claude Bernadet , Nelson Pereira dos Santos, Cláudio Santoro, Fritz Teixeira de Salles, Marco Antonio Raup .

[6] The sellection of my name , in the fiftieth anniversary of UnB , to prepare this document was due to the fact that I was head of the Communication Department of UnB from 1970 to 1972, dean of extension from 1972 to 1976 and vice-rector of UnB from 1976 to 1980. Then, I was director of the UNESCO Higher Education Division in Paris, from 1981 to 1999. The period from 1976 to 1980 when I was vice-chancellor and I opposed the policy of repression at UnB, was the worst of my life.

[7] - It was avoided, as far as possible, to make judgments about individuals mentioned in the text. Several have already died and, while still alive, some of them heard from the author of this testimony harsh expressions that I do not report here for the sake of decency. But facts are facts and, as the Latins used to say: "contra facta non sunt argumenta". One cannot accept what a venerable Uruguayan lady used to say, that all babies are beautiful and all dead, good people. They are not, we all know. If so, figures like Hitler, Caligula, Nero, Pinochet, Somoza, Stalin, Perez Jimenez, the torturer Colonel Ustra and so many others could not be criticized or condemned.

[8] - In 2013, General Paul Aussaresses died in France. He confessed to having commanded, during the Algerian War, death squads and the use of torture as an interrogation technique. He

was a military attaché at the French Embassy in Brasilia between 1973 and 1975, also leading the service of cooperation with the security forces of Latin America, in particular with Chile and Argentina. Asked about the topic, he never denied the fact that one of his glories was that he taught torture techniques to Brazilians, Chileans and Argentines.

[9] - A colonel who was charged of following for the National Security Council everything occurring at UNB, said student leaders of the time were like cancer cells: they were to be cut off, removed, for the benefit of healthy whole social body .

[10] - Jubilation , in general, is the dismissal from the university of students who exceed the maximum period of time to complete their course. In the case of UnB, the jubilee could also be carried out for students who, for a long period, had a low performance or who, after two consecutive periods, obtained less than four approvals between the subjects of the course in which they were enrolled. The objective would be, among others, not to allow the existence of professional students. At UnB, jubilation was applied with extreme rigor to get rid of uncomfortable students. Only in 1977 were retired 1,350 students a total of just over 8 thousand students graduate. At the beginning of 1978, for having refused to shut down students whose school situation was regular, without justification for being included in this regulation, the director of DAA - Director of Academic Affairs - of UnB, Yara Januzzi, was dismissed, having been reinstated to the University, in 1989, after the country's re-democratization.

[11] - A new military agreement between Brazil and the United States, including providing access of Americans to the Alcantara base in Maranhão was signed in March 2020 by Captain Bolsonaro (the technological safeguards agreement ...) .

[12] In March 1970, Caio Benjamin Dias announced the start of the implementation of a new structure for the operation of UnB, concretized by a planning plan prepared by his team, where the leadership was with one of the greatest educators in Brazil , Glaura Vasques de Miranda. Very young, still a student at the Faculty of Economic Sciences of the University of Minas Gerais, Glaura was, in the history of the State of and Minas Gerais, the first female secretary of state, at the time of Magalhães Pinto government (Secretary of Administration). She hold a master's and doctorate in Education from Stanford University and a master's degree in Economics, also from Stanford. She was responsible for drafting UnB's global strategic plan, between 1969 and 1970, a model in the area. Later, she was director of the Faculty of Education at the Federal University of Minas Gerais, one of the best in the country, and then she was Secretary of Education in Belo Horizonte, where she launched the “Escola Plural”, when the mayor was Patrus de Souza. Subsequently, in the early 2000s, Glaura , with the collaboration of Umbelina Caiafa , led the planning and execution of the Veredas Program, which, with Murílio Hingel at the Minas Gerais Secretariat of Education, provided quality qualification and a diploma at the undergraduate level to about 15 thousand teachers working in the first four grades of basic education.

[13] - According reads in Wikepedia , "Barra 68- without losing tenderness" is a history of the creation of the University of Brasilia , the innovations that it proposed, the persecution suffered started withr military regime 1964 until its invasion by the Brazilian Army in 1968. Narrated by Othon Bastos , it has testimonies of Oscar Niemeyer, Roberto Salmeron , Jean-Claude Bernadet , Ana Miranda, Marcos Santili , Cacá Diegues, JC de Almeida Azevedo and family of Honestino Guimarães among others.

[14] - See www.mardias. net - volume 21- document number 4- "UnB Communication - experiences after years with the arts" - Diário de Brasília- 17.11.1974.

[15] - Very young, I have had the privilege of working with Paulo Freire, in 1963, in Brasília, in the team of Minister Paulo de Tarso Santos. The UnB communication teachers at the beginning of the seventies were not , disciples of Paulo Freire, but we were all in agreement with the basic principles of the great Brazilian educator. We should, therefore, seek to train a communicator, a citizen, with a critical capacity, capable of understanding the society in which he lived and working to make it more just and democratic. At the end of 2018, along with Venício Arthur de Lima, a specialist in communication and science policies, great interpreter of the thougt of Paulo Freire, we published a paper entitled "Paulo Freire: au-delà de l'alphbétisation" de adultes, l'émancipation " chapter of a special issue of the International Education magazine that dedicated a whole number to the greatest educators in the world at all times. The magazine's texts were also published in Italy in 2019 (Jean-Marie de Ketele (Ed) Figure dell'educazione nel mondo-Chapter title "Paulo Freire, oltre Freire, oltre l'alphabetizacione degli adulti " (Editora Scholé 2019).

[16] -See www.mardias.net- volume 1

[17] - UnB had reached the year 2012 with around 1,700 teachers, 6,960 civil servants and 30,727 regular students and almost 10 thousand postgraduate students. It consisted of 26 institutes and colleges and 18 specialized research centers. It offered 105 undergraduate courses, 30 of which at night and 10 at a distance. There were also 147 stricto sensu graduate courses and 22 lato sensu specializations . The courses were divided into four campuses throughout the Federal District: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia and Gama. Supporting bodies included the University Hospital, the Central Library, the Veterinary Hospital and the Fazenda Água Limpa. In short, it was an institution that was constantly expanding and, facing difficulties that reflected the evolution of the country, sought to resume the basic principles of the original project, that is, that of participating in the construction of a more just society in Brazil.

DOCUMENTO NÚMERO DOIS

A DÉCADA DA REPRESSÃO NA UnB

CORREIO BRAZILIENSE

>> entrevista MARCO ANTONIO RODRIGUES DIAS

A década da repressão na UnB

Entrevista em 04.01.2017 - Marco Antonio Rodrigues Dias - Livro lembra bastidores do período em que a UnB foi conduzida por militares Ex-vice reitor fala sobre os bastidores de um período pouco conhecido da universidade, marcado pela tensão e pela contradição

Severino Francisco – Correio Braziliense

Carro da polícia incendiado pelos estudantes durante invasão dos militares ao Câmpus em 1968: clima pesado

Os períodos da história da UnB mais pesquisados, documentados e conhecidos são o do esplendor inicial do projeto de Darcy Ribeiro e o das invasões que o câmpus sofreu na virada dos anos 1960. A década de 1970 permanece sob as sombras. Para o professor Marco Antonio Rodrigues Dias, esse foi, sobretudo, um tempo de contradições. A repressão militar apertou o cerco sob o comando do capitão de mar e guerra José Carlos Azevedo. No entanto, havia um acordo tácito: o próprio governo tinha interesse em manter um padrão mínimo de qualidade e de credibilidade. Era possível contratar professores competentes, desde que eles não ultrapassem certos limites políticos. Essa circunstância propiciou o florescimento de projetos acadêmicos importantes nas áreas da comunicação, da economia, da geologia, da

medicina e da música, entre outros. Ao mesmo tempo, os estudantes se articularam em movimentos de resistência que atiçaram os ânimos do aparato repressivo e criaram um ambiente de tensão.

Em UnB e comunicação nos anos 1970: Acordo tácito: repressão e credibilidade acadêmica (pública) *(Ed. UnB), Marco Antonio dá um depoimento sobre esse tempo conturbado da história da universidade. Ele fala de um ponto de vista privilegiado, pois, atuou na condição de professor, chefe do Departamento de Comunicação, decano de extensão e vice-reitor. Marco Antonio foi diretor da Divisão do Ensino Superior da Unesco, de 1981 a 1999. Nesta entrevista, ele evoca os bastidores da negociações políticas, o jogo das forças repressivas, o movimento de resistência dos estudantes e os projetos acadêmicos relevantes.*

Como eram os bastidores da história da UnB na década de 1970?

É uma parte da história que ficou um pouco esquecida. As pessoas conhecem mais a invasão militar em 1964 e as ocupações violentas de 1968 . Em 1968, a situação chegou ao ponto de se cogitar o fechamento da UnB. No entanto, o próprio governo do regime militar avaliou que isso não era possível. Magalhães Pinto era ministro das Relações Exteriores. Sabia que era inviável abrir mão de uma universidade pública na capital do país. Os diplomatas do Brasil e de outros países não viriam para Brasília se não tivessem instituições para a instrução dos seus filhos.

E como se chegou a uma soluçãs para o impasse?

Augusto Radmaker, ministro da Marinha, durante o governo do presidente Costa e Silva, tirou uma solução do bolso. Segundo ele, havia um oficial da Marinha, competente, inteligente e formado em engenharia (civil) nos Estados Unidos. Era o capitão de mar e guerra José Carlos Azevedo, que tinha acabado de prestar serviços a uma instituição no Rio de Janeiro. Ele chegou na condição de professor visitante, mas veio para tomar conta de tudo.

E, de que maneira, ele pssou a tomar conta de tudo?

Durante a invasão militar de 1968, um estudante quase morreu, os laboratórios foram destruídos e Honestino Guimarães foi preso pela primeira vez. Isso criou um trauma muito grande. Em setembro, os militares escolheram como reitor o professor Caio Benjamin Dias, na tentativa de renovação da universidade. Ele era catedrático da Universidade de Minas Gerais, acreditava nos princípios democráticos e que os militares queriam a democracia.

Marco Antonio Rodrigues Dias

Mas de que maneira se traduzia essa intenção democrática na gestão da universidade?

Caio mantinha um compromisso com as ideias originais de Darcy Ribeiro para a UnB e tentou trazer pessoas de alto nível. Como conseguir gente qualificada naquela circunstância tão delicada do ponto de vista político? Ele arregimentou bons professores em Minas Gerais e o governo colocou mais recursos, de modo que se tornou atrativo vir para Brasília. Veio gente do Brasil e de várias partes do mundo. Politicamente, a partir de 1968, os movimentos da juventude esquentaram no mundo inteiro.

Quais as consequências para o cotidiano da universidade?

O clima político se deteriorou, as posições se radicalizaram de um lado e de outro. A repressão se tornou cada vez mais violenta. Na época, correu o boato de que Caio teria solicitado a invasão da universidade. O que se sabe é que ele se encontrou com o presidente e entregou a demissão. A invasão ocorreu em 19 de agosto de (1968). Em 20 de setembro, o capitão de mar e guerra José Carlos Azevedo tomou posse como vice-reitor.

E o professor Caio Benjamim conviveu com a situação imposta?

Ela acreditava que era uma concessão, mas a fonte de poder deixou de ser o Caio. No entanto, pouco a pouco, se deu conta de que haviam lhe puxado o tapete. Data desta época o recurso do jubilamento como instrumento político. Caio quis botar um freio e não conseguiu mais. Ele revogou a delegação de poderes que havia concedido a Azevedo, deixando-o apenas com função de exercer pequenas ações administrativas tais como a autorizar a viagem de professores em missões. Mas se estabeleceu um conflito interno em que o elemento fraco era o reitor e o forte o vice-reitor.

E como foi possível realizar projetos interessantes mesmo sob esse cerco obscurantista?

Aconteceu um fenômeno muito interessante. Com o apoio de autoridades do governo, Caio havia tentado montar um esquema que a universidade reestabeleceria a credibilidade acadêmica, ao trazer pessoas de alto nível de todo o mundo. E se fez um acordo tácito. Em

princípio, se o professor tinha qualidade, era contratado. Isso só não ocorria em raros casos quando o SNI dava um veto total. O professor tinha liberdade de ação e pesquisas, mas quando ultrapassava certos limites era demitido.

Que projetos ou áreas de destaque poderia citar na UnB dos anos 1970?

Esse foi um período extremamente complexo, mas, inegavelmente, ocorreram coisas positivas. O curso de economia tinha no quadro de professores Edmar Bacha, Lauro Campos, Flavio Versiani, Teresa Ribeiro, Cristovam Buarque e Luis Paulo Rosemberg, todos de nível muito alto. Ocorreram projetos importantes na economia, na medicina, na antropologia e na comunicação. As crises foram superadas uma a uma até 1976, quando me nomearam vice-reitor, durante a gestão de Azevedo.

Qual foi o impacto do processo de abertura comandado pelo General Geisel na universidade?

Em março de 1974, Geisel anunciou a revogação do decreto lei 477 que visava a abertura e o fim da censura. Nomeou como ministro da Educação, Ney Braga, que era de origem militar, mas fez uma carreira política como liberal no (Partido Democrata Cristão), que era aliado de Jango. Ele trouxe um grupo de assessores que representavam uma linha de abertura e diálogo. Mas isso não representou a pacificação da universidade.

E por que isso não ocorreu?

Não era do interesse dos grupos da linha dura. E, visivelmente, em 1977, houve manifestações em todo o país. Foi instituído um dia de luta nacional. Na UnB, houve uma manifestação pacífica. Os estudantes reclamavam da qualidade do ensino, do número de vagas e do jubilamento. A base era estritamente acadêmica e não política. Mesmo assim, os estudantes foram expulsos e presos. Os militares os enquadraram na Lei de Segurança Nacional. Mais tarde, o Supremo Tribunal Militar anulou tudo. O que se queria era que os estudantes se manifestassem com mais intensidade para caracterizar um clima de sublevação e provar que a abertura era inviável. Logo, o Azevedo suspendeu e expulsou estudantes.

E como o senhor ficava em uma situação tão delicada quanto essa?

Me manifestei contra, argumentando que contrariava a tendência de abertura democrática do país e a orientação do próprio presidente Ernesto Geisel.

O que foi possível fazer apesar de todos os problemas do período?

O curso de economia tinha projetos sobre o problema habitacional. A medicina criou um programa de atendimento comunitário em Planaltina, apontado como modelo. Foi um período contraditório. Na área da comunicação foi nomeado Quandt de Oliveira, era considerado um técnico muito competente. Foi na gestão dele que o sistema tecnológico de comunicação se desenvolveu de maneira extraordinária. Na universidade, se discutia que a comunicação deveria ser um instrumento de cultura. Ele era uma pessoa correta, se interessou pelo tema e fez declarações defendendo teses consideradas de esquerda. As pesquisas do Departamento de Comunicação influenciaram a definição das políticas públicas para a área. Quandt de Oliveira negou concessões à Rwede Globo.

O LIVRO: UnB e Comunicação nos anos 1970- Acordo tácito, repressão e credibilid\de acadêmica- Marco Antonio Rodrigues Dias- 256 páginas/Ed. UnB

DOCUMENTO NÚMERO TRÊS

UnB e Comunicação. Acordo Tácito, Repressão e Credibilidade Acadêmica - 07 de novembro de 2018 - Redação Jornal Estado de Direito- Coluna Lido para Você. Artigo de José Geraldo Sousa Júnior

UnB e Comunicação. Acordo Tácito, Repressão e Credibilidade Acadêmica - 07 de novembro de 2018 | Redação **Jornal Estado de Direito- Coluna Lido para Você**

José Geraldo Sousa Júnior

Ditadura no Brasil

A violência sofrida pela sociedade durante o período de ditadura civil-militar no Brasil foi, sem dúvida, um fator de deturpação da ética democrática no país. A vivência num contexto de repressão torna muito vulnerável a relação entre indivíduos, e o revés de um sistema de governo como esse é a formação de uma disposição à corrupção, que, no caso brasileiro, se perpetuou como prática instituída mesmo após o fim do regime.

O maior dos prejuízos de uma ordem corrupta é a apropriação do bem comum para uso exclusivo. Quando tratamos de uma instituição universitária pública, tal intenção se traduz na utilização desta complexa estrutura educacional para atender a fins particulares, não diretamente relacionados à promoção do bem-estar social. Este desvio de função pode variar desde a usurpação do patrimônio público até o exercício do tripé ensino, pesquisa e extensão voltado à simples fruição intelectual, em lugar de atender à sociedade, gerando desenvolvimento e inovação para satisfação de suas demandas.

A UnB

Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Nosso fiel da balança deve ser a missão original da UnB, como designada por seus idealizadores, sob a liderança de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e Frei Matheus Rocha: uma universidade necessária, destinada a pensar o Brasil e a América Latina em suas questões sociais, visando à emancipação da população e a promoção da igualdade e justiça social. valores que se mantém absolutamente atuais, independentemente das transformações vividas pelo ensino superior no mundo ao longo dos últimos anos, e que vimos serem sufocados durante a ocupação militar da universidade.

Hoje é possível dizer com segurança que o processo de recuperação da essência deste projeto está em curso. Testemunhamos nos últimos quatro anos (2008-2012) o marco de refundação da UnB, evidenciado pela sua expansão física, com uma área total construída 40% maior do que se encontrava nos anos anteriores à presente gestão e duplicação do número de vagas para

novos alunos, que saltou de 4 mil para 8 mil por ano. É certamente o maior episódio de ampliação da universidade desde sua inauguração em 1962.

Acima de tudo, pôde-se observar, neste mesmo espaço de tempo, a valorização do diálogo e da participação política na gestão da universidade, que triplicou o número médio de reuniões de seus conselhos administrativos, reunindo representantes de todos os segmentos da comunidade acadêmica, além de novos canais de comunicação, como mesas permanentes de negociação, e, especialmente, a consolidação da paridade recém-instaurada entre discentes, docentes e técnicos-administrativos nas eleições para a reitoria.

UnB e comunicação nos anos 1970

Obra de Marco Antonio Rodrigues Dias.

Nesta fase de transição da UnB, contudo, tais valores não estão ainda estabilizados, e é preciso construir uma identidade institucional de referência forte o suficiente para subsidiá-los. Desta incumbência participa com louvor o trabalho de Marco Antônio Rodrigues Dias, que tem como um entre muitos méritos a recuperação historiográfica de um delicado momento da trajetória da Universidade de Brasília.

Cobrindo o período de 1968 a 1977 a partir de extensa pesquisa bibliográfica e de seu próprio depoimento pessoal como professor, chefe do departamento de Comunicação, decano de extensão e vice-reitor, Marco Antonio nos revela detalhes sobre a UnB, usualmente encobertos pela narrativa histórica dominante.

O texto oferece uma nota singular, em geral negligenciada nas muitas narrativas históricas de nossa universidade. Além de registrar com riqueza de dados o desenvolvimento da Faculdade de Comunicação, e, de maneira geral, realizar uma análise panorâmica sobre a UnB naquela década considerada, o autor nos traz à superfície da memória fatos que ocorreram durante a gestão de dois reitores: Caio Benjamin Dias e seu sucessor Amadeu Cury.

Segundo o autor, durante a administração de ambos, apesar de serem representantes do sistema e em que pese a influência da doutrina e da lei de segurança nacional presentes em toda a administração pública naquele período, manteve-se, na UnB, um movimento de resistência em favor da retomada da liberdade, que sonhava reorganizar a instituição em seus

moldes iniciais, prematuramente interrompidos. A equipe de Caio Benjamin Dias na reitoria teria criado uma situação de acordo tácito entre administração, professores e estudantes, para permitir que até mesmo opositores radicais ao regime fossem admitidos como docentes, com a condição de não participarem de movimentos organizados contra o governo.

Foto: Open Source

Essa proposta teria tido continuidade na gestão de Amadeu Cury, mas o objetivo que se buscava alcançar já não era o da universidade cidadã de Darcy Ribeiro nem o da universidade autônoma de Caio Benjamin Dias. O que se buscava formar era uma mão de obra qualificada tecnicamente para as empresas e para o governo, tudo sob o controle dos órgãos de segurança. O acordo que se manteve permitiu, no entanto, segundo Marco Antonio, o ingresso na UnB de dezenas de professores de alta qualidade, além de garantir uma pequena margem de liberdade de expressão dentro da universidade. As gestões para a contratação dos docentes se orientavam principalmente na busca de qualidade, buscando especialistas no Brasil e no exterior e oferecendo os mais elevados salários da categoria no país. Também se pode destacar o grande incentivo à pesquisa, com a execução de um extenso plano de pós-graduação e a inauguração de novos laboratórios, bem como a reposição daqueles que haviam sido destruídos na invasão militar.

Como destaca Marco Antônio, faltavam aos então reitores a visão revolucionária de Darcy Ribeiro, mas o apego e respeito ao projeto original da universidade, pelo menos no caso de Caio Benjamin Dias, era explícito. O objetivo final, segundo Caio Benjamin Dias, era restituir o plano estrutural da UnB, num marco de autonomia e, segundo ambos os reitores, ampliar seu potencial institucional, projetando-a como a grandiosa instituição de ensino superior que fora idealizada. No entanto, a partir de 1976, por ocasião da recrudescência do estado político ditatorial brasileiro, os acordos seriam rompidos e observaríamos um retrocesso significativo nas políticas universitárias, particularmente no caso da UnB.

RESISTÊNCIA DENTRO DA UNIVERSIDADE

Foto: Open Source

Ainda assim, o registro deste período é prova de que a UnB não foi engolida pelo mar revolto da ditadura sem levantar resistência, ou sem que muitos dos que a constituíam naquele momento, encantados por seu propósito, não a tentassem salvar do afogamento.

Recuperar este passado histórico é reconstruir a memória da UnB e oferecer aos seus membros no presente um novo ponto de partida para inspirar a trajetória de suas ações. Uma mitologia original que sirva como guia às novas gerações.

O livro de Marco Antonio Dias antecede o Relatório elaborado pela Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB (2015), uma peça preciosa, na sua pesquisa histórica e no modo circunstanciado como caracteriza o projeto interrompido da universidade, demarcando o período resgatado pelo depoimento do autor como o de *repressão exacerbada a todo foco de oposição, com expulsões, prisões, torturas, desaparecimentos (1968-1974, Relatório p. 96-168).* Teria sido importante o dialogo com o autor para contextualizar algumas das interpretações enunciadas nos dois documentos.

Mas o livro é posterior e o valoriza, porquanto acrescenta à pesquisa nele constante referida a período anterior, objeto da obra de Roberto A. Salmeron (**A Universidade Interrompida. Brasília: Editora UnB, edição comemorativa dos 50 anos da UnB, 2012**). Aludo ao livro de Salmeron, porque o reconheço como verdadeira obra de referência para compreender esse Período dramático da história política do país e da UnB, parte dela recortada no livro de Marco Antonio Dias. Na apresentação da edição comemorativa de *A Universidade Interrompida,* então Reitor da universidade, digo mesmo que

Tamanha relevância é, com efeito, fruto da autenticidade da participação do autor como pioneiro na implantação da UnB. Roberto Salmeron figura entre os destacados pesquisadores brasileiros que acudiram à convocação de Darcy Ribeiro para instalar na nova capital do Brasil a sua universidade necessária. Quando assume o encargo de coordenador-geral dos Institutos Centrais de Ciências e Tecnologia, promove uma recuperação histórica dos antecedentes políticos e conceituais da formulação do projeto da UnB, das ações que orientaram a etapa inicial de construção do campus e, por fim, da violência que se abateu sobre a instituição com o golpe militar, caracterizando-a como uma universidade interrompida.

O livro está dividido, assim, em duas partes. A parte 1 concentra-se na reconstrução da memória sobre a UnB, tratando dos acontecimentos que cercam a sua fundação e da crônica dos fatos que caracterizam as bases conceituais e políticas da proposta da nova universidade. Além disso, a localiza no ensaio de tentativas de institucionalização universitária no país, detalhando a operacionalização da instalação do projeto, os protagonismos, os sentimentos e, sobretudo, a solidariedade para defrontar e superar os desafios próprios àquela experiência.

A parte 2 trata, por sua vez, da crise e da violência com que o golpe se impôs sobre a universidade, intimidando alunos e professores, desorganizando-a, reprimindo seu poder criativo e ferindo antagonistas.

Ambas as seções são cuidadosamente documentadas e pode-se observar a delicadeza do trabalho de Roberto Salmeron na conservação de depoimentos e dados históricos, alinhavados pelo fio condutor de uma narrativa sóbria, elegante e contundente.
A Universidade Interrompida, sob este aspecto, integra a antologia explicativa de criação da UnB, sua promessa utópica, as vicissitudes que sofreu, seu começo e seus permanentes recomeços. O livro tem lugar cativo na mesma estante na qual se classificam outras preciosidades, como os títulos de Darcy Ribeiro: Universidade de Brasília, editado em 1962 e reeditado pela UnB em 2011 para celebrar o cinqüentenário da lei de criação, apresentando o projeto de organização, a lei de criação e pronunciamentos de educadores e cientistas sobre a proposta da nova universidade; A Universidade Necessária, de 1969; e UnB: Invenção e Descaminho, de 1978. Além destes, é igualmente indispensável referir à obra de Heron Alencar, A Universidade de Brasília. Projeto Nacional da Intelectualidade Brasileira, resultado de uma comunicação apresentada à Assembléia Mundial de Educação, no México de 1964, e publicada por Darcy Ribeiro em apêndice ao seu Universidade Necessária. Também Antônio Luiz Machado Neto, coordenador do Instituto Central de Ciências Humanas neste mesmo período de 1962-1965 e inspirado pelo mesmo tema, publica na antiga Revista da Civilização Brasileira o ensaio A Ex-Universidade de Brasília.

Encerro estes comentários endossando as palavras de Marco Antônio como um vaticínio para a UnB: “O final último de toda a ação educativa deve ser sempre o de se construir e consolidar uma sociedade melhor, mais justa e mais solidária, como era previsto no projeto de criação da UnB de Darcy Ribeiro. E, no caso específico da UnB, é de se desejar que, em algum momento, um verdadeiro diálogo se instaure e se mantenha permanente, capaz, inclusive, de fazer superar divergências naturais entre indivíduos em benefício do bem comum, da instituição, da sociedade”.

Penso que uma boa síntese a extrair da narrativa interpretativa oferecida neste livro, à luz das singularidades que ele registra, é a de por em relevo o princípio de lealdade. A lealdade como expressão de compromisso que o projeto original da UnB postulava, com os padrões internacionais de conhecimento e a formação de cidadãos aptos a construírem soluções democráticas para os problemas do povo brasileiro. A lealdade que forja atitudes para fortalecer e reorientar a própria UnB para retomar a direção da utopia que nenhuma interrupção impediu que ela continuasse a buscar.

Livro “Da Universidade Necessária à Universidade Emancipatória”.

Inclui-se nessa lealdade, recuperar o projeto inovador da universidade (conferir com o meu Da Universidade Necessária à Universidade Emancipatória. Brasília: Editora UnB, 2012), para nesse passo resgatar o compromisso histórico de seus professores com a promessa de realizar a comunicação e a informação como direito fundamental, inscrito na Declaração Universal de 1948 (art. 19) e no desenho democrático que a Constituição Federal de 1988 traçou (artigos 220-224) para o sistema, promessa ainda não cumprida em face de obstáculos representados pelo interesse econômico em forma de monopólios e oligopólios, infenso às finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas e aos objetivos de descentralização e de regionalização de programas, sua produção e difusão (conferir também, nesse aspecto SOUSA JUNIOR, José Geraldo de et al. (orgs) **O Direito Achado na Rua, vol. 8: Introdução Crítica ao Direito à Comunicação e à Informação**. Brasília: FAC Livros, edição e-book 2016, edição impressa 2017).

As conseqüências são hoje nefastamente sentidas sendo uma constatação o papel dos grandes meios na ação antidemocrática de seu uso político. Eis um projeto ainda longe de se realizar mas já prenunciado na leitura de Marco Antonio Dias que faz da Primeira Parte de seu livro, uma análise completa e esclarecedora do que se definia como política de comunicação no Brasil nos anos 1970 e os esforços que se faziam na UnB em face dessa política visando a abrir a comunicação estrategicamente em direção a um horizonte de cidadania e de democracia.

José Geraldo de Sousa Junior ***é Articulista do Estado de Direito, possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (1973), mestrado em Direito pela Universidade de Brasília (1981) e doutorado em Direito (Direito, Estado e Constituição) pela Faculdade de Direito da UnB (2008). Ex- Reitor da Universidade de Brasília, período 2008-2012, é Membro de Associação Corporativa – Ordem dos Advogados do Brasil, Professor Associado IV, da Universidade de Brasília*** **e Coordenador do Projeto O Direito Achado na Rua.**

Se você deseja acompanhar as notícias do **Jornal Estado de Direito**, envie seu nome e a mensagem “JED” para o número (51) 99913-1398, assim incluiremos seu contato na lista de transmissão de notícias.

Tags: Acordo Tácito, Coluna Lido para Você, comunicação, Credibilidade Acadêmica, Direito à Comunicação, direito achado na rua, ditadura civil-militar, lealdade, liberdade, liberdade de expressão, Marco Antônio Rodrigues Dias, repressão, UnB, universidade

DOCUMENTO NÚMERO QUATRO

UN ÉVÉNEMENT HISTORIQUE ET POLITIQUE

Sérgio Dayrell Porto- PhD par l'Université de McGill

Este artigo foi publicado na Revista Link 2014- no. 123- UNESCO_- Paris- original em francês e versão em português

Le sous-titre est plus important que le titre. L'Université de Brasilia, une des institutions phare du système universitaire brésilien, créée par le fameux anthropologue et politicien Darcy Ribeiro, vient de lancer, dans le cadre des commémorations de son 50ème anniversaire, un livre sur les années soixante dix, une période terrible de la dictature militaire brésilienne. Il s'agit de "UnB et communication dans les années 1970 – Accord tacite, répression et crédibilité académique". L'auteur est le Professeur Marco Antonio Rodrigues Dias, Monsieur Dias, ancien directeur de la Division de l'enseignement supérieur de l'UNESCO, de 1981 à 1999, une époque où l'UNESCO sous la direction d'Amadou Mahtar M'Bow et de Federico Mayor, a donné à l'enseignement supérieur l'importance dont ont besoin les pays en voie de développement. Le Professeur Sérgio Dayrell Porto, PhD en communication par l'Université McGill, au Canada, et ancien directeur de la Faculté de Communication de l'Université de Brasilia, présente le livre et signale son importance du point de vue académique, comme du point de vue politique et historique.

UN ÉVÉNEMENT HISTORIQUE ET POLITIQUE

Sérgio Dayrell Porto- PhD par l'Université de McGill

Le livre du Professeur MARCO ANTONIO RODRIGUES DIAS – "UnB et la communication dans les années 1970 – accord tacite, répression et crédibilité académique'', qui vient de lancer la maison d'édition de l'UnB –Université de Brasilia-, 44 années après les faits qu'il analyse, est plus qu'un simple lancement éditorial, il devient un événement historique et politique.

Il fait partie de la mémoire des 50 ans de l'Université de Brasilia elle même et révèle aux lecteurs d'aujourd'hui ce qui s'est passé dans cet établissement d'enseignement supérieur comme signe de résistance aux turpitudes et excès de la dictature militaire qui a ravagé le Brésil, de 1964 à 1985. Comme événement, il transcende les limites spécifiques de l'époque et fait revivre la mémoire, les lumières de la vérité contre l'oubli, l'indifférence et l'obscurantisme qui ont marqué l'action des militaires au Brésil.

Dans "À la recherche du temps perdu", Michel Proust signale: "il semble que les événements soient plus vastes que le moment où ils ont eu lieu et ne peuvent y tenir tout entiers. Certes ils débordent sur l'avenir par la mémoire que nous en gardons; mais ils demandent une place aussi au temps qui le précède. Certes on dira que nous ne les voyons pas alors tels qu'ils seront. Mais dans le souvenir ne sont-ils pas aussi modifiés?".

Les faits qui se sont passés á l'Université de Brasilia dans les années 1970 et ceux qui, maintenant, en 2014, marquent et définissent le souvenir vivant de ce passé, constituent un événement historique de la plus grande importance. Le Professeur Marco Antonio Rodrigues Dias démontre comment ces années 70 du siècle passé, même si vécus sous une dictature militaire, révèlent aussi une preuve de résistance devant l'obscurantisme militaire, qui se basait sur la doctrine de sécurité nationale. On a fait de la science et de l'art à l'Université de Brasilia, en conséquence d'un accord tacite établi entre la direction de l'Université et ses enseignants comme ses étudiants. Des limites ont été imposées à ces actions, mais elles ont été transgressées par ceux qui ont prouvé que, malgré la répression, il y avait, à l'Université de Brasilia pendant la dictature, une vie intellectuelle, une vie académique et politique.

George Herbert Mead disait dans le cadre de sa philosophie symbolique pragmatique que l'événement devient «that which becomes». Cela est conforme à la pensée de Gregory Bateson et d'Erving Goffman, auteurs de l'interactionnisme symbolique nord-américain de la décennie des 30, qui insistaient dans l'idée qu'il était nécessaire de faire et refaire les choses, de se battre contre l'oubli à la recherche de la vérité, dans la mesure où des fils et des mailles de la signification de ce qui s'est passé plus tôt ont besoin de réaffirmations plus tard, car ils deviennent un tissu de signifiants capables d'expliquer les institutions et ses histoires. Dans la mesure où le langage et le discours apportent toujours des doubles sens, réaffirmer aujourd'hui en 2014 ce qui s'est passé en 1970, est un signe de vitalité, une preuve que les sujets et les individus sont les acteurs de l'histoire et des cultures de l'humanité.

Dans une œuvre posthume "Le discours et ses doubles" publié récemment par les Presses Universitaires de Lyon, l'universitaire français Maurice Mouillard déclare que ce double sens est dans

le cœur de toute énonciation. Dans le livre "O jornal –da forma ao sentido" (organisé par Sergio Dayrell Porto et diffusé également par l'Université de Brasilia en 2012 (3ème édition), M. Mouillaud encore une fois, quand il se réfère à la nature des événements, soutient l'hypothèse selon laquelle «l'événement est l'ombre projeté d'un concept construit par le système d'information, le concept de fait. L'information n'est pas le transport d'un fait, il constitue un cycle ininterrompu de transformations». Or, le Professeur Marco Antonio Rodrigues Dias énonce et projette en 2014 les ombres de faits qui se sont passés en 1970, dans l'Université de Brasilia, en les transformant en un événement capable de réparer l'idée selon laquelle pendant cette période tous étaient soumis à une dictature militaire. Le professeur révèle que l'étincellement académique d'une université modèle au Brésil n'a pas été souillé par l'obscurantisme de l'époque, même si ce sont des luttes, des sacrifices et des renonciations qui ont marqué ce moment de l'UnB.

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO E POLÍTICO

Original em francês

O sub-título é mais importante que o título. A Universidade de Brasília, uma das principais instituições do sistema universitário brasileiro, criada pelo famoso antropólogo e político Darcy Ribeiro, lançou, como parte das comemorações do seu 50º aniversário, um livro sobre os anos setenta, um período terrível da ditadura militar brasileira. Trata-se de "UnB e comunicação na década de 1970 - acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica". O autor é o professor Marco Antonio Rodrigues Dias, Monsieur Dias, ex-diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO, de 1981 a 1999, época em que a UNESCO, sob a direção de Amadou Mahtar M'Bow e Federico Mayor, deu ao ensino superior a importância de que necessitam os países em desenvolvimento. O professor Sérgio Dayrell Porto, PhD em Comunicação pela Universidade McGill, Canadá, e ex-diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, apresenta o livro e destaca sua importância do ponto de vista acadêmico, a partir de visão política e histórica.

UM EVENTO HISTÓRICO E POLÍTICO

Sérgio Dayrell Porto- PhD pela Universidade McGill

O livro do professor MARCO ANTONIO RODRIGUES DIAS - " UnB e Comunicação nos anos 1970 – Acordo tácito, repressão e credibilidade acadêmica"que lançou (2003) a Editora da UnB - UnB -Universidade de Brasília - 44 anos após os fatos que ele analisa é mais que um simples lançamento editorial, ele se torna um evento histórico e político.

É parte da memória dos 50 anos da Universidade de Brasília e é ela mesmo, que revela aos leitores de hoje o que aconteceu nesta instituição de ensino superior, como um sinal de resistência às depravações e excessos da ditadura militar que assolou o Brasil, de 1964 a 1985. Como acontecimento, transcende os limites específicos da época e faz reviver a memória, as luzes da verdade contra o esquecimento, a indiferença e o obscurantismo que marcaram ação dos militares no Brasil.

Em "La recherche du temps perdu" ("A busca do tempo perdido"), Michel Proust assinala: "Parece que os acontecimentos são mais amplos que o momento em que ocorreram e não podem reproduzir-se em sua totalidade. Evidentemente, eles repercutem no futuro pela lembrança que guardamos deles; mas eles exigem também um lugar ao tempo que o precede. Seguramente, dir-se-á que não os vemos tal qual. Mas na lembrança, eles não são também modificados?"

Os fatos que ocorreram na Universidade de Brasília nos anos setenta e aqueles que, agora, em 2014, marcam e definem a lembrança viva do passado, constituem um evento histórico da maior importância. O Professor Marco Antonio Rodrigues Dias demonstra como esses anos setenta do século passado, mesmo se vividos sob uma ditadura militar, revelam também a prova de resistência ao obscurantismo militar, que se baseava na doutrina da segurança nacional. Produziu-se ciência e arte na Universidade de Brasília, como resultado de um acordo tácito estabelecido entre a administração da universidade e seus professores como alunos. Limites foram impostos a essas ações, mas eles foram transgredidos por aqueles que provaram que, apesar da repressão , existia, na Universidade de Brasília, durante a ditadura, uma vida intelectual, uma vida acadêmica e política.

George Herbert Mead afirmou, no âmbito de sua filosofia simbólica pragmática, que o acontecimento se torna "that which becomes". Isto é consistente com o pensamento de Gregory Bateson e Erving Goffman, autores da interação simbólica norte-americana da década dos 30, que insistiam na ideia de que era necessário fazer e refazer as coisas, lutar contra o esquecimento em busca da verdade, na medida em que os fios e malhas do que aconteceu mais cedo precisam ser reafirmados posteriormente, porque se tornam uma rede de significantes capazes de "explicar as instituições e suas histórias". Na medida em que a linguagem e o discurso sempre são imbuídos de duplo sentido, reafirmar, hoje, em 2014, o que aconteceu nos anos setenta, é um sinal de vitalidade, uma prova de que sujeitos e indivíduos são os atores da história e das culturas da humanidade.

Num documento póstumo, "Os discursos e sua duplicação (Les discours et ses doublés", publicado pela Presses Universitaires de Lyon, o acadêmico francês Maurice Mouillaud declara que este duplo sentido está no coração de cada enunciado. No

livro " O jornal – da forma ao sentido " (organizado por Sergio Dayrell Porto e também publicado pela Universidade de Brasília em 2012 (terceira3ª edição), M. Mouillaud mais uma vez, quando se refere à natureza da eventos, defende a hipótese de que "o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema de informação, o conceito real. A informação não é o transporte de um fato, constitui um ciclo ininterrupto de transformações". O Professor Marco Antonio Rodrigues Dias projeta sobre 2014 as sombras de fatos que ocorreram nos anos setenta na Universidade de Brasília, transformando-os em um evento capaz de reparar a ideia de que, durante este período, todos se submetiam a uma ditadura militar. O professor revela que o impacto acadêmico de uma universidade modelo no Brasil não ficou manchado pela escuridão da época, ainda que se trate de lutas, sacrifícios e renúncias que marcaram esse momento da UnB .

DOCUMENTO NÚMERO CINCO

RECONQUISTA DO PASSADO
PARA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

VIDEO - **https://www.youtube.com/watch?v=0Fc9rsF60Xk#t=1213**

Anfiteatro da Reitoria da UnB - Núcleo de estudos do futuro- 27 de março de 2015- Reconquista do passado para construção do futuro **– VIDEO**
https://www.youtube.com/watch?v=0Fc9rsF60Xk#t=1213

No dia 25.03.2015, Marco Antonio Rodrigues Dias proferiu a palestra “Gestão da Educação Superior e a Universidade do Futuro”. Em sua fala, Rodrigues salientou a importância de se analisar fatos errôneos do passado para que não sejam replicados em ocasiões futuras.

O evento foi realizado pelo Núcleo de Estudos do Futuro, em parceria com a Escola de Verão “Pesquisa em Comunicação na América Latina”, iniciativa organizada por uma rede de universidades que inclui a UnB em articulação com a Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC).

O professor Marco Antonio Rodrigues Dias exerceu diversos cargos de gestão na Universidade de Brasília entre 1970 e 1981. Foi diretor do então Departamento de Comunicação, decano de extensão e vice-reitor da UnB. Após esse período, trabalhou como diretor da divisão de Ensino Superior da UNESCOnesco, em Paris, onde mora atualmente e presta consultoria internacional na área de Educação.

Ao iniciar sua conferência, o pesquisador se emocionou ao lembrar-se do passado: “a última vez que estive neste auditório foi em 26 de agosto de 1977”. Nessa data, foi realizada reunião do Conselho Universitário (Consuni) que deliberou pela expulsão e suspensão de aproximadamente 60 estudantes da Universidade por serem contra a ditadura militar.

Na ocasião, apenas seis integrantes do Conselho votaram contra a medida: quatro estudantes, ele, então vice-reitor, e José Carlos Córdova Coutinho, que à época dirigia a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e hoje é professor emérito da UnB e membro da Comissão UnB.Futuro.

Para Marco Antonio Rodrigues, muitos dos integrantes no Consuni estavam aterrorizados e com medo de serem demitidos se votassem contra a punição dos estudantes de uma medida que “além de ter um aspecto político era ilegal”. O então vice-reitor aproveitou a posição que ocupava para copiar e guardar documentos importantes da época. Segundo ele, esse material comprova que a gestão da universidade estava voltada para um caminho de centralização, que tolhia a participação democrática.

Segundo o conferencista, é importante trazer à tona esses fatos para que no futuro ações desse tipo não sejam replicadas, uma vez que, utilizando pensamento de Octavio Paz, “a construção do futuro passa necessariamente pela reconquista do passado”.

Para Marco Antonio Rodrigues o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, como os MOOCs (em inglês, Massive Open Online Course) traz consigo uma série de desafios. Na visão dele, é equivocada a ideia de que o número de instituições universitárias presenciais vai diminuir drasticamente com a evolução de recursos tecnológicos e esse seria um contexto muito perigoso para a formação. O professor destacou que usá-los não é um fato novo, o que é novidade - e um problema - é o seu uso comercial.

Um outro desafio citado pelo pesquisador para os gestores universitários é a mercantilização do Ensino Superior. Segundo ele, tem havido distorções nas cooperações feitas em âmbito internacional que compreendem a educação como um serviço comercial e não como um direito, correndo o risco de que a universidade forme para o interesse de empresas multinacionais em vez de

promover a formação adequada a um projeto de nação. Por isso, para ele, “as universidades deveriam analisar a realidade social ao definirem suas missões”.

Presente no evento, o ex-reitor da UnB João Claudio Todorov destacou que Marco Antonio Rodrigues tem atuação destacada na reflexão sobre a educação superior e “pode compartilhar conosco ideias do que fazer no futuro”. O reitor Ivan Camargo também ressaltou a importância do depoimento do professor e considerou que momentos ricos como esse trazem subsídios para que se discutam outras questões ligadas à gestão da universidade.

DOCUMENTO NÚMERO 6

UNIVERSIDADE PARA QUÊ E PARA QUEM?

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias - Diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO - Universidade de Brasília, 22 de novembro de 1993 – Discurso na UnB em seguida à recepção do diploma e medalha do mérito educativo do Ministro Murílio Hingel-Ministério da Educação em 11.11.1993

Prezados amigos,

Nos últimos tempos, tenho vivido momentos fortes de emoção, tanto no nível pessoal, como no familiar e no profissional. A recepção da medalha do mérito educacional e esta homenagem na UnB são de natureza a reforçar estes sentimentos. Vocês acabam de tocar fundo em minha sensibilidade com a oferta que me fazem de uma cópia de um filme inédito de Hanz Forthmann. Creio que um dos atos de maior importância que tive a oportunidade de executar na UnB foi, em 1970, o do reconhecimento do valor de Hanz Forthmann. Muito competente, sem dúvida um dos maiores fotógrafos no Brasil, Forthmann não dispunha de título universitário formal e estava "encostado" numa unidade da UnB, o CRAV -Centro de Recursos Audiovisuais- quando tomei a iniciativa de aproveitá-lo como professor colaborador do Departamento de Comunicação. Sempre que, no exercício de minhas funções atuais -diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO- menciono a necessidade de reconhecer competências, de valorizar o resultado do saber adquirido pela experiência, recordo o exemplo do fotógrafo e professor Forthmann. O diploma pode ser um indicador de conhecimento, mas o saber se adquire de múltiplas formas e não podemos sacralizar diplomas como se fossem fonte de saber e de experiência. Forthmann foi um grande professor, um grande educador, um grande comunicador, um grande amigo. Muito obrigado a todos!

Ao ser informado poucas semanas atrás, em Paris, pelo Ministro Murílio Hingel de que seria condecorado com a medalha da Ordem Nacional do Mérito Educativo recebi a notícia com surpresa e, até certo ponto, com indiferença. Sempre fui muito crítico a este tipo de condecorações, pensando talvez em personalidades agraciadas mais por razoes políticas que educacionais, sobretudo durante o regime militar. No entanto, ao verificar quais foram os critérios adotados para a escolha dos homenageados com esta condecoração e, ao tomar conhecimento da lista dos agraciados pelo Presidente Itamar Franco e pelo Ministro Murílio Hingel, senti-me sensibilizado. Estar ao lado de personagens como Paulo Freyre, Federico Mayor, James Grant, Florestan Fernandes, Alceu de Amoroso Lima (post-mortem), Lauro de Oliveira Lima, Maria Clara Machado, José Seixas Lourenço, Divonzir Gusso, Aluísio Pimenta, Branca Alves de Lima e outros, é altamente honroso.

Estou satisfeito por receber a condecoraçâo das mãos de um ministro, que, além de educador, efetivamente se interessa por educação... Aceitei, com honra e emoção, esta medalha pelo que significa, pelo reconhecimento da importância da Organização a que estou ligado -a UNESCO- e também pelo reconhecimento do valor do trabalho que ali tento executar.

Licenciei-me da UnB há 12 anos nos estertores de um período negro que durou mais do que devia e que deixou rastros de escuridão visíveis ainda agora. Quiseram fazer de mim uma vítima, resisti e, parafraseando o compositor popular, com a ajuda de amigos, balancei, sacudi a poeira e dei a volta por cima... Quiseram, algumas pessoas bem intencionadas, fazer de mim um guru. Recusei. Não há nada de mais melancólico do que ver alguém viver do passado sem se dar

conta de que a vida é dinâmica e de que os indivíduos como as sociedades evoluem, mudam, redirecionam-se.

Sinto-me realizado e gratificado de regressar à UnB onde minha voz foi cassada há mais de quinze anos, não para rever o passado, mas para falar do presente e para discutir o futuro, mostrando o que está fazendo numa organização internacional um professor desta instituição e para recordar que o "baixo austral" não é condição de vida, deve ser evitado a todo custo e que a construção de um ideal coletivo deve estar sempre na mira de frente de quem está envolvido com instituições universitárias.

O Brasil mudou muito desde minha partida do Brasil em outubro de 1981. Segundo a revista semanal "Isto é", nestes doze anos, a inflação, no Brasil, cresceu 87.700.229.060% (oitenta e sete bilhões, setecentos milhões, duzentos e vinte e nove mil e sessenta por cento). O Brasil pôs em marcha 12 programas de estabilização da economia, 5 congelamentos de preço, 11 índices oficiais para medir a inflação, 24 propostas de negociação da dívida externa, 16 políticas salariais, 18 políticas cambiais, 5 moedas, com corte de 12 zeros.

A UnB também mudou muito. Ela teve quatro reitores: um militar, um reitor de transição, os Professores Cristovam Buarque e Antonio Ibañez, ambos tentando, cada um a sua maneira, de reavivar a instituição. Um quinto reitor acaba de tomar posse, o Professor João Cláudio Todorov, num momento difícil para o país e para a universidade, mas num período igualmente em que diversos fatores, mais uma vez, criam a esperança de que a UNB retomará seu vigor inicial e atingirá os objetivos que levaram à sua criação e que tanto entusiasmaram brasileiros de todos os níveis nos últimos trinta anos.

Temos um ministro de educação preocupado em educação, temos, na UnB, um reitor que batalhou pela liberdade nos tempos duros, ganhou experiência participando dos acertos e dos erros da administração da universidade no momento da redemocratização, teve maturidade para esperar sua hora e vez que ocorre justo quando o país, passado o pesadelo da aventura presidencial irresponsável, entra numa catarse coletiva, voltando a se questionar, rompendo tumores e, de novo, indagando que tipo de sociedade queremos construir.

É uma oportunidade que não pode ser perdida!

A UNESCO desenvolveu nos últimos anos, sob a supervisão da divisão que tenho a honra de dirigir, uma grande reflexão, a nível global, sobre tendências e desafios do ensino superior.

No mundo inteiro, o crescimento dos efetivos neste nível de ensino foi extraordinário. Os estudantes universitários que eram 28.2 milhões em 1970 tinham superado a marca dos 60

milhões no início dos anos noventa. Os resultados desta explosão foram semelhantes no mundo inteiro:

- -queda da qualidade
- -improvisação de professores
- -problemas financeiros.

Em alguns países, cremos seja o caso do Brasil, a estes problemas somaram-se distorções sérias como:

- -privatização selvagem
- -abandono ou enfraquecimento do ensino secundário, com repercussões no acesso e na baixa da qualidade no ensino superior.

Estes debates concluíram, no mundo inteiro, pela necessidade de a universidade se repensar e de os países desenvolverem modelos próprios adaptados às realidades culturais e sociais de cada país.

A título de exemplo, menciono que um dos dramas da universidade africana é sua inadequação à realidade social como resultado da utilização de modelos europeus (inglês, francês e português). Na Ásia, um indicador interessante para análises é o da constatação de que os países que mais desenvolvimento apresentam atualmente, os tigres asiáticos, deram todos grande prioridade à formação universitária. No entanto, praticamente todos agora consideram que o sistema universitário apresenta falhas por nâo levar suficientemente em consideração as ricas culturas da região. Na América Latina e em especial no Brasil, é evidente que as reformas dos anos sessenta baseada em relatórios de técnicos estrangeiros foram "reformas vindas de fora", e seus efeitos negativos são conhecidos de todos.

Em que se deve basear a ideia de uma nova universidade?

Há um consenso generalizado de que três fatores ou elementos absolutamente interligados devem merecer a atenção dos que têm responsabilidade na matéria.

- -qualidade em geral, e especificamente qualidade dos professores, dos estudantes, de métodos e técnicas.

- -relevância, com o reforço dos vínculos não só com o setor produtivo, como advogam muitos, mas com o conjunto da sociedade e, em particular, com os demais níveis dos sistemas educacionais.

- -reforço da cooperação regional e internacional. Nenhuma pessoa, nenhum país pode viver só. Os problemas são de tal forma interligados que isolar-se pode significar desaparecer.

E evidente que estou me limitando a tocar brevemente em pontos que, cada um, individualmente, pode ou podem ser objeto de longas exposições e discussões. A UNESCO e o IDRC (International Development Research Centre) do Canadá estão lançando, estes dias, um voluminoso livro de um especialista colombiano, Alfonso Borrero Cabal, que apresenta o estado da arte da discussão global sobre ensino superior no mundo. Ao mesmo tempo, um documento estabelecendo princípios para uma política universitária foi distribuído recentemente no mundo inteiro, com o título de "Strategies for change and development in higher education". Comentários de organizações governamentais e não governamentais, assim como de universidades e especialistas individualmente, serão recebidos até fevereiro do próximo ano e incorporados, na medida do possível. Este documento refletirá a posição oficial da UNESCO, organização que, no sistema das Nações Unidas, tem a seu encargo, entre outras missões, a definição de políticas no campo educacional.

Ponto interessante em todos estes debates foi o de que, quando discutindo os objetivos da universidade nos tempos atuais e tentando responder a questões do tipo Universidade ainda, Universidade para quê, Universidade para quem, os especialistas, em todas as regiões, se deram conta de que por detrás de todo modelo educacional, há sempre um modelo de sociedade que é defendido. No Brasil colônia, a educação foi, durante longo tempo, controlada pelos jesuítas que se apoiavam num sistema baseado em princípios imutáveis para uma sociedade estabilizada. No pós 64, militares e tecnocratas buscavam uma modernização num contexto de concentração de riquezas e de dependência internacional.

Olhando de fora, com recuo, quando se vê o que se passa no Brasil de hoje -mas também em outras partes do mundo- salta aos olhos que o que faz falta é o que os católicos envolvidos em movimentos sociais chamavam, no Brasil dos anos sessenta, um "Ideal Histórico".

Esta ausência se fez sentir de maneira mais visível depois de 1989. Com a queda do Muro de Berlim, passou-se a defender uma nova ordem mundial baseada, em nível internacional, na consolidação de poderes homogêneos e implicando, nos países periféricos, um afastamento do Estado das políticas sociais. Confundiu-se liberdade com adoção de políticas que levam a monopólios e, portanto, à eliminação da liberdade.

É útil recordar que o fenômeno é global, afeta todos os tipos de instituição, inclusive as Nações Unidas que lançaram uma vasta operação de reformas internas. Quais são as bases para esta ação?

O Secretário geral das Nações Unidas, Boutros Gali, fundamenta a reforma em dois documentos básicos, o primeiro deles a "Agenda para a Paz", verdadeiro guia prático para o estabelecimento de uma paz marcada pelos princípios da Democracia, da compreensão dos outros indivíduos e de outras culturas e do respeito aos direitos humanos.

Estes princípios são válidos para as Nações Unidas, mas se aplicam aos governos dos países membros, a organizações governamentais, a instituições as mais diversas, inclusive as universidades. Em política, como na vida dos indivíduos, há gestos que têm valor de símbolo. A UnB tem uma chance única de mostrar seu apego aos princípios de compreensão, de respeito aos indivíduos, de Democracia. Professores e servidores injustiçados por atos de repressão foram anistiados. Que atitude se adotou em relação aos estudantes expulsos da UnB no final dos anos setenta com base em um processo forjado em que a principal peça de acusação era o testemunho dos agentes de segurança da própria autoridade puni Dora? Como justificar mais de 30 expulsões quando a "falta" baseada nestes testemunhos fora "comprovada" para apenas 11 acusados? Como justificar um ato de repressão e, ainda por cima, sem motivação?

Naquela ocasião, os estudantes ficaram desamparados. Não fora a ação do Professor Padre Aleixo com apoio da CNBB, a quem eu tentei ajudar, que obteve matrícula para vários dentre eles em universidades católicas, o prejuízo seria total para todos. Mas, mesmo para aqueles que puderam reconstruir sua vida acadêmica -e não foram todos- ficou o sentimento de terem vivido uma injustiça. Deixo aqui minha sugestão ao Professor Todorov e ao Conselho Universitário da UnB: façam justiça, anulem o processo de expulsão, anulem os atos de expulsão. Para a maioria, senão para a totalidade dos estudantes, tal gesto será simbólico, nenhum efeito prático terá, mas demonstrará as intenções da Universidade. A anulação da condenação de Galileu -em outro momento negro da história, o da Inquisição- levou séculos para ser executada, mas serviu de símbolo e reparou uma injustiça. Que a UnB apague esta mancha de sua história!

O segundo documento base da operação de reformas das Nações Unidas data de 1991 e chama-se "Internacional Development Strategy". Defende um desenvolvimento social baseado em dois pontos fundamentais: a eliminação da pobreza e a formação de recursos humanos. Faço um parêntese para lembrar que a Campanha contra a fome lançada por Betinho toca, em realidade, num dos problemas graves do mundo atual e, em particular do Brasil. Nosso país infelizmente, nos últimos dez anos, aparece sempre em posição de destaque, mas de destaque negativo, quando se trata de indicadores sociais: alto nível de analfabetismo, crianças que entram na escola e não têm condições de ali permanecer, quase vinte por cento da população vivendo em estado de pobreza absoluta etc. etc. etc.]

No que diz respeito à formação de recursos humanos, as universidades têm um papel importante a desempenhar. Recordo aqui uma visita recente à UNESCO de um mitológico chefe de estado africano, Julius Neyrere, da Tanzânia, país que se tornou célebre por haver desenvolvido uma das campanhas de alfabetização de maior sucesso entre os países em desenvolvimento. Neyrere considera, no entanto, que seu país cometeu um erro não cuidando, da mesma maneira, da formação em nível superior. O resultado foi que se tornou impossível manter a educação de base em nível de qualidade, já que a formação de professores e a pesquisa educacional dependem de um bom ensino superior, sem contar que ali também se formam os quadros dirigentes do país e os pesquisadores de que necessita o país.

Levando em conta todos estes fatores, aproveito a ocasião para indagar de meus colegas da UnB, por que não se aproveitam as condições atuais que, como mencionei, são favoráveis a iniciativas desta natureza e não se tenta transformar a UnB em um centro de reflexão coletiva sobre o que é e o que deve ser um estabelecimento de ensino superior?

Em outras palavras, tomando-se em conta a missão específica de uma universidade pública na capital federal, por que não aproveitar o momento e estabelecer um polo de reflexâo-formaçâo-açâo, de âmbito nacional para refletir sobre:

- -missão do ensino superior
- -vinculação com a sociedade, inclusive desenvolvimento de uma avaliação institucional global
- -responsabilidade em relação ao conjunto do sistema educacional
- -utilização de novas tecnologias para o ensino em nível superior?

Esta solenidade está servindo para soldar um elo que se partira quando de meu afastamento da UnB em 1981.

Quero, no entanto, assinalar que, durante todo este período, participando de ações importantes no campo do ensino superior, no mundo inteiro, sempre que possível, mencionei o fato de ser professor da UnB e aqui ter vivido uma experiência que marcou minha vida e que me é extremamente útil nas tarefas que desempenho.

Como diretor da Divisão do Ensino Superior da UNESCO, fui chamado a exercer responsabilidades em campos tais que:

- -retomada da importância do ensino superior, através da elaboração de documentos de política, organização de debates, preparação de estudos de caso e de estudos globais.
- -valorização da posição dos professores. A Divisão do Ensino Superior é encarregada, na UNESCO, da implementação da Recomendação UNESCO-OIT de 1966 sobre a condição e o estatuto do docente que beneficia professores de todos os níveis com exceção daqueles que atuam no ensino superior. No mês passado, finalmente, a Conferência Geral da UNESCO examinou documento contendo termos de referência

para elaboração de um documento da mesma natureza para os professores do ensino superior.

- -Renovação da formação de professores, sobretudo em países em desenvolvimento.

- -Defesa da autonomia universitária, acompanhada de ações visando a reforçar a responsabilidade social de professores e das instituições.

- -Estímulo à melhoria do ensino, inclusive através do uso de novas tecnologias.

- -lançamento de um movimento de cooperação internacional através do Programa UNITWIN que, em menos de dois anos, foi capaz de tornar operacionais cerca de 15o projetos baseados nas cátedras UNESCO e em redes temáticas. A UnB está implicada em duas redes, uma sobre meio ambiente, cujo ponto focal é a Universidade de Concepción no Chile e outra sobre educação a distância, cujos termos de referência serão discutidos brevemente numa reunião a ser organizada em Caracas, Venezuela.

Concluindo,

Jamais aceitaria regressar à UnB para fazer a apologia do passado.

Sou grato ao Ministro da Educação e ao Presidente da República que reconheceram o valor do trabalho desenvolvido na e pela UNESCO.

Sou grato ao reitor Todorov, aos colegas da Faculdade de Comunicação, a todos vocês por darem um sentido ao trabalho que é feito, a nível internacional, por um professor da UnB. Agradeço, emocionado, as palavras dos Professores Todorov, Sérgio Porto, Marcos e José Luís Braga.

E desnecessário dizer que estou muito emocionado com o restabelecimento de um elo rompido há mais de uma década e com a retomada de uma palavra cassada há pelo menos quinze anos, tudo isto num momento em que -não tenho dúvidas- a UnB vai, de novo entrar num "astral muito bom".

DOCUMENTO NÚMERO 7

DISCURSOS DE PARANINFO OU PATRONO ENTRE 1977 E 1980

1- Paraninfo dos formandos em Medicina – 2º. Período de 1977- Auditório 2 Candangos – UnB – Janeiro de 1978 -

2- Patrono dos formandos em Comunicação – Dezembro de 1978-

3- Homenageado especial dos formandos em Engenharia Civil – Dezembro de 1978

4- Patrono dos formandos em Tecnologia (Engenharia Civil, Mecânica, Elétrica, Agronômica e Florestal)_ - 15.12.1979 –

5- Patrono dos formandos em Ciências Biológicas (Ecologia, Botânica, Biomedicina, Biologia Animal, Biologia Molecular) – 19.12.1979

6- Paraninfo dos formandos em Música – Julho de 1980

7- Patrono dos formandos em Ciências Biológicas – Julho de 1980

MENSAGEM AOS FORMANDOS

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias

vice-reitor da UnB

Discurso de paraninfo aos formandos

em Medicina da UnB - 2o. período de

1977 - Auditório Dois Candangos - UnB

Janeiro de 1978

Ao encerrarem uma fase importante da vida, concluindo o curso de graduação, é natural que os novos médicos se questionem, indagando qual é sua responsabilidade diante da sociedade.

O desafio é grande e não pode ser comparado ao de anos atrás, quando as Escolas de Medicina eram poucas e os médicos formavam uma elite. Hoje, com mais de 50 mil alunos inscritos, as 75 Escolas de Medicina do País lançam, no mercado, anualmente, cerca de nove mil médicos, que se concentram nos grandes centros urbanos.

Este número é consequência direta do aumento de vagas e da criação de cursos em escala geométrica, desenvolvida a partir de 1965. Se, de um lado, houve um início positivo de democratização, as vozes que se levantam contra a queda do ensino são gerais e deste estigma nem mesmo as melhores escolas conseguem se livrar. Há 15 anos, pelo menos uma escola brasileira era apontada como entre as melhores do mundo, façanha que, hoje, nenhuma delas consegue repetir.

Esta queda teve várias consequências, uma delas, a mais visível, dramatizada pela obsessão com que os formandos se atiram à concorrência em busca de uma vaga de residente. A residência médica, frequentemente, deixou de ser um curso de especialização, servindo somente de complementação para a graduação mal feita. Pior ainda, como resultado, os médicos residentes trabalham em sistema de dedicação exclusiva, por um salário irrisório e, em muitos casos, até mesmo de graça. Deixam de receber aquilo a que teoricamente têm direito: uma orientação e um aperfeiçoamento que leve a uma especialização.

Nosso ensino médico apresenta falhas sérias, sendo exaustivo e desnecessário enumerá-las todas agora. A mais grave, no entanto, é a que advém de seu desligamento da realidade brasileira. Ocupam-se as universidades mais em transmitir a seus alunos a preocupação exclusiva com aspectos de recuperação, onde maior é a demanda, e maior o prestígio social, deixando de lado ou não dando igual importância a trabalhos de prevenção. Além disso, não há, no Brasil, estabelecimentos em condições de preparar, em quantidade e qualidade suficientes, o pessoal auxiliar de saúde. Cria-se, assim, uma disparidade enorme entre o número de médicos e o dos demais profissionais de saúde. As consequências não podem ser ignoradas. Situados no topo de uma pirâmide, ficam sem base e, muitas vezes, ou trabalham em condições adversas ou são obrigados a executar tarefas inferiores ao treinamento que supõe-se tenham recebido.

A discussão destes problemas leva ao debate sobre a função da Universidade na sociedade. Em realidade, ela pode exercer três funções:

a) ser uma espécie de depositária da cultura adquirida e um agente de transmissão da ordem social;

b) ser um instrumento de adaptação às mudanças profissionais e

sociais, tentando atender às necessidades profissionais existentes e aquelas que se criarem;

c) ser lugar de produção de conhecimento e de modelo cultural de uma sociedade, o que implicaria numa postura livre e criadora por excelência.

Manter a Universidade apenas como depositária da cultura e transmissora de uma ordem, apesar de ser o ideal concreto de muitos, é inviável socialmente num país em crescimento como o Brasil. Esta posição é por demais conservadora.

A segunda opção já se adapta a um modelo de crescimento econômico, mas é insuficiente também. A Universidade, é claro, deve atender às necessidades do mercado de trabalho, sobretudo através de diversos de seus segmentos. **Não haverá, no entanto, universidade verdadeira, enquanto no centro de seus objetivos não estiverem a criação de uma cultura nova e reflexões sobre sua utilização social.**

A responsabilidade social da Universidade deve levá-la não apenas à transmissão e utilização, como também à elaboração da cultura e da ciência em benefício de todo o corpo social. Uma instituição só tem sentido quando responde às exigências do grupo social que a institui e sustenta. **E a democratização da cultura é, sem dúvida, no Brasil, uma das exigências fundamentais da sociedade moderna. Os benefícios desta instituição devem, pois, ser estendidos a toda a população.**

Na última década, o que assistimos foi as Universidades brasileiras tentarem responder aos apelos do mercado de trabalho, formando técnicos e profissionais nas várias categorias. Historicamente, esta opção foi acompanhada por medidas visando a despolitizá-las advindo daí os instrumentos de exceção, como o Decreto-Lei 477, que alguém já denominou de "lei de Newton depravada". Para a despolitização, no caso sinônimo de ausência de debates, contribuem também as estruturas burocráticas, democráticas na aparência, mas que, muitas vezes, agigantaram-se numa autêntica inversão de valores, passando também a ser instrumento de controle, em vez de serem meios para se atingir a um fim social.

Tudo isto representa distorções. **A Universidade, para ser criadora, necessita ler livre. Universidade só rima com liberdade e verdade,** afirmou o ex-Ministro da Educação e Cultura, Roberto Lyra, mestre de várias gerações de brasileiros. E, como distorção leva a distorção, assistimos, hoje, frequentemente, a espetáculos, em que o estudante é visto como a classe inimiga.

Não existe classe estudantil propriamente dita. Existe, sim, um

movimento, uma dinâmica, com gerações se sucedendo, deixando umas às outras a tradição própria da juventude de combate por ideais libertários. **Falar em classe, no entanto, e ver no estudante, como um todo, a classe inimiga, é aberração.**

A título de exemplo, veja-se o caso da UnB que, hoje, não é a mesma de agosto de 1977. Com o encerramento de dois semestres, cerca de 1 500 estudantes de graduação, num total de 10 mil, saíram da Universidade e outros tantos ingressaram. Considerando-se que os que saíram eram exatamente os mais antigos, fácil é de se deduzir que, em seis meses, outro é o grupo social. Há, além disso, hiato entre as turmas, há falta de continuidade, há interrupções, diversas são as lideranças.

Quem já frequentou os bancos escolares universitários, no Brasil, sabe a que aspira a massa estudantil. Desejam os estudantes conquistar um lugar ao sol. Para isso, reagem de maneiras diversas, exigindo todos, porém, o máximo dos estabelecimentos universitários. Como jovens, não podem ser apáticos. Querem participar das decisões, querem ser senhores de seus destinos.

Conciliar estas aspirações múltiplas, de milhares de pessoas, com a necessidade de manter o equilíbrio e a ordem de uma instituição não é tarefa fácil. Exige discernimento, exige dedicação, exige despreendimento, exige amor. **Exige, enfim, que o professor e o dirigente universitário sejam verdadeiros educadores**, que se imponham por seu valor e por sua capacidade de compreensão e diálogo. **O estudante não pode ser visto como inimigo. Isto não é educativo. O respeito à autoridade é fundamental, mas autoridade o verdadeiro educador sempre tem. A autoridade existe ou não existe, ela se impõe por si só, sem necessidade de apoio em recursos externos, seja de que natureza forem.**

JÁ É TEMPO DE SE PENSAR EM INSTRUMENTOS LEGAIS CAPAZES DE PERMITIR A RESPIRAÇÃO POLÍITICA DENTRO DAS UNIVERSIDADES, sem que isto implique na possibilidade de os estudantes se transformarem em ponta de lança de movimentos manipuladores. Tal providência se impõe, desde que se queira edificar uma universidade livre e criadora, que exige participação de todos os seus membros e que seja capaz de formar os líderes de que o País vai precisar para consolidar sua posição no concerto mundial das nações.

A realidade atual tem levado muitos, sobretudo dentre os jovens médicos, ao saírem das Universidades, a desanimarem, isolando-se e procurando encontrar uma solução individual, colaborando para perpetuar uma situação ainda existente na medicina, de ciência e arte a serviço de poucos, enquanto os problemas amplos de saúde da população permanecem sem solução. Nessa posição conformista, está frequentemente a origem da submissão a uma medicina comercializada, que visa apenas ao lucro.

É do Secretário de Educação de Brasília, Embaixador Wladimir Murtinho, a afirmação publicada em jornal da capital (Jornal de Brasília de 02.12.76) de que "cinquenta por cento dos alunos matriculados em Brasília na primeira série do primeiro grau, não têm condições de passar para a série seguinte, tendo em vista os problemas de desnutrição, doenças infectocontagiosas e de cultura, motivadas por suas condições socioeconômicas".

Não é preciso desfilar estatísticas sobre deficiências da saúde, para mostrar o muito que precisa ser feito, o longo caminho que temos de trilhar. O fato é que o profissional de saúde tem importante papel a desempenhar no processo de desenvolvimento.

A verdade, por outro lado, é que de nada adiantariam medidas isoladas tomadas por médicos. O problema da Saúde tem de ser visto dentro de uma estratégia de desenvolvimento nacional. E este, segundo definição de um ministro do atual governo, o das Comunicações, não pode ser considerado apenas como um aumento indiscriminado de bens e comodidades, devendo, antes, ser visto como um processo de mudança sócio-política, capaz de acarretar alterações na Economia, na Ecologia e na Cultura, enfim, objetivando a pessoa humana, sempre favorecendo o progresso material e social da maioria da população.

Estamos vivendo momentos importantes no País e creio que não é tempo para pessimismos, não se admitindo tampouco o conformismo. A festa de formatura não deve ser hora nem de ressentimentos, nem de frustrações. **Com base no passado, vivendo intensamente o presente, é preciso olhar o futuro.**

Depois de seis anos de estudo, de vida em comum, de experiências agradáveis umas, desestimulantes outras, sessenta novos médicos chegam ao final de cursos na Universidade de Brasília, prontos para mergulhar na realidade brasileira como profissionais da saúde. A escolha, para patrono do professor Plínio Caldeira Brant, mostra bem o ideal que os novos médicos têm de sua profissão. Os formandos, na figura deste professor, estão homenageando o profissional competente e sério, o mestre dedicado, rigoroso, acessível, dono da arte do diálogo, o homem sensível que vê a saúde como elemento de desenvolvimento social e que optou pela dedicação exclusiva ao magistério com prejuízo de ordem material.

Não posso deixar de mencionar também a emoção que tive ao tomar conhecimento de que fora escolhido paraninfo da turma de Medicina. Devo ressaltar, porém, que, em certos momentos, por força de circunstâncias, mais do que uma pessoa, o que ela representa é que é realçado.

Estamos diante de um caso desta natureza. Classificados como estudantes da área de Ciências Exatas, os novos médicos escolhem alguém de Humanidades, mais precisamente da Comunicação. A ninguém pode escapar o sentido crítico desta escolha. Ao fazê-la, os formandos em Medicina da UnB indicam que Medicina também é ligada ás Humanidades e não pode se limitar a fórmulas matemáticas. Seu exercício não pode ser balizado por uma atitude

mecanicista, como se o médico fosse um computador de última geração, capaz de responder, de acordo com qualquer programação que lhe fosse imposta. Não podem aceitar esta concepção. A visão mecanicista desrespeita a natureza humana e avilta a sua profissão, marginalizando o médico de um processo de alteração de estruturas que leve o País ao desenvolvimento social, em que toda a população -e nâo apenas uma parte- seja beneficiada.

Os novos médicos também querem participar deste processo -a necessidade de participação é própria das Ciências Humanas- e sabem que o momento é chegado. Sabem que é urgente a adoção de medidas que garantam a participação efetiva de todos os elementos da sociedade na preparação e execução de planos e programas nacionais de desenvolvimento econômico e social. A não participação, quando a Nação é chamada apenas para executar planos elaborados sem sua consulta, torna seu envolvimento mais passivo que ativo e, frequentemente, leva à apatia ou à revolta. Uma das características das sociedades integralmente desenvolvidas -para onde o Brasil marcha- é o da tradição de legitimidade das autoridades baseada no fato de que a participação do público no processo de desenvolvimento é rotina.

Já se foi o tempo em que, impunemente, dizia-se que as pessoas favoráveis à distensão, à abertura, à participação, à democracia enfim, seriam sumariamente eliminadas. Estamos, queiram ou não os que reagem contra o progresso e o avanço social, no alvorecer de novos tempos. Juntos, vamos todos trabalhar pela Nação, acreditando na Democracia, na possibilidade do verdadeiro diálogo, na discussão franca dos problemas, na participação desinteressada de todos no processo de desenvolvimento do País.

MESSAGE TO MEDECINE GRADUATES

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias

Vice Rector of UnB – University of Brasilia

Patronizer (“paraninfo”) of the graduates of the Health School of the UnB in the second period of 1977

- Auditorium Dois Candangos – UnB - January 1978

By closing an important phase of life, concluding their graduation, it is only natural that the new doctors (physicians) question themselves and ask what their responsibility is to the society.

The challenge is great and cannot be compared to years ago when Medical Schools were few and doctors were elite. Today, with more than 50 thousand registered students, the 75 Medical Schools of the Country form, annually, about 9 thousand doctors, who are concentrated in the big urban centers.

This number is a direct consequence of the increase in vacancies and the creation of courses on a geometric scale, developed after 1965. If, on the one hand, there was a positive beginning of democratization, the voices that rise against the fall in the quality level of medical education are general and of this stigma not even the best schools can get away. Fifteen years ago, at least one Brazilian school was considered among the best in the world in the field of health, a feat that today, none of them can repeat.

This fall has several consequences, one of them, the most visible, dramatized by the obsession with which the graduates throw themselves to the competition in search of a vacancy of resident. Medical residency has often ceased to be a specialization course, serving only as supplementation for poorly graded course. Worse still, as a result, resident physicians work on a system of exclusive dedication, for a derisory salary and, in many cases, even for free. They stop receiving what they theoretically have the right to: an orientation and an improvement that leads to a specialization.

Our medical education presents serious failures, being exhaustive and unnecessary enumerating them all now. The most serious, however, is the one that comes from its disconnection from the Brazilian reality. The universities are more concerned with transmitting to their students the exclusive concern with aspects of recovery, where the demand is greater, and the social prestige is greater, leaving aside or not giving equal importance to prevention work. In addition, there are no establishments in Brazil able to prepare, in sufficient quantity and quality, auxiliary health personnel. This creates a huge disparity between the number of doctors and other health professionals. The consequences cannot be ignored. Situated at the top of a pyramid, they are without base and often work under adverse conditions or are forced to perform tasks inferior to the training they are supposed to have received.

The discussion of these problems leads to the debate about the role of the University in society. In fact, it can perform three functions:

a) be a kind of depository of the acquired culture and an agent of transmission of the social order;
b) be an instrument to adapt to professional and social changes, trying to meet the existing professional needs and those that are created;
c) a place of production of knowledge and cultural model of a society, which would imply a free and creative posture par excellence.

Keeping the University only as a depository of culture and transmitter of an order, despite being the concrete ideal of many, is socially unviable in a growing country like Brazil. This position is too conservative.

The second option is adapted to a model of economic growth, but it is insufficient as well
The University, of course, must meet the needs of the labor market, especially through several

of its segments. There will, however, not be a true university, while at the center of its objectives it is not included the creation of a new culture and reflections on its social use.

The social responsibility of the University must lead not only to transmission and use, but also to the elaboration of culture and science for the benefit of the whole social body. An institution only makes sense when it responds to the demands of the social group that establishes and sustains it. Democratization of culture is undoubtedly in Brazil one of the fundamental demands of modern society. The benefits of this institution should therefore be extended to the entire population.

In the last decade, what we have witnessed was the Brazilian universities trying to respond to the demands of the labor market, training technicians and professionals in the various categories. Historically, this option has been accompanied by measures to depoliticize them, hence the instruments of exception, such as Decree-Law 477, which someone has called "depraved Newton's law." “Depoliticization”, in this case is synonymous with the absence of debates. The bureaucratic structures, democratic in appearance, also contribute to this. Often they have provoked a real inversion of values, becoming a means of control instead of being means to achieve a social purpose.

All this represents distortions. The University, in order to be creative, needs to be free. University only rhymes with liberty and truth, said the former Minister of Education and Culture of Brazil, Roberto Lyra, teacher of several generations of Brazilians. And since distortion leads to distortion, we often see spectacles today, in which the student is seen as the enemy class.

There is no student class itself. There is, indeed, a movement, a dynamic, with succeeding generations, leaving to one another the tradition of youth fighting for libertarian ideals. Speaking in class, however, and seeing the student as a whole, the enemy class is aberration.

As an example, we can see the case of the University of Brasilia –UnB-, which is not today the same as that of August 1977. With the closure of two semesters, about 1,500 graduate students, out of a total of 10,000, left the University and others have joined the institution. Considering that the ones that came out were exactly the oldest ones, it is easy to deduce that in six months, another is the social group. There is, moreover, a gap between the classes, there is a lack of continuity, there are interruptions, there are several leaderships.

Anyone who has attended university school benches in Brazil knows what the student masses want. They want to gain a place in the sun. For this, they react in different ways, demanding, however, the maximum of university establishments. As young people, they cannot be apathetic. They want to participate in decisions, they want to be masters of their destinies.

Reconciling these multiple aspirations of thousands of people with the need to maintain the balance and order of an institution is no easy task. It requires discernment, it requires dedication, it demands disrespect, it demands love.

It requires, in short, that professors and the university managers must be true educators, respected for their value and their capacity for understanding and dialogue. The student cannot be seen as an enemy. This is not educational. Respect for authority is fundamental, but authority the true educator always has. Authority exists or does not exist, it imposes itself, without need of support in external resources, of whatever nature.

Now, it is time for thinking about legal instruments allowing a political breath inside universities[19]. Of course, this does not imply the possibility students turn into spearhead handler's movements. Such a provision is required, as long as we want to build a free and creative university that requires the participation of all its members and that is capable of forming the leaders that the country will need to consolidate its position in the world concert of the nations.

The current reality has led many, especially among young doctors, when they leave the Universities, to be discouraged, isolated and looking at finding an individual solution, collaborating to perpetuate a situation still existing in medicine, science and art in the service of few, while the population's broad health problems remain unsolved. In this conformist position, it is often the origin of submission to a marketed medicine, which exists and operates only for profit.

The Secretary of Education of Brasilia, Ambassador Wladimir Murtinho, made a statement published in one newspaper of the capital (Jornal de Brasília on 02.12.76) that "fifty percent of the students enrolled in Brasília in the first grade don't have conditions to proceed to the next series, in view of problems of malnutrition, infectious diseases and culture, motivated by their socio-economic conditions".

There is no need to show statistics on health deficiencies to show how much needs to be done, the long road ahead. The fact is that the health professional has an important role to play in the development process.

On the other hand, it would not do any good for the society if doctors take measures alone.
The health problem has to be seen within a national development strategy with multidisciplinary approach. And this, according to the definition of a minister of the present government, that of the Communications, cannot be considered only as an indiscriminate increase of goods and amenities, but must be seen as a process capable of provoking socio-political change and improving the Economy, the Ecology and the Culture, finally, objectifying the human person, always favoring the material and social progress of the majority of the population.

We are living important moments in the country and I believe that it is not time for pessimism, neither for admitting the conformism. The graduation party should be no hour of resentment or frustration. Based on the past, living intensely the present, we must look at the future.

After six years of study, living together pleasant experiences, discouraging others, sixty new doctors arrive at the end of courses at the University of Brasilia, ready to immerse themselves in Brazilian reality as health professionals. The choice, for the patron of Professor Plínio Caldeira Brant, shows well the ideal that new doctors have of their profession. The graduates, in the figure of this professor, are honoring the competent and serious professional, dedicated, rigorous, accessible teacher, owner of the art of dialogue, the sensitive man who sees health as an element of social development and who opted for exclusive dedication to the teaching profession with material loss.

I cannot fail to mention also the excitement I had when I learned that I had been chosen as a patronize ("paraninfo") of the medical graduated students at the end of 1977. It should be noted,

[19] When this speech was made, the University of Brasilia still was occupied by militaries as a consequence of the 1977university crisis in Brazil.

however, that at certain times, by virtue of circumstances, more than one person, what he or she represents is that what is emphasized.

We are faced with a case of this nature. Classified as students in the area of Exact Sciences, the new doctors choose someone from the Humanities, more precisely the Communication. In doing so, medical graduates of the UnB indicate that Medicine is also linked to the Humanities and cannot be limited to mathematical formulas. Its exercise cannot be marked by a mechanistic attitude, as if the doctor was a computer of last generation, able to respond, according to any program imposed to them. They don't accept this conception. The mechanistic view disrespects human nature and degrades its profession, marginalizing the physician from a process of structural change that leads the country to social development, in which the entire population - and not only a part - is benefited.

The new doctors also want to participate in this process – the need for participation belongs to the Human Sciences - and they know that the moment is here. They know that it is urgent to adopt measures to ensure the effective participation of all elements of society in the preparation and implementation of national plans and programs for economic and social development. Non-participation, when the Nation is called only to execute elaborate plans without its consultation, makes its involvement more passive than active and often leads to apathy or revolt. One of the characteristics of fully developed societies –where Brazil goes-is that of the tradition of legitimacy of authorities based on the fact that public participation in the development process is a routine.

The time has gone by when, with impunity, it was said that those who favored distension, openness, participation, democracy, would be summarily eliminated. We are, whether those who react against progress and social progress, appreciate or not this evolution, at the dawn of new times. Together, we will all work for the Nation, believing in Democracy, in the possibility of true dialogue, in the frank discussion of problems, in the disinterested participation of all in the development process of the Country.

MENSAGEM AOS FORMANDOS
EM COMUNICAÇÃO

Marco Antonio Rodrigues Dias

Jornalista Profissional, Professor

de Comunicação, Vice-reitor da UnB

PATRONO dos formandos em COMUNICAÇÃO pela UnB - Brasília, dezembro de 1978

Convidado pela UNESCO para participar de um colóquio sobre a contribuição das universidades ao desenvolvimento das comunidades, vejo-me, a contra-gosto, impedido de comparecer à festa de formatura de vocês. Quero deixar registrada, porém, a emoção que tive ao ser escolhido patrono de uma turma de formandos em Comunicação pela UnB, no exato momento em que o país, reencontrando-se consigo mesmo, passa a dar passos firmes em direção da Democracia.

A emoção é grande e, creio, justificada! Como jornalista profissional e professor de Comunicação, estou convencido de que **somente em regime de liberdade, o profissional de Comunicação poderá exercer, dignamente, sua profissão. Só existe comunicação, onde há liberdade e participação**. Não é sem razão, pois, que todo regime autoritário, mesmo a nível de instituições, tenta liquidar com a comunicação, instaurando, em seu lugar, um sistema em que o público deixa de ser sujeito para se transformar em objeto de manipulação.

Ao debater, na UNESCO, a contribuição que as universidades podem dar, mas frequentemente não dão, ao desenvolvimento das comunidades, estarei pensando nesta geração sofrida, mas privilegiada, que a Universidade de Brasília lança, neste momento, para atuar na comunidade. E, lembrando-me da vibração, da coragem, do idealismo de vocês **-tanto os presentes como os**

infelizmente ausentes - direi que **uma universidade somente merece este nome se for livre**. Quando todas as forças que a constituem, apesar de eventuais diferenças, lutam juntas para solucionar os problemas da comunidade a que devem servir e não para dela se aproveitar, criando ou mantendo privilégios, aí então a Universidade estará cumprindo seus objetivos.

Estou certo de que vocês estarão à altura das necessidades sociais que o país exige neste momento e que, como profissionais, hão de lutar para a implantação de sistemas participativos de comunicação. Espero também que, depois de terem participado de momentos tão importantes desta Universidade, não voltem as costas para esta instituição que, tão nova, já tem uma história tão rica e cheia de significados para o país. É uma honra ser patrono de uma turma como a de vocês. Sua escolha, para mim, valeu como um julgamento público de que **esta juventude quer ter voz ativa no processo de desenvolvimento do país e não aceita que se calem as vozes que clamam pela liberdade**.

Brasília, dezembro de 1978 - Texto lido na cerimônia de formatura por Sonia Telles Horta Rodrigues Dias, esposa do patrono dos formandos.

MENSAGEM AOS FORMANDOS

EM ENGENHARIA CIVIL

Marco Antonio Rodrigues Dias, jornalista profissional, professor de Comunicação, Vice-Reitor da UnB, **HOMENAGEADO ESPECIAL** dos formandos em **ENGENHARIA CIVIL PELA UnB**, no segundo período de 1978 - Brasília, 28 de dezembro de 1978

Prezados amigos, formandos em Engenharia Civil pela UnB,

Não foi fácil chegar, hoje, aqui, mas valeu a pena. Estou emocionado com a recepção que vocês acabam de me proporcionar. Não poderia estar ausente desta festa, nem deixar de abraçar vocês e de cumprimentar suas famílias neste dia, neste local, neste horário...

Digo isto com tranquilidade, depois de passar uma semana inteira -a que precedeu o Natal- discutindo na UNESCO, em Paris, de onde acabo de chegar vindo diretamente do Aeroporto para cá- discutindo, repito, as relações entre a universidade e a comunidade.

Éramos dezessete especialistas de dezessete países diferentes, em sua maioria reitores de universidades ou diretores de assuntos universitários nos ministérios de Educação de seus respectivos países. Não é o momento, agora, de narrar, em detalhes, o que se passou nesta reunião internacional. Gostaria apenas de salientar que, durante os debates, pensava em nossa Universidade, a de Brasília, que é um patrimônio público e que, por direito, pertence à comunidade brasileira a quem deve servir.

Pensava também nesta geração que, ora, deixa a Universidade de Brasília e que tem o privilégio de iniciar sua vida profissional num momento em que o país começa a reencontrar o caminho da liberdade.

E importante acentuar, meus caros amigos, que, **por toda a parte, a universidade está em crise, porque o mundo inteiro está em crise.** Mas, para quem tem batalhado na Universidade de Brasília nos últimos anos, foi gratificante verificar que ao definirem os requerimentos indispensáveis para a existência de uma verdadeira universidade, por consenso, por unanimidade, todos os participantes do seminário da UNESCOo acentuaram que, **sem liberdade, não existe universidade.** Embora todos tivessem reconhecido ser difícil a autonomia universitária plena, todos concordaram em proclamar que **a existência de uma capacidade crítica dentro de uma universidade é imprescindível para que esta atinja seus objetivos** e deixe de ser uma instituição retrógrada, incapaz de acompanhar a evolução da sociedade. **Foi gratificante, insisto, e os formandos sabem o porquê.**

Não vou me alongar, pois é ao patrono da turma a quem cabe dar o tom a esta solenidade.

Como homenageado especial, porém, não posso me furtar a uma palavra sobre esta atenção dos formandos em Engenharia Civil em relação a um **jornalista profissional, professor de Comunicação, eventualmente Vice-Reitor desta UnB.**

Considerados como elementos da área de Ciências Exatas, decidem homenagear alguém da área de

Ciências Humanas, mais precisamente da área de Comunicação. Esta escolha é cheia de sentido e foi assim que a aceitei com muita satisfação. Os formandos em Engenharia Civil, da mesma forma que outros colegas seus, não aceitam a dicotomia entre Ciências Exatas e Humanas, como se apenas os que estejam classificados entre as últimas tivessem suas atenções voltadas para o aperfeiçoamento humano. A eles, a quem aprendi a conhecer e estimar nestes períodos difíceis que vivemos, repugna esta separação. Por isto, escolhem alguém da área de Comunicação e eu repito, agora, o que deixei declarado em mensagem escrita aos formandos de Comunicação deste período - dos quais fui o patrono- **"só há comunicação, onde há liberdade?. Este, creio eu, é o significado mais profundo desta homenagem tanto dos formandos em Comunicação, quanto dos formandos em Engenharia Civil**.

Desculpem-me pelo tom pessoal destas poucas palavras, mas para **alguém que, à véspera do fim dos atos de exceção, é objeto de uma cassação branca**, feita à revelia das autoridades legalmente constituídas e dos princípios elementares de direito, é impossível não se emocionar com o gesto destes jovens. E o momento é, de fato, de muita emoção.

Aos pais, às famílias, aos amigos dos formandos que aqui estão, digo, com segurança, que, diante de uma juventude que ousa se manifestar desta maneira, claramente, sem ambiguidades, não se pode ser pessimista com o futuro do país. As forças obscuras e retrógradas que se opõem ao reencontro do país consigo mesmo estão articuladas e não cessam de proferir ameaças. Mas, graças a Deus, o Brasil é um país jovem e a mensagem desta juventude, de amor à verdade e à liberdade, acabará por se impor.

Aos pais e familiares, meus cumprimentos.

Aos formandos, meus votos de que, efetivamente, exerçam sua profissão, utilizando toda sua capacidade em benefício da comunidade brasileira.

E, como **HOMENAGEADO ESPECIAL**, meu muito obrigado a vocês!

(texto pronunciado de improviso)

MENSAGEM AOS FORMANDOS

EM TECNOLOGIA

Engenharia Civil - Engenharia Mecânica - Engenharia Elétrica - Engenharia Agronômica e Engenharia Florestal

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias - vice-reitor da UnB, Patrono dos formandos em Engenharia pela UnB- 15.12.79

Antes de mais nada, uma palavra aos pais, aos familiares e aos amigos dos formandos. O fato de se deslocarem até aqui, muitos vindos de longe, com sacrifícios, já demonstra a importância e o significado que dão a esta solenidade. E ela é realmente importante. O valor do diploma em si é relativo, havendo mesmo necessidade, nos dias de hoje, de desmistificar seu valor dentro da sociedade brasileira. O diplomado não é um ente superior e o diploma não pode mais ser visto como um "passe-partout" capaz de assegurar ao seu titular a certeza de que sabe tudo. O conhecimento é dinâmico, muito se aprende com a vida, com o trabalho, com a experiência.

O diplomado é um cidadão como qualquer outro, com direitos e deveres. Mas, não se pode ignorar que, entre os rituais existentes em diversas culturas, o da festa de formatura tem, no Brasil em particular, seu peso e sua razão de ser. Afinal de contas, apesar da explosão no acesso ao ensino superior -passamos de 140 mil estudantes universitários em 1964 a mais de um milhão e meio nos dias de hoje - a pessoa que completa um curso superior, sobretudo na área tecnológica, representa uma minoria. Basta ver que temos mais de sete milhões de crianças em idade escolar sem frequentar as escolas, de 20% a 30% de adultos que continuam analfabetos e mais de 50% das crianças que entram na primeira série do primeiro grau e não passam para a segunda.

Quem chega, pois, a participar de uma festa como a de hoje, é verdadeiramente um privilegiado, é alguém que recebeu mais do que a maioria da população. E, se ganhou mais, a consequência lógica é a de que a Nação, por sua vez, tem o direito de exigir proporcionalmente mais de quem tanto se beneficiou do investimento coletivo. Neste sentido, pois, parentes e amigos têm razão em comparecer para se congratular com os formandos e participar de sua colação de grau que, vista desta maneira, é uma espécie de iniciação. Ela representa o ingresso no mundo adulto, no mundo da participação mais ativa, como profissionais, no desenvolvimento do país.

O momento é, pois, de grande emoção. E, na qualidade de patrono das turmas de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Agronômica e Engenharia Florestal, associo-me ao sentimento de alegria e júbilo de todos aqui presentes.

Cabe, agora, perguntar como estes jovens que, hoje, terminam uma etapa importante de sua vida querem enfrentar as novas responsabilidades. Que tipo de modelo pretendem seguir em sua vida profissional? **Tendo realizado estudos numa época de autoritarismo, com colegas sendo inclusive alijados do meio acadêmico, como vêm o desenrolar da situação na Universidade e no país?**

Como se posicionam diante da nova realidade brasileira, em que, paradoxalmente, uma crise econômica irrompe num momento de desafogo e de abertura política inegável e irreprimível?

Impedidos de se manifestar durante todo o tempo em que estiveram na universidade, os formandos mostram que, apesar de tudo, não perderam o sentido crítico no que de mais positivo e construtivo

ele tem. A escolha dos paraninfos é cheia de significados.

Os novos engenheiros civis escolheram o Professor Marcelo Moraes, ex-professor da Universidade Federal de Goiás, onde era conhecido por sua capacidade e eficiência, mas, sobretudo pelo bom relacionamento com os estudantes, circunstância que explica o ter sido, por diversas vezes, escolhido paraninfo naquela Universidade. Vindo para Brasília, admitido na UnB, seu comportamento não mudou e é sua facilidade de diálogo que se homenageia no dia de hoje.

O mesmo se deve dizer da escolha feita pelos engenheiros eletrônicos e eletrotécnicos. Quem acompanhou a Universidade de Brasília, na última década, deve ter notado como o Professor Lourenço Nassib Chehab, lecionando na UnB há mais de dez anos, ex-chefe de Departamento, bateu todos os recordes de homenagens recebidas de formandos nestas instituições. Há vários anos ocupando também o posto de secretário de radiodifusão do Ministério das Comunicações, Lourenço é um tecnocrata, mas um tecnocrata diferente. Técnico capaz, alia a competência profissional a um alto sentido social, mostrando, na prática, que os equipamentos e a tecnologia não existem por si sós e que devem ser aplicados em benefício da comunidade. Escolhendo-o como paraninfo, os formandos, ao mesmo tempo em que condenam os tecnocratas sem alma, homenageiam, na pessoa deste mestre e alto funcionário do governo federal, o diálogo e o uso social da tecnologia.

A indicação dos Professores Francisco Gentil Dias, chefe de departamento na área de Engenharia Mecânica e, na área de Engenharia Florestal, do Professor Ezechias Heringer, já aposentado, mas cuja figura permanece presente nesta universidade, estimado por mestres, alunos e funcionários, graças exatamente à sua simpatia, bondade e comunicabilidade, têm significado equivalente.

Uma característica comum, portanto, a todas estas indicações é a do preito ao diálogo, ao estímulo à participação. Vindo de jovens que, durante toda sua vida acadêmica, enfrentaram a ameaça latente do autoritarismo, é altamente significativo. Ao assumirem novas e maiores responsabilidades no campo profissional e social, deixam claro que sua opção é pela abertura e pela participação. Especial sentido tem, neste contexto, a definição feita pela turma de Engenharia Agronômica, ao selecionar como paraninfo o trabalhador agrícola Aureliano da Silva Campos, que, prestando serviços na Fazenda Experimental da UnB, o laboratório dos estudantes de Engenharia Agronômica, a eles ensinou muito do que não se aprende nem nos livros nem nas salas de aula. Foi uma prova de reconhecimento. **Muitas das soluções para os problemas do país, mais que em tecnocratas desligados da realidade, deve ser buscada junto ao povo**, junto àqueles que vivem e enfrentam os problemas de cada dia.

Além disso, esta opção, num momento em que a agricultura volta a ser estimulada, a fim de se remendarem os furos de um sistema econômico concentrador de rendas e que quase nos levou à falência em termos internacionais, vale como uma advertência: a agricultura deve ser desenvolvida, a decisão é correta, mas seu objetivo prioritário deve ser o homem brasileiro. Corremos o risco de a introdução de métodos ‘concentracionistas’ na agricultura levar para o campo as mesmas distorções do setor industrializado. Em outras palavras, **a junção indústria-agronomia pode provocar e estimular um tipo de desenvolvimento econômico voltado para o Exterior, baseado numa**

exploração intensiva, organizado em bases monopolistas, frequentemente controlado por estrangeiros, em que as necessidades do homem brasileiro fiquem em segundo plano e em que o trabalhador rural seja apenas uma máquina geradora de riquezas para empresários, a saciar as necessidades dos países industrializados.

A eleição do patrono também tem seu significado. Muitos poderiam estranhar o fato de os novos engenheiros terem escolhido para patrono alguém da área de ciências humanas, ocupando um cargo na administração desta Universidade. E, aqui volto a dirigir-me aos pais, parentes e amigos dos formandos. Há momentos em que uma pessoa é escolhida não em caráter individual ou mesmo profissional, mas sim pelo que ela representa em determinado momento, em certa sociedade ou instituição. Apontado numa lista sêxtupla para o cargo de vice-reitor da UnB no início de 1976, fui designado pelo ex-presidente Ernesto Geisel, que me conferiu **um mandato de quatro anos, graças a Deus agora prestes a se extinguir**. Os tempos eram outros. A evolução do país está sendo rápida. **Ainda estávamos sob a tutela do AI-5, e muitos insistiam em ver na função de reitor ou de vice-reitor não a de representantes da comunidade universitária, mas a de meros agentes do autoritarismo dentro da Universidade.** A opção ficou clara desde o início: ou se acreditava no que, então, se chamava distensão ou se aderia à política de repressão, na época ainda muito generalizada no país. **Em tom de advertência, diria mesmo de ameaça,** sem nenhuma sutileza, ouvi a afirmação peremptória, a mim destinada diretamente, de que **a distensão não viria e de que todos aqueles que nela acreditassem seriam sumariamente eliminados**.

Na vida, porém, há que se guardar um mínimo de coerência consigo mesmo e com seus valores. O rumo já estava escolhido há muito tempo. Enganou-se quem pensou que, no contacto com jovens como estes que hoje se formam, poderia eu considerá-los como inimigos. Não o fiz e tenho certeza de que ninguém que pretenda ostentar, ainda que com limitações, o título de educador, seria capaz de fazê-lo. Infelizmente, ainda **há nas universidades brasileiras quem confunda autoridade com autoritarismo. A autoridade, a ordem, é necessária em toda e qualquer instituição social. O autoritarismo é execrável e merece repúdio em toda a parte, sobretudo em instituições de ensino. A liberdade é um dos bens fundamentais do homem, inerente à sua natureza.**

Por defender tais ideias e por causa delas ter sido objeto de uma cassação branca e de uma marginalização completa, ter sido vítima de calúnias, injúrias e difamações, ter encontrado obstáculos de toda ordem para o exercício do mandato de vice-reitor e do cargo de professor, é que, permitam-me dizê-lo, os formandos escolheram para patrono um professor que não é engenheiro, mas que, como eles, pensa que **a liberdade é um bem essencial e que, sem liberdade, não existe verdadeira universidade**.

Em verdade, se os formandos fossem colocados diante da questão levantada pelo compositor norte-americano, Bob Dylan, na canção "BLOWING IN THE WIND" “-quantos anos pode um povo viver sem conhecer a liberdade?” - a resposta talvez não fosse direta, mas estou certo de que todos se associariam à cantora latino-americana Mercedes Soza clamando:

"Hermano, dame tu mano

Vamos juntos a buscar

una cosa pequeñita

que se llama libertad".

A mensagem dessa juventude no dia da formatura, um dos mais importantes de sua vida, é portanto clara: anseiam pelo diálogo; desejam que os frutos do desenvolvimento, sobre o qual vão atuar agora, mais diretamente, beneficiem prioritariamente o homem brasileiro; buscam a liberdade para poder continuar exprimindo suas opiniões, como fizeram claramente ao organizar sua festa de fim de curso.

Com uma juventude dessas temos de ser otimistas. Não importa se a situação, hoje, na universidade que eles deixam, permaneça cheia de injustiças e, portanto, seja inaceitável. Não é problema o fato de a abertura política -realidade palpável neste país- ter, até agora, passado à margem do campus da Universidade de Brasília, como se esta instituição estivesse em um outro país ou constituísse um feudo que não deva se adequar nem às leis, nem ao espírito do Brasil.

A abertura há de chegar à Universidade de Brasília com a plena readmissão de todos os alunos expulsos por questões políticas e também dos professores que, direta ou indiretamente, foram afastados ou se afastaram pelas mesmas razões.

A abertura há de chegar com os estudantes livres, como em todos os países civilizados, para exprimirem ordenadamente suas ideias, com os mestres se sentindo autônomos em suas preleções e reuniões, com o corpo técnico e profissional valorizado exclusivamente em função de sua competência.

A abertura há de chegar com o fim da Assessoria de Assuntos Especiais, eufemismo dado na UnB à Divisão de Segurança e Informação, cuja extinção fora dos Ministérios já de há muito foi ordenada pelo Presidente da República.

A abertura há de chegar com o funcionamento pleno dos órgãos colegiados, que deverão expressar as tendências da comunidade e não as de um indivíduo ou grupo minoritário isolado.

A abertura há de chegar com o término da concepção distorcida de que a UnB é uma entidade especial, incapaz de se autogovernar e de manter a ordem dentro de um clima de respeito democrático.

Há razões objetivas para se alimentar estas esperanças. Recentemente, acusações contra um professor da UnB visando à sua destruição pura e simples que, em outros tempos, teriam levado à eliminação sumária e arbitrária do acusado, desta vez, por ordem direta do Presidente da República, foram examinadas e, de certo modo, julgadas por órgão competente da administração federal. O resultado do exame fez justiça ao professor, sendo as aleivosias injustas rejeitadas.

E alentador também acompanhar as diretrizes gerais quando emanadas do MEC, diretamente do Ministro Eduardo Mattos Portella. E dele, aliás, a declaração feita ao jornalista Marcílio Farias, ex-aluno desta UnB:

> -"O esvaziamento cultural da universidade se deve, por um lado, a uma apatia generalizada em que se viu envolvida e de outro, a uma excessiva excitação, mais de caráter adjetivo que de sentido ou consequência objetiva.
>
> "A Universidade deve assumir a crítica, porém a crítica aparelhada, substantiva, vertical. Não podemos confundir a mímica com o saber, nem a democracia com a demagogia, nem a liberdade com a irresponsabilidade.
>
> "Se formos capazes de descer às raízes das questões fundamentais e reassumir o debate consequente, a universidade adquirirá uma outra palpitação intelectual". (Eduardo Portella a Marcílio Farias - Correio Braziliense em 28.10.79).

Dentro desse marco, o Ministro da Educação e Cultura, tão logo assumiu o Ministério, determinou que seus auxiliares estudassem projetos, a serem submetidos a discussão, sobre uma nova estrutura para os estabelecimentos de ensino superior, tendo por base as seguintes medidas:

1- Transformação das universidades federais em autarquias de regime especial;

2- escolha dos dirigentes universitários;

3- reestruturação da carreira do magistério.

Em que pese, porém, as boas declarações do Ministro, os projetos receberam, de forma geral, fortes restrições do corpo docente universitário, que neles viu perigos como o da redução da participação

do Estado no financiamento da educação e a sujeição da universidade ao capital privado. Para os professores, além do mais, os anteprojetos não criam uma estrutura livre e autônoma voltada para o interesse público e, por outro lado, são extremamente concentradores de decisões.

A ênfase dos pronunciamentos dos professores surpreendeu o Ministro para quem "talvez a falta de costume de dialogar esteja gerando a perplexidade". O próprio Ministro, no entanto, compreendeu e justificou tal atitude por parte dos professores, ao dizer que é preciso restaurar a confiança, uma vez que essa classe já foi muito prejudicada nos últimos anos e, agora, é muito justamente partidária da "ideologia de São Tomé".

O Ministro talvez tenha razão parcialmente. Mas este não é o único motivo para a desconfiança do mundo acadêmico. Não basta que o Ministro que, como todos sabemos, foi escolhido exatamente para estabelecer uma comunicação direta com o setor intelectual e acadêmico, seja de confiança. Postos importantes no MEC diretamente vinculados à questão universitária foram entregues a tecnocratas sem alma, intérpretes, em verdade, do autoritarismo, vinculados a esquemas de opressão, em contradição clara com o pensamento e o espírito do Ministro.

Isto, sem dúvida, é o resultado de um período de transição, em que contradições subsistem, em que o novo e o velho coexistem, havendo predominância às vezes de um, às vezes de outro elemento. Estes tecnocratas 'incrustrados' dentro de um projeto de abertura foram responsáveis pela inclusão, nos anteprojetos, de dispositivos inaceitáveis num sistema democrático. Um deles, por exemplo, estabelece que cabe ao reitor e ao diretor de unidades, respectivamente, a indicação do vice-reitor ou ou vice-diretor que não disporiam de mandatos. Esta proposição é prepotente. Visaria, em tese, impedir divergências nos altos escalões da Universidade.

As divergências, no entanto, são normais. São mesmo vivificadoras e estimulantes dentro de uma instituição. Atribuir a um indivíduo, reitor ou diretor, o poder absoluto significa negar a democracia e a liberdade de espíritos. Representa confundir autoridade com autoritarismo, como sempre tendem a fazer os tecnocratas sem alma, como sempre fazem aqueles que são ligados a órgãos de repressão.

A divergência de opiniões não pode, nem deve ser evitada. **O que deve ser impedido, a todo custo, é a luta dentro de uma entidade de ensino, são as perseguições mesquinhas**. Mas, para evitá-los dentro de uma estrutura acadêmica, imprescindível é, em primeiro lugar, reforçar a posição dos órgãos colegiados, sobretudo a do Conselho Universitário, encarregado de definir a política da instituição e que, em casos de conflito, deveria ter força para eliminá-lo na base.

Com isso, porém, não se preocupam os tecnocratas sem alma. **A constituição dos colegiados universitários teria de ser reformada num sentido democrático de modo a torná-los legítimos representantes da comunidade acadêmica**. Hoje, muitos destes órgãos, por força de sua estrutura e representação, são meros representantes de reitores ou de grupos minoritários aos quais uma estrutura autoritária confiou o comando das universidades brasileiras. Pouca ou nenhuma vinculação

têm com as instituições e as populações a que deveriam servir e acabam agindo, da mesma forma que certos conselhos curadores e conselhos diretores de fundações, como verdadeiras ações entre amigos, destinados a impedir ou dificultar a renovação dos quadros dirigentes e a tornar impossíveis a justiça e a liberdade dentro das instituições de ensino superior.

Estas contradições, a predominância do velho sobre o novo em certos momentos, durante a transição, explica a recente lei aprovada por decurso de prazo e que tanta perplexidade provocou nas universidades pelo seu caráter anti-democrático e pelas consequências nefastas que produz. A partir de agora, os reitores de estabelecimentos de ensino superior organizados em fundações, como é o caso da UnB, terão seus dirigentes nomeados diretamente pelo Presidente da República, sem mandato, sem intermediação de nenhum corpo social, tornando-se demissíveis "ad nutum".

Esta lei foi considerada pelo Conselho de Reitores das Universidades brasileiras como constituindo uma violação ao princípio universal da autonomia universitária. Mais grave ainda, ela contraria o próprio espírito da abertura política que tantas esperanças trouxe a nosso país, inclusive no meio intelectual e universitário. Há um ano atrás, quem falava em anistia, ainda que parcial, era tido como visionário. Não se acreditava na volta pacífica dos exilados. Julgava-se difícil por-se um termo ou pelo menos suspender a execução de práticas odiosas contra, inclusive, a incolumidade física dos prisioneiros. Hoje, ainda resta muito a se fazer, mas é inegável que o panorama mudou e, quando se compara a situação do Brasil com a de certos países vizinhos, podemos respirar aliviados.

Esta lei está aí e será, sem dúvida, cumprida. Razão tem, pois, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras que, sem se conformar, decide prosseguir os debates sobre a estrutura universitária com vistas a relançar fórmulas capazes de, sem as falhas do sistema atual, permitir a todos -professores, alunos e funcionários- tomar parte na direção de seus destinos. Sem participação, não há verdadeira democracia. Uma comunidade somente pode aceitar os ônus de situações delicadas, se estiver a par do que verdadeiramente ocorre e se se sentir co-responsável pelas decisões tomadas. Uma política em relação à opinião pública que apenas se interesse em manipular sentimentos e inteligências acaba dando resultados desastrosos. Seja do ponto de vista da instituição, seja do ponto de vista da Nação, a não participação, quando o indivíduo é chamado apenas para executar planos elaborados sem sua consulta, torna seu envolvimento mais passivo que ativo e, frequentemente, leva à apatia e à revolta.

Ninguém aceita fazer sacrifícios, ninguém aceita submeter-se a um estado de exceção, se não tiver conhecimento exato das razões que levam a esta situação e se não puder buscar soluções com divisão de responsabilidades e de sacrifícios. **A socialização dos prejuízos e privatização dos lucros é inaceitável.** O Brasil vive momentos difíceis, todos sabemos. E, no instante em que se lançam na vida profissional, os novos engenheiros exprimem uma opção clara. Não querem apenas colaborar. **Querem participar ativamente. E com liberdade.**

Essa é a mensagem dos formandos na área de Tecnologia da UnB em dezembro de 1979. Essa é a mensagem de toda a juventude brasileira. Essa é a mensagem de todo o povo brasileiro.

Senhoras e senhores, acreditamos na Democracia e sabemos que a evoluçâo do país é positiva. Não é razão para pessimismo o fato de a universidade que, hoje, os novos engenheiros deixam para trás, continuar vivendo à margem deste processo e permanecer alimentado-se de esperanças, podendo, por enquanto, apenas declamar, como o poeta e compositor Chico Buarque de Holanda, na inspirada "Apesar de você":

Hoje, você é quem manda.
Falou. Tá falado.
Não tem discussão, não!
A minha gente hoje
anda falando de lado
e olhando pro chão, viu!

Você que inventou este estado,
inventou de inventar toda escuridão
Você que inventou o pecado,
Esqueceu-se de inventar o perdão

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia

Eu pergunto a você
onde vai se esconder
da enorme euforia.
Como vai proibir
quando o galo insistir
em cantar,
água nova brotando
e a gente se amando,
sem parar.

Quando chegar o momento,

este meu sofrimento

vou cobrar com juros, juro!

todo este amor reprimido

este grito contido,

este samba no escuro

Você que inventou a tristeza,

agora tenha a fineza de desinventar

Você vai pagar é dobrado

cada lágrima rodada neste meu penar.

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia

MENSAGEM AOS FORMANDOS
EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Ecologia - Botânica - Biomedicina-

Biologia Animal e Biologia Molecular

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias

Vice-Reitor da UnB - 19.12.1979

Meus cumprimentos e minhas homenagens, em primeiro lugar aos pais dos formandos. Os senhores têm filhos especiais. Vivemos uma época de consumismo, de obtenção de status através de indicadores exteriores, de falsos brilhantes enfim. O grupo que hoje conclúi o curso na Universidade já é produto da era da televisão. Nas gerações anteriores, os grandes elementos de formação da personalidade eram grupos primários como a família, a escola, a Igreja. Hoje, a televisão a tudo invade, levando a todos os cantos uma concepção de vida, em que os valores difundidos são o da concorrência desenfreada, o de se levar vantagem a todo o custo, o da felicidade obtida através unicamente de bens materiais.

Pois bem, nesta geração que sofreu impacto tão grande desse tipo de influência, encontrar jovens que fazem sua opção por campos como o da Ecologia, Biomedicina, Botânica, Biologia Animal, Biologia Molecular, atividades que se caracterizam por exigir de seus membros desprendimento, dicação, amor ao próximo e à natureza, é extraordinário. Os pais, familiares e amigos, portanto, estão de parabéns e associo-me ao júbilo justificado de todos aqui presentes.

Destaco a generosidade deste grupo. No momento de agradecer aos que colaboraram para que atingissem o fim colimado, lembram-se de **professores que são conhecidos, nesta UnB tâo marcada pelo autoritarismo, por sua capacidade profissional e pelo diálogo que mantêm com os estudantes.** E o caso desta figura extraordinária do Professor Ezechias Heringer, que sintetiza as qualidades de todos os homenageados.

Aposentado há mais de dois anos, o Professor Heringer não foi esquecido. Trata-se de homem de diálogo e de amizade. Na Universidade, alcançou respeito e admiração de colegas e de superiores, mas principalmente dos estudantes de Ciências Biológicas e de Engenharia Agronômica e Florestal. Aos estudantes transmitiu a capacidade de amor à natureza, de respeito aos seres vivos, da necessidade de se manter o equilíbrio ecológico, de se evitar a poluição e a destruição da natureza, como vem sendo feito em nosso país através da ação predatória de grupos econômicos. A esses mestres, sintetizados na figura do Professor Heringer deve-se, seguramente, muito da generosidade que os formandos de hoje ostentam. Com eles, completou-se a formação recebida nos lares e neutralizaram-se os efeitos desastrosos da mentalidade difundida por certos meios de comunicação.

Esta generosidade, permitam-me insistir, torna-se ainda mais clara, quando se verifica a lista de homenageados especiais. Foram considerados os auxiliares de serviço, técnicos e auxiliares de laboratório, personagens frequentemente esquecidos, porém fundamentais no funcionamento de cursos que exigem intensa atividade prática. Conheço bem esta questão. Meu pai, antes de se aposentar, era técnico de laboratório em um hosptial público no Rio de Janeiro. Quantas vezes, acadêmicos de Medicina, quando em dúvida ou inseguros, discretamente, não foram procurá-lo para solicitar informações sobre os efeitos de uma droga ou sobre a dosagem a se aplicar a um medicamento qualquer! Quantos erros nefastos não foram evitados através deste simples contacto! Este conhecimento prático, esta disponibilidade de atendimento encontrados entre tais funcionários são responsáveis, em grande parte, pelo aprendizado efetivo dos novos profissionais. A homenagem, então, é fruto de um reconhecimento profundo.

Finalmente, os novos diplomados recordam professores que, de uma maneira ou de outra, afastaram-se ou foram afastados do convívio da universidade, muitos deles indo buscar em outros centros, com prejuízos pessoais, as possibilidades de produzir para o país aquilo que aqui não lhes era propiciado. Os formandos não se esqueceram de Calógeras Barbosa, Henrique Krieger, Pedro Herman Cabello Acero e Renato Cordeiro. **A nós cabe, agora, fazer votos de que, em breve, justiça seja feita a estes mestres e que condições objetivas sejam criadas para seu regresso a esta universidade.**

No convite da festa de formatura que todos receberam, encontramos a indicação dos objetivos com que os formandos se lançam na aventura da vida profissional. Ali está escrito:

-"Se você planeja para um ano, plante o arroz?

-Se você planeja para dez anos, plante árvores?

-"Se plajena para cem anos, eduque o Povo?

-"E...se planeja para mil anos, conserve a natureza".

Nada mais é necessário acrescentar. Aí está dito tudo. Nossos formandos escolheram a área de Ciências Biológicas e, portanto, preocupam-se com os seres vivos e com os fenômenos e as leis que os regem e, ainda, com todos os tipos de inter-relacionamento entre os seres vivos e entre estes e o meio físico onde vivem.

A mensagem de conservação da natureza que propõem neste final de curso não é retrógrada. Ao contrário, é progressista na medida em que se dispõe a preservar bens que devem ser utilizados sem que seu uso provoque destruição, com prejuízo para as gerações futuras.

O que se passa, no Brasil, atualmente, apesar de esforços setoriais, inclusive de algumas agências governamentais, é de estarrecer. Os fatos são conhecidos, mas não custa recordar.

Hoje, legiões de tratores Caterpillar D-9, os jumbos ou DC-9 do terreno, destroem áreas imensas, todos os dias. Em alguns lugares, tratores gigantes, unidos entre si através de grossas correntes, arrastam o que encontram pela frente, arrancam árvores com raízes e tudo, destruindo todo um sistema ecológico e deixando exposto o fino solo tropical. O que sobra, vira fogueira perceptível a quilômetros de distância. Há quem calcule que, a prosseguir este ritmo de exploração predatória -e nada impede que ele venha a ser intensificado- a floresta amazônica poderá estar destruída dentro de 35 anos.

Infelizmente, grupos nacionais participam desta destruição, mas, nos últimos tempos, é cada vez maior a presença de multinacionais que, aproveitando-se inclusive de benefícios fiscais, estão se

apossando de vastas áreas do território brasileiro. E o caso, por exemplo, de firmas como Anderson Clayton, Goodyear, Volkswagen, Nestlé, Liquigás, Borden, Mitsubishi e a Universe Tank Ship, do sr. Daniel Ludwig.

Em 1975, um satélite norte-americano, equipado com sensores remotos, detectou uma súbita e intensa queimada na terra, na faixa da Amazônia, fenômeno normalmente associado a uma erupção vulcânica iminente. Missão especial foi enviada e, para surpresa dos técnicos, não se tratava de vulcão novo. Segundo a informação de Francis Lappé e Joseph Collins, no best-seller editado nos Estados Unidos "Food First", tratava-se de uma empresa multinacional alemã, queimando um milhão de acres de floresta tropical para estabelecer uma fazenda de gado.

Na opinião de vários ecologistas, segundo ainda o relato de Lappé e Collins, isto representa um desastre de consequências imprevisíveis para o Brasil e para o mundo. Por sua vez, o interesse das multinacionais numa exploração intensiva é óbvio. O capital aplicado, graças aos investimentos fiscais, é relativamente pequeno. Planos lucrativos podem ser feitos para períodos curtos de até dez anos. O que vier depois, o deserto, a miséria e a fome são problemas para os brasileiros, são problemas das gerações futuras.

O desamor para com a natureza, a falta de respeito pelo patrimônio nacional, a motivação com que age determinado tipo de estrangeiro em nosso país, pode ser encontrada na declaração de um fazendeiro norte-americano, proprietário de terras em Mato Grosso, segundo relato feito por Robin Hanbury-Tenison, num trabalho publicado em Londres, em 1973:

-"Lá, você pode comprar terras com o acre valendo o mesmo que um par de garrafas de cerveja. Depois que você conseguir meio milhão de acres e 200 mil cabeças de gado, você pode deixar este lugar nojento -"lousy pace" em inglês- e ir morar em Paris, no Hawai, na Suiça ou onde você escolher?."

Não há o que comentar sobre esta declaração. Os fatos que relatei e afirmações como esta realçam ainda mais o valor da atividade que estes jovens vão exercer. Seja trabalhando em laboratórios, pesquisando, seja participando de trabalhos de organização e de definição de políticas de preservação da natureza, seja lecionando, os formandos de hoje, seguramente, vão exercer papéis dos mais importantes no desenvolvimento de nossa sociedade.

De seu êxito, de sua capacidade de influirem nos rumos da nação, das condições que o país lhes der para o exercício profissional, dependerá, em grande parte, a humanização de nosso processo de desenvolvimento, até aqui apenas orientado no sentido de facilitar lucros rápidos em detrimento de grandes faixas da população.

A tônica de sua atividade será, pois, o amor à natureza tão bem descrito na maravilhosa canção "O cio da terra" de Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda, para mim, a partir de agora,

associada a este grupo que, hoje, sai da universidade:

-Debulhar o trigo
Recolher cada bago de trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
e se fartar de pão

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
se lambuzar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra propicia a estação
de fecundar o chão.

Essa mensagem que é a de todos os formandos em Ciências Biológicas da UnB em dezembro de 1979, **tem sua razão de ser principalmente pelo fato de dependermos do ar, do solo e de seus minerais, da água e de todas as formas de vida, elementos que constituem o nosso meio.**

Para que objetivos dessa espécie, porém, sejam atingidos, é necessário que o Brasil invista mais em pesquisa. Sem independência tecnológica, não há independência verdadeira. No mundo moderno, o colonialismo e, porque não dizer o imperialismo, revestem-se de novas roupagens e é, sobretudo através do controle da tecnologia que os chamados países industrializados continuam a dominar o mundo. Prevê-se, a título de indicador, que, em 1990, 85% da receita externa da República Federal da Alemanha provirão da comercialização de informação tecnológica e que, na última década do século, de 60% a 70% dos recursos humanos dos países avançados estarão trabalhando neste setor.

Vejamos, então, como exemplo no Brasil o caso da indústria farmacêutica, dirigida para o lucro, praticamente não atentando para as necessidades bio-médicas do paciente. Faço minhas as palavras de João Felício Scárdua, ex-presidente da CEME -Central de Medicamentos- para quem não existe uma indústria farmacêutica **DO** Brasil, mas tão somente uma indústria farmacêutica **NO** Brasil, de

vez que mais de 95% das empresas do setor, em operação no país, são empresas multinacionais.

As distorções são grandes. Temos mais de 30 mil produtos licenciados, quando estudos feitos pela CEME mostraram que apenas 300 substâncias, relativas a 900 hipotéticos produtos, seriam suficientes para cobrir aproximadamente 95% das necessidades básicas do consumo brasileiro.

A falta de controle sobre as pesquisas, além dos problemas de dependência, do uso de medicamentos por vezes inadequados às nossas condições, fazem com que nossas populações sejam, frequentemente, usadas como meras cobaias em benefício dos países desenvolvidos.

Para se por um termo a esta situação, medidas de diversas naturezas são necessárias, mas é de fundamental importância, repito, o desenvolvimento da pesquisa a ser feita por quadros motivados como os que, hoje, completam o curso na UnB. Afinal de contas, como bem lembra João Felício Scárdua, "alguns dos produtos da indústria farmacêutica, até mesmo dos que se adquirem com a maior naturalidade em algumas drogarias, são muitas vezes -centenas de vezes talvez- mais complexos, quanto à estrutura tecnológica que têm por trás de si, do que todo o ciclo de elaboração do combustível com que opera uma usina nuclear".

E de se lamentar, então, que as universidades tenham se transformado, em muitos casos, em meras fábricas ou agências de conferir diplomas, não dando atenção necessária à pesquisa e ao atendimento das necessidades da comunidade.

Ainda agora, quando o país se encontra às voltas com graves problemas econômicos, em parte devidos à crise energética, é o caso de se perguntar que estudos relevantes e eficazes foram feitos mormente após 1973 para se buscarem fontes alternativas de energia neste país? Que contribuição, em particular, deram as universidades para o encontro de soluções?

A resposta é frustrante. Apesar de existirem trabalhos isolados, inclusive na UnB, as universidades, como instituições, não se destacaram neste esforço e, ao contrário, permaneceram a ele marginais.

O afastamento da realidade é sua tônica e esta alienação, nós a encontramos tanto no mundo natural de que o homem faz parte juntamente com os fatores bióticos e abióticos dos ecossistemas terrestres, como no mundo das instituições sociais, por ele organizado para poder viver em comunidade.

Nessa última faixa, o Brasil reformula seu sistema partidário e a impressão que se tem é a de que o país esteve fechado para balanço nas últimas décadas: não há lideranças novas, os métodos nâo se alteraram, as idéias não se renovaram. Isto é dramático e é fruto, em grande parte, do silêncio que caiu sobre a Universidade e da impossibilidade de mestres e alunos discutirem, livremente, as

opções para o país.

De onde sairam líderes ainda hoje em cena? Aureliano Chaves, Petrônio Portella, Homero Santos, Nelson Marchesan, Paulo Egydio, Marco Maciel e tantos outros, para só ficar nas hostes governamentais, forjaram suas lideranças nos bancos universitários, participando de movimentos estudantis, de congressos, de debates apaixonados sobre a realidade brasileira.

A liderança pode ser inata, mas seu exercício depende de treino. Em outras palavras, ela pode ser desenvolvida ou morta no nascedouro. Uma geração proibida de discutir, de debater, de expor suas ideias livremente, estará sendo impedida, então, de participar mais ativamente dos destinos do país.

E quem perde com isso é a própria comunidade que fica sem chance de ter líderes treinados, desde cedo, para o debate democrático, para o confronto de ideias, para o respeito pelos outros. “É preciso correr os riscos dos caminhos da liberdade” na feliz expressão de um general do Exército brasileiro, o secretário-geral do Ministério do Exército, Octávio Costa.

E lamentável que muitos não tenham percebido tal fato. As multinacionais, sim. Entenderam e se aproveitaram dessa realidade, como muito bem ilustra a afirmação de um executivo da Pepsi-Cola, responsável pela adaptação à nossa realidade das campanhas publicitárias feitas para aquele produto nos Estados Unidos:

> -"Neste país, o Brasil, o jovem não tem canais de protesto; a geração atual não recebeu nenhuma educação política ou social. Então, nós lhe propiciamos um mecanismo para o protesto. É o protesto através do consumo; o adolescente muda do velho hábito pela Coca-Cola e adota a Pepsi, a Pepsi com uma imagem jovem e nova, e ele é feliz, porque ele é jovem e o pessoal jovem bebe Pepsi".

É verdade, por outro lado, que **a educação superior está em crise em todos os países, sejam capitalistas, sejam socialistas.** Tal fato resulta, por certo, das intensas e rapidíssimas mudanças tecnológicas, sociais e políticas que enfrentam as diversas sociedades, como muito bem demonstra o ex-reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Professor Aluísio Pimenta.

Este fenômeno geral é agravado, no Brasil, com o domínio do autoritarismo e, às vezes, da arbitrariedade dentro dos estabelecimentos de ensino superior. Por isso, são urgentes medidas que assegurem a chegada da abertura às universidades. Não é possível que estas instituições se

transformem em ilhas de autoritarismo como se fossem feudos sem obrigação de seguirem o espírito e sem cumprirem as leis do país.

No caso específico da UnB, a abertura deve chegar com a readmissão dos estudantes dela afastados por motivos políticos. A UnB deve se transformar numa universidade aberta, entendido este termo como o de uma instituição que seja um local de debate dos problemas, dos caminhos do país, da cultura e do pensamento, em que professores, estudantes e funcionários sejam respeitados como pessoas humanas.

A UnB deverá ser uma instituição com bases sólidas, com colegiados funcionando livremente e representando, efetivamente, a comunidade universitária, sem predominância de caprichos ou de arbítrios individuais.

----------XXXXXX----------

E aqui, neste instante, para encerrar minha intervenção nesta solenidade, peço aos pais, familiares e amigos que me permitam uma palavra, em tom pessoal, aos formandos.

Recebi com emoção o convite para ser seu patrono, para emprestar meu nome às turmas de Ecologia, Biomedicina, Botânica, Biologia Animal e Biologia Molecular da UnB em dezembro de 1979.

Sei que fui escolhido não pelo que sou pessoalmente, nem profissionalmente. Vocês não elegeram o professor de Comunicação, nem o vice-reitor. A escolha de meu nome, feita através de votação, foi um ato político, pelo que eu passei a representar dentro da UnB. É preciso dizê-lo. Como afirma Pablo Neruda, em livro recentemente lançado no Brasil, "endureçamos a bondade, amigos, ela é também bondosa a cutilada que faz saltar a roedura". Ou como declarou o Papa João Paulo II em discurso publicado, hoje, na imprensa mundial "**restaurar a verdade é, antes de tudo, chamar por seu nome os atos de violência sob todas as formas".**

Impedidos de se manifestar durante os anos de convívio acadêmico, vendo colegas afastados da universidade por suas idéias, lamentando a saída de professores que se foram por falta de condiçâo de trabalho, vocês decidiram, no dia do adeus, manifestar que não perderam o sentido crítico.

A escolha de alguém que, apesar da abertura política inegável no país, é objeto de uma cassação branca executada por quem não tinha direito de fazê-lo, à margem das leis e motivada pelo fato de ter defendido, dentro da UnB, no exercício de um mandato conferido pelo Presidente da República, idéias libertárias, é plena de significados e eu assumo esta posição de vocês.

Confesso, todavia, que, apesar do desgaste de quem vive há quatro anos sob pressão permanente, apesar das injúrias, calúnias e difamações, apesar da marginalização de que fui objeto, apesar das represálias e das ameaças que continuam a ser feitas, apesar de tudo, sou otimista e vocês, em grande parte, são responsáveis por esta minha postura.

O Brasil vive momentos difíceis, de crise econômica, de transição de um regime fechado para um sistema mais aberto. Os progressos são visíveis, no entanto, e não há como negá-los. **O país avança no sentido da abertura e não adianta a ela se opor**. Hoje mesmo, os jornais estampam declarações do Ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, que confirma que nada impedirá que este país volte à liberdade democrática.

Creio ser válido, então, recordar dois ditados milenares, produzidos pela sabedoria chinesa.

O primeiro diz: "não receie avançar lentamente. Receie apenas ficar parado". O outro acentua: "vale mais acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão".

Foi o que vocês fizeram. Vindos de um período de autoritarismo, convivendo com a geração "Pepsi", vocês chegam ao final do curso com uma mensagem de liberdade e de valorização de recursos humanos e naturais do país. Não se pode ser pessimista diante de um exemplo desses.

De público, quero expressar minha alegria, satisfação e reconhecimento pelo gesto de vocês que, mesmo sem conhecer todos os detalhes, compreenderam perfeitamente o que se passa na UnB e, expressamente, vêm dizer que estão com o diálogo, com a participação, com a liberdade.

Faço votos de que consigam realizar seus ideais, participando, efetivamente, da humanização de nosso processo de desenvolvimento.

Quanto ao patrono de vocês, desejo apenas que esta festa, tão carregada de emoções, represente minha última participação em atos públicos como vice-reitor da UnB, de vez que meu mandato está para terminar.

E agrada-me fazê-lo junto a estudantes que constituem o fator principal das universidades. Admiro sua generosidade e o idealismo tão bem retratados por Violeta Parra quando, na canção "Me gustan los estudiantes", exclama:

]

-"Que vivan los estudiantes

Jardin de nuestras alegrias

Son aves que no se assustan

de animal ni policia".

MENSAGEM AOS FORMANDOS
EM MÚSICA

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias

Paraninfo dos formandos em Música pela UnB

primeiro semestre de 1980

Brasilia, julho de 1980

Antes de mais nada, uma palavra aos formandos em Comunicação, dos quais sou homenageado. Para mim, esta homenagem se reveste de grande importância, porque, basicamente, sou professor de Comunicação, há dez anos nesta qualidade fui contratado pela UnB e, embora, nos últimos tempos, por atos arbitrários, tenha sido impedido de lecionar, sou e serei professor de Comunicação.

Vocês iniciam sua vida profissional em um momento difícil. A censura formal foi afastada dos jornais, mas a restrição à liberdade de informação é cada vez maior, seja em decorrência de atos diretos como os de recentes atentados terroristas, seja em consequência de tendências 'concentracionistas', com grupos econômicos se transformando nos únicos a poderem, efetivamente, divulgar o que pensam e o que querem.

Mais que instrumentos de democracia, de diálogo, nossos meios de comunicacão tendem a ser utilizados predominantemente a serviço da manipulação ideológica, política, comercial e financeira. Faço votos de que, conscientes desta realidade, vocês possam colaborar para o encontro de novas fórmulas que transformem a comunicação de instrumento de dominação em elemento renovador e estimulador de todos no processo democrático de desenvolvimento. A vocês, formandos em Comunicação, tudo de bom e meu muito obrigado!

.....

Devo, porém, neste instante, dirigir-me, essencialmente, aos formandos em Música, aos quais tenho a honra de paraninfar. Disso muito me orgulho. Nos últimos tempos, tenho sido, por razões que, creio, a maioria aqui conhece, eleito patrono ou paraninfo de turmas as mais diversas nesta Universidade. **Esta escolha tem tido sempre um caráter político, no que a política tem de mais idealístico.** As vezes, as circunstâncias tornam uma pessoa, numa época determinada e num lugar certo, símbolo de uma ideia. No caso concreto, sei, perfeitamente, que, **quando me escolhem, o que os formandos pretendem destacar, é o fato de não terem perdido o espírito crítico**. Apesar das dificuldades encontradas no decurso da vida acadêmica, chegam a seu final e dizem **NÃO** a métodos com os quais não concordam. Para eles também, universidade não rima com arbitrariedade. **Universidade rima com liberdade e com verdade,** na feliz expressão de um ex-ministro da Educação, Roberto Lyra.

Tenho uma razão especial para, hoje, estar contente e me sentir gratificado. Estou entre os que pensam -e estes infelizmente não são muitos - que os cursos de Música, bem como os demais de Arte, devem ser considerados como dos mais importantes nos estabelecimentos de ensino superior; e isto tanto por razões de ordem interna, como externa.

Nada melhor que a música para ajudar a desenvolver um sentimento comunitário, para unir grupos e pessoas e, ao mesmo tempo, desenvolver e estimular a criatividade individual. Externamente, em relação à sociedade, um curso de música deve ser um centro igualmente de preservação da cultura e irradiador de estímulos para a criatividade artística da população. **A integração universidade-comunidade, tão necessária, mas tão difícil de se realizar na prática, poderia começar pela música, pela arte.**

Foi pensando nisso que, em 1975, ainda como decano de extensão, tomei a iniciativa de estimular a criação, no antigo Departamento de Música, de uma disciplina de Música Popular Brasileira. Para facilitar a implantação da disciplina, consegui verbas especiais para a aquisição de cópia de um dos mais importantes acervos de música popular brasileira, com gravações e documentos que muitos consideravam definitivamente perdidos e que tinham sido reunidos por um pesquisador da Universidade Federal do Ceará, Professor Miguel Angelo de Azevedo. Logrei mesmo obter recursos para o Departamento adquirir instrumentos para música popular brasileira que, no entanto, acabaram sendo destinados à aquisição de instrumentos para música erudita. Consegui também, na mesma época, incluir a UnB no programa de bolsas-arte do MEC.

Ao ser convidado para ser o patrono dos formandos em Música, fui reler as palavras que proferi na abertura de um seminário, em 1975, destinado a marcar, de forma solene, a criação da nova disciplina.

Dizia eu, na ocasião, entre outras coisas:

1- O problema da música popular brasileira é sério e não pode ser considerado isoladamente. Uma análise, para ser correta, deve atingir vários aspectos da vida cultural do país e, em especial, deve considerar a atuação e influência dos meios de de comunicação. Recentemente, a UNESCO fêz um levantamento sobre a televisão no mundo inteiro e chegou à conclusão de que, neste veículo de comunicação, a exemplo do que ocorre com o cinema, com as notícias internacionais nos jornais, e, ainda, à semelhança do que se verifica com a programação das emissoras de rádio**, a informação circula apenas em sentido único.** Apenas pouquíssimos países, sobretudo Estados Unidos, China, URSS e Japão têm produção própria em níveis significativos. O que se vê, em toda a parte, ao contrário, é uma programação estandardizada baseada nos enlatados norte-americanos. Mesmo na Europa Ocidental, o problema já é grave: em média, 1/3 da programação é importada. Na América Latina, a média é de 50%, chegando a 90% em alguns países como a Guatemala. **O resultado desse fenômeno é a criação de uma cultura universal, que tem seus pilares básicos formados por John Wayne, Franck Sinatra, Kojak, King-Fu e I love Lucy. E uma cultura padronizada, que leva a uma evasão padronizada, dentro de uma expressão coletiva padronizada.**

2- ...no rádio, onde a programação musical é peça fundamental e veículo do qual, no mundo moderno, a música depende totalmente**, a informação também circula em sentido único.** Em função do rádio, a música se integrou dentro do processo geral de industrialização da cultura. O advento da televisão não fêz mais que reforçar esta tendência. Para as gravadoras, para os editores de discos e para a maioria dos programadores de estação de rádio, a melhor canção é aquela suscetível de ser cantada, dançada e que corresponda a normas internacionais. Uma canção de moda é irradiada, cantada em shows, bares, lugares públicos, seus discos são muito vendidos. Se ela corresponde a normas internacionais, isto é, ao gosto médio e padronizado da juventude do mundo inteiro, ela será vendável em todos os países. As despesas de produção diminuem, em consequência**, a expressão musical é desvirtuada através da predominância da canção da moda sobre a canção de expressão, ou seja aquela em que se encontram preocupações, temas, uma maneira de ver as coisas, o mundo, o homem e seu destino.**

3- No Brasil, já de longa data, compositores, intérpretes e críticos vêm chamando a atenção para o problema que, agora, passou a sensibilizar também as autoridades. Há mesmo esperanças de que, por fim, o decreto expedido em 1961, determinando obrigatoriedade de que pelo menos 50% da música transmitida pelo rádio seja brasileira, venha a ser cumprido. Isto, no entanto, não é suficiente, pois, dentro do espírito da cultura internacional acima mencionada, **há canções em português, feitas por brasileiros e cantadas por intérpretes nacionais, que de brasileiras nada têm. São feitas à imagem e semelhança das produções internacionais que pretendem substituir**. E não podemos ter dúvidas de que esse será o tipo de canção que os industriais do disco vão promover se for exigida a nacionalização da programação de nossas emissoras de rádio e televisão.

4- Daí a necessidade de se organizarem centros em que se pesquisem as manifestações

realmente populares de nossa cultura no setor musical e onde também a criatividade seja estimulada e facilitada. Parece-me fora de dúvida que, por sua situação privilegiada, sem os condicionamentos do mercado publicitário em que estão envolvidos os meios de comunicação de massa, a Universidade poderá desenvolver este papel. E a nova disciplina de Música Popular Brasileira, que está sendo criada no Departamento de Música poderá favorecer enormemente a atuação dos que pretendem atingir este objetivo.

Infelizmente, este projeto, como vários outros de interesse social -citemos apenas o de Medicina Comunitária em Planaltina- não teve condições de plena execução. Na Universidade de Brasília, sobretudo após 1976, tornou-se cada vez mais difícil a execução de projetos desta natureza. Outras foram as prioridades fixadas. O músico, no entanto, exerce importante função dentro da sociedade. **Um povo que não preserva, nem desenvolve sua cultura, perde sua identidade e se desfibra, como tem dito, seguidas vezes, Marcus Pereira, um dos grandes incentivadores da criatividade na área da música popular.** Tanto o compositor como seu intérprete possibilitam à coletividade a expressão de seus sentimentos mais profundos, destacando-se o do amor e o da liberdade, inegavelmente sentimentos que se situam entre os mais importantes para a manutenção do equilíbrio do ser humano.

Um exemplo: tempos atrás, recebi da Europa uma fita com a gravação, feita em Barcelona, logo após o desaparecimento do ditador Franco, de um espetáculo público do cantor catalão, totalmente desconhecido no Brasil, Luis Ilach, até então exilado na França.

Ouvir esta gravação toca os nervos do mais fleugmático entre os fleugmáticos, tal a força e o vigor transmitidos pelo cantor e pelo povo que o acompanhava. Os catalões viveram subjugados durante o longo período de mais de trinta anos da ditadura franquista. Tentou-se destruir sua cultura, a fim de se subjugar o povo. A língua catalã foi eliminada dos meios de comunicação e das escolas, muitos de seus líderes e intérpretes tiveram que se exilar.

Pois bem, restabelecida a democracia, realiza-se um espetáculo em praça pública e milhares de pessoas acompanham, ativamente, cantando, juntos, a uma só voz e em catalão, o cantor e compositor Luis Ilach, em suas canções de amor umas, outras de nítido sentido político, como a maravilhosa "É PRECISO QUE NASÇAM FLORES":

A fé não consiste em esperar

A fé não consiste em sonhar

A fé está na dura luta de cada dia para o amanhã

A fé é um golpe de foice

A fé consiste em estender a mão

A fé não consiste em viver de uma lembrança passada

E, ainda:

Enterremos a noite

Enterremos o medo

Eliminemos as nuvens que escondem de nós a

claridade

Devemos ver claro

O caminho é longo

E não temos mais tempo a perder

É preciso ir adiante sem perder o passo

É preciso regar a terra com o suor do trabalho

duro

É preciso que nasçam flores a cada instante

Sei que alguns dos formandos orientam-se preferentemente para execução, composição e estudo do que se convencionou chamar de música erudita. Ela tem seu lugar e é importante. Que maravilhosas obras não foram capazes de produzir gênios como Mozart, Beethoven, Bach e, entre nós, Carlos Gomes, Villa Lobos e tantos outros! No entanto, no estágio em que vive a sociedade brasileira, nunca será de mais acentuar o grande espaço que é reservado à música popular brasileira.

Poderiam alguns indagar, diante das dificuldades do momento, sobretudo em função de manifestações obscurantistas de terroristas fascistas e de provocadores de extrema direita, se, diante das ameaças de retrocesso, de corte ou de suspensão do processo de abertura política, se, diante do reforço que setores autoritários andam tendo nos últimos tempos, se não é melhor o silêncio, a submissão a esquemas padronizados, manipuladores, evasivos.

Em verdade, não temos o direito de adotar ou manter uma postura pessimista. O paraninfo dos formandos em Música e patrono dos formandos em Comunicação teria justificativas racionais para adotar um comportamento negativista. Afinal de contas, além de ser leitor das linhas e das entrelinhas dos jornais, fui e sou vítima de uma cassação branca no momento em que, inclusive, era

aprovada no país uma anistia que "perdoava" tanto as vítimas como os responsáveis por atos de violência ocorridos no país nas duas últimas décadas. No entanto, continuo otimista. O processo de abertura é irreversível e certos fatos, aparentemente incompreensíveis, podem e devem representar a concessão feita para que o corpo social, em seu conjunto, dê novos passos adiante!

Acredito, todavia, que a resposta à questão é encontrada de maneira mais clara e segura, nas palavras de um poeta, de um compositor, de um músico, a quem eu gostaria de prestar uma homenagem no dia de hoje, o inesquecível Vinícius de Moraes.

Como ninguém, Vinícius soube transmitir o sentimento, o pensamento, a sensibilidade do homem brasileiro, como fez, com Carlinhos Lyra na canção "MARCHA DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS":

Acabou o nosso carnaval

Ninguém ouve cantar canções

Ninguém passa mais brincando feliz

E nos corações

Saudades e cinzas foi o que restou.

Pelas ruas, o que se vê

E uma gente que nem se vê

Que nem se sorri, se beija e se abraça

E sai caminhando, dançando e cantando cantigas

de amor

E, no entanto, é preciso cantar

Mais que nunca é preciso cantar

E preciso cantar e alegrar a cidade

A tristeza que a gente tem,

Qualquer dia vai se acabar

Todos vão sorrir, voltou a esperança

É o povo que dança, contente da vida, feliz a

cantar

Porque são tantas as coisas azuis,

Há tão grandes promessas de luz

Tanto amor para amar

E que a gente nem sabe

Quem me dera viver pra ver

E brincar outros carnavais

Com a beleza dos velhos carnavais

E o povo cantando

Seu canto de paz!

MENSAGEM AOS FORMANDOS
EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Professor Marco Antonio Rodrigues Dias

Patrono dos Formandos em Ciências

Biológicas - UNB - julho de 1980

Ser patrono dos formandos em Biologia Animal, Biologia Molecular, Biomedicina, Botânica, Licenciatura em Biologia e em Ecologia é um privilégio difícil de ser avaliado!

Não pretendo, neste momento de emoções, alongar-me em análises sobre a situação nacional ou sobre a instituição da qual, hoje, os formandos se despedem. **Uma crise séria e grave, crise sobretudo de valores, implantou-se desde há muito no país,** justificando indagações que se colocam naturalmente em momentos como estes, de festa é verdade, mas também de reflexão sobre o futuro que os jovens formandos vão enfrentar.

O Brasil vive um período de quebra de valores, uma época de descrença generalizada, uma era de desconfiança total e absoluta. Do ufanismo de tempos atrás -no final dos anos sessenta, a propaganda falava de "Brasil grande"- chegamos, agora, a um ceticismo geral, cuja característica principal é a inexistência de valores objetivos. **A consequência mais grave deste fenômeno, no campo social, é a tendência ao individualismo absoluto.**

Neste quadro, é gratificante deparar-se com jovens que, no momento de decidirem por sua opção de vida, escolhem não o caminho fácil de atividades que garantam, automaticamente, remuneração elevada e status social e sim o de profissões vinculadas a um alto interesse social.

Os formandos em Ciências Biológicas optaram por trabalhar com um tipo de matéria prima especial, a natureza, a vida sob todas suas formas.

A analogia que me vem à mente é a de que estes jovens são como os administradores públicos, cada vez mais raros, que cuidam dos trabalhos de base, da infraestrutura, em vez de se dedicarem, como a maioria, a obras suntuosas, que aparecem, que dão nome e prestígio a seus autores, mas que beneficiam apenas a um grupo minoritário na sociedade.

Numa civilização predatória e destruidora em que o homem, egoisticamente, apenas consome, esquecido de que a natureza e a vida são patrimônio coletivo, desta e das futuras gerações, é gratificante, insisto, ver jovens que tomam como lema e transcrevem, em seu convite de formatura, palavras como as de Benjamin Franklin:

> -"Se as cidades forem destruídas e os campos forem conservados, as cidades ressurgirão mas se queimarem os campos e conservarem as cidades, estas não sobreviverão".

Os amigos dos formandos devem se sentir contentes. os parentes e, sobretudo os pais, devem ter

orgulho. Têm filhos especiais, homens e mulheres adultos, socialmente responsáveis, que sabem exatamente o que querem.

Por isto mesmo -permitam-me um tom mais pessoal neste instante- é que me sinto alegre, emocionado e gratificado por emprestar meu nome, como patrono, à turma que, hoje, cola grau. **Esta escolha foi POLITICA**, no que a política tem de mais puro, mais desinteressado, mais idealístico.

O patrono dos formandos em Ciências Biológicas foi objeto de uma cassação branca, impedido de exercer suas funções mais elementares, inclusive as de professor. Os formandos, então, ninguém tenha dúvida disso, com sua escolha, vêm dizer, de público, que não perderam seu senso crítico e que homenageiam aquilo que o patrono, por circunstâncias especiais, passou a representar numa certa fase e num determinado lugar: a não submissão ao arbítrio, a defesa do diálogo como instrumento de educação, a ideia de que sem liberdade não há universidade que, realmente, mereça este nome.

Dentro dessa linha de pensamento, antes de concluir, chamo a atenção dos pais para um fenômeno e um fato recentes. O fenômeno foi a visita ao Brasil de Sua Santidade o Papa João Paulo II. Multidões embevecidas acorreram para ver e ouvir o Papa. **Numa sociedade sem rumo como a brasileira, buscavam alguém que, afinal, tinha credibilidade, alguém que dava às massas a impressão de que estava falando o que sentia, alguém que transmitia segurança, porque parecia acreditar naquilo que dizia**.

O fato, este mais recente, é o da escandalosa tentativa de apropriação das palavras do Papa, o de uma incrível manipulação daqueles que, responsáveis por atos de repressão, buscam encontrar uma justificativa moral para seus atos imorais, e que, sem nenhum escrúpulo, distribuem, em toda Brasília, um panfleto atribuído a um não identificado "comitê de pais pelo direito de estudar". Neste documento, de tudo o que o Papa disse e declarou, mencionam apenas o apelo de Sua Santidade aos jovens para que não se deixem seduzir por doutrinas ou ideologias que pregam o ódio e a violência e para que não acreditem que a única esperança para melhorar a sociedade está em promover a luta e o ódio entre grupos sociais.

Esta afirmação fazia parte da mensagem do Papa. E nem poderia ser diferente. Seria ridículo alguém esperar de Karol Woytila que, em sua vida, na sofrida Polônia, lutou contra o nazismo e se opôs ao comunismo, que viesse a apoiar qualquer regime ou sistema baseado seja na violência, seja no autoritarismo. **Para alguém que tenha valores espirituais, que respeite o valor da pessoa humana, a violência e o autoritarismo serão sempre inaceitáveis**!

Inaceitável é também a utilização destas palavras, fora de seu contexto, e para justificar uma situação de injustiça. Inaceitável também é que, tentando utilizar a palavra do Papa contra os jovens, deixem de citar justamente as palavras que a estes são destinadas, pois, no Brasil, o Papa

demonstrou compreender e apoiar os anseios da juventude, quando, entre outras coisas, afirmou, completando e esclarecendo o seu pensamento:

> "Abertos para as dimensões sociais do homem, vocês não escondem sua vontade de transformar radicalmente as estruturas que se lhes apresentam injustas na sociedade. Vocês dizem, com razão, que é impossível ser feliz, vendo uma multidão de irmãos carentes das mínimas oportunidades de uma existência humana..."
>
> E ainda:
>
> -Eu vivi, na minha juventude, estas mesmas convicções. Eu as proclamei, jovem estudante, pela voz da literatura e pela voz da arte..."
>
> -"Tudo isso, essa tremenda e valiosa experiência, ensinou-me que a justiça social só é verdadeira se baseada nos direitos do indivíduo...
>
> "No próprio movimento interior que me levou à descoberta de Jesus Cristo e me arrastou irresistivelmente a Ele, percebi algo que bem mais tarde o Concílio Vaticano 2 exprimiu claramente. Percebi que o Evangelho de Cristo anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus e rejeita toda a escravidão, derivada, em última análise, do pecado...

Os autores anônimos - nem coragem de se identificarem eles têm - do folheto distribuído em Brasília, analisam a situação da UnB, lançando sobre os jovens, sobre os estudantes, a culpa pelos graves problemas vividos por esta instituição. A manipulação é grosseira, e uma proposição é feita aos pais para que estes conversem com os filhos sobre esta questão.

Está aí uma boa ideia de que me valho nesta mensagem aos formandos em Ciências Biológicas e também a seus pais. **Vocês devem discutir o que se passa no Brasil, na UnB e em todas as instituições públicas. Sem discussão, sem debate, sem participação, não existe democracia**. A UnB, por sua vez, é patrimônio da sociedade não é propriedade privada de ninguém, nem de indivíduo, nem de grupo!

Seria fundamental que os pais estudassem e discutissem **o instituto do jubilamento** e a forma como é aplicado na UnB! **Verificassem se tem sido utilizado como medida de correção didática como se apregoa ou como fórmula disfarçada de punição indiscriminada! Analisassem se é normal o fato de uma universidade com cerca de nove mil alunos de graduação jubilar, isto é eliminar, em três anos, entre 1977 e 1979, cerca de 2.700 estudantes!** Qual o custo social desta medida?

Seria bom, de fato, que todos os pais conversassem com seus filhos. Discutissem, por exemplo, com os que estudam Ciências Biológicas, as causas que fazem com que um país em expansão e crescimento, presente, já há algum tempo, antes mesmo da eclosão da crise econômica mundial, um sério retraimento em seu mercado de trabalho. O fato de se tratar de jovens idealistas não significa que desejem morrer de fome ou se submeter a situações de sub-emprego. A sociedade necessita da atividade profissional destes jovens, eles responderam a seu chamado e, agora, exigem a contra-partida.

Conversando com eles, ampliando este debate para os meios de comunicação, os pais ajudariam a ampliar o debate sobre o papel que certas multinacionais desempenham em nossa economia, sobretudo em setores vitais como os da indústria farmacêutica e indústria de alimentos, com as pesquisas sendo concentradas nos países de origem destas companhias, ficando os países em desenvolvimento, como o Brasil, como meros consumidores, quando não como cobaias destes grupos.

Quem sabe destas conversas não sairiam ideias objetivas que dessem à universidade condições de exercer sua função de abrir campos de pesquisa no interesse de nosso desenvolvimento social e que venham, em seguida, ajudar a ampliar o mercado de trabalho!

Bom seria, então, que pais e ex-alunos tomassem assento no Conselho Universitário da UnB, a fim de dialogarem não só entre si como com os representantes dos estudantes atuais, dos professores e da administração da Universidade, a fim de que estas conversas tivessem um desdobramento prático, inclusive sobre a qualidade do ensino. Quem sabe, tais medidas não constituiriam o início de nova era nas relações internas da Universidade, uma luz a iluminar um contexto ainda nada claro!

A quem, eventualmente, indagar se vale a pena lutar e manter a cabeça erguida, depois de tudo o que ocorreu nos últimos anos e continua a ocorrer na UnB, direi que o pessimismo não constrói, nem ajuda. O Brasil vive momentos difíceis, é certo, mas continuo entre aqueles que acham que o processo de abertura é irreversível. **Depois da noite mais escura, sempre vem a aurora. E, mesmo durante a noite, a vida não desaparece. Ao contrário, há formas de vida que surgem e se desenvolvem de maneira mais eficaz em plena escuridão.** Por isto, é bom ainda recordar, como fazem Carlos Lyra e o inesquecível Vinicius de Moraes que, nestes momentos, é que é preciso cantar, mais que nunca é preciso cantar e alegrar a cidade...

ANEXO I

PIONEIROS TROCAM LEMBRANÇAS SOBRE A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Às vésperas do Jubileu da UnB, professores compartilham memórias e refletem o papel do curso na história das universidades brasileiras- **Daniela Gonçalves -** Da Secretaria de Comunicação da UnB – Faculdade de Comunicação da UnB – 20.04.2012

A Faculdade de Comunicação reuniu personalidades históricas da UnB na manhã da sexta-feira, 20 de abril, como parte das comemorações do cinquentenário da universidade. Pioneiro na reestruturação da FAC nos anos 70, o professor Luiz Gonzaga Motta, coordenador da pós-graduação, abriu o debate com lembranças sobre o período da ditadura militar. "Vocês já nasceram em um Brasil democrático. Para nós, que temos mais de 60 anos, é um percurso relativamente recente. Não é passado, mas a nossa vida", disse, para o auditório lotado de estudantes. "Eu vivi a maior parte da minha vida adulta, ativa, durante a ditadura. A democracia no Brasil só tem 22 anos, a idade da maioria de vocês."

Quando o professor Gonzaga começou a dar aulas na UnB, aos 27 anos, a universidade era um microcosmo do que acontecia no Brasil, no contexto de resistência à ditadura. Um episódio ainda vivo na memória dele foi o convite para participar da primeira reunião de professores dentro do campus. "Eu passava assobiando, olhando para cima, morrendo de medo de ser pego pelos arapongas", conta.

Outro pioneiro presente no debate, o professor aposentado da UnB e ex-diretor da Divisão de Ensino Superior da Unesco (1981-1999**) Marco Antonio Rodrigues Dias** descreveu o clima de desconfiança dentro do campus. "Havia agentes do serviço de segurança infiltrados entre os alunos mais radicais. Eles também apanhavam e eram presos. Assim, legitimavam-se perante a resistência e tornavam-se mais eficientes como espiões", relatou.

"Para a repressão, todo mundo que fumava maconha era comunista", apontou o professor Luiz Martins da Silva, que concluiu a graduação em Jornalismo pela UnB em 1975, onde também fez mestrado e doutorado. Dentro de um banheiro do ICC, ele e um colega distribuíram textos impressos em um mimeógrafio cachacinha (movido a álcool) sobre a morte de um amigo. "Só um suicida sairia distribuindo panfletos pelo Minhocão", disse.

Quando os anos de resistência passaram e a redemocratização chegou, professores e alunos da FAC batalharam na área de políticas públicas para comunicação durante a Assembléia Nacional Constituinte (1986-1988). O professor Gonzaga Motta lembra dos dias no Congresso Nacional, "buzinando" na cabeça dos deputados, levando documentos e informações para garantir uma comunicação democrática. "Não tem como a UnB não ser politizada. Além da proximidade com o poder, há figuras políticas que dão aula na universidade, como Cristovam Buarque e Gilmar Mendes", aponta. Com a restauração da democracia, os professores de Comunicação desenvolveram um trabalho de crítica da mídia, com o objetivo de promover uma reflexão dos meios de comunicação sobre questões sociais ainda graves no Brasil.

A UnB foi uma das pioneiras na pós-graduação em Comunicação no Brasil, só ficando atrás da Universidade de São Paulo (USP). No curso, nasceram o Festival Brasília de Cinema Brasileiro, o jornal-laboratório Campus, a agência 296, o SOS Imprensa, entre outros. Lá foi realizado o I Seminário Latino-americano de Comunicação, em 1975, do qual participaram especialistas nacionais e internacionais e que foi o embrião da Associação Latino-americana de investigadores da comunicação (Alaic). Nos anos 90, as primeiras reuniões da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) também aconteceram na FAC.

Nas instalações da FAC também nasceu a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2003.

ESTRUTURAÇÃO

Em 1964, ano de instalação da ditadura, existia um curso de Jornalismo, embrião da Faculdade de Comunicação de Massa. Contudo, o projeto criado pelo jornalista Pompeu de Sousa, inovador para a época, foi interrompido pelos acontecimentos políticos relacionados ao golpe militar. Sucedeu-se, então, um período crítico marcado por medo, ameaças, perseguições e prisões de alunos e demissões de professores.

No início dos anos 70, o curso de Comunicação passou por uma reestruturação profunda, com a ampliação das instalações, estrutura, materiais, equipamentos e corpo docente. Em julho de 1974, com a criação do Programa de Mestrado, foram firmados convênios com órgãos internacionais que permitiram a vinda de professores estrangeiros para integrar a equipe e a ida de professores da UnB para cursos de pós-graduação no exterior. Segundo o ex-professor José David Salomão Amorim, que participou da formulação do programa, o mestrado nasceu dentro da ideia de comunicação para o desenvolvimento. "Havia uma tensão latente entre duas vertentes de trabalho, o pensamento marxista, que definia o clima na universidade, e o desenvolvimentista", contou.

O professor Marco Antônio lembra ainda que o programa foi acusado de seguir a linha desenvolvimentista dos cursos estadunidenses. "Não se tratava de desenvolvimentismo para o crescimento, mas sim dentro do pensamento de Darcy Ribeiro e Paulo Freire, isto é, para o benefício de todos, para a transformação da sociedade", explicou. Para ele, a colaboração de professores latino-americanos de destaque se deu no sentido de ajudar a ver como seriam alcançados os objetivos traçados pelos professores da UnB.

FUTURO –

Considerando a ausência de uma lei de imprensa que proíba o monopólio dos meios de comunicação e garanta a diversidade de canais, fontes e mensagens, o professor Salomão levantou a necessidade da continuidade da luta pela comunicação democrática iniciada na época da ditadura. "Os alunos não só devem batalhar por uma formação de qualidade, mas situar essa formação no contexto brasileiro. Assim, saberão como atuar pelo aperfeiçoamento da democracia", argumentou.

Para o professor Luís Martins, a FAC hoje é irreconhecível quando comparada ao que foi no passado, em termos de tamanho e tecnologia. "O tempo todo vejo as pessoas acessando a internet pelo celular. Além disso, a universidade virou uma cidade, à noite fica impossível estacionar", admira-se.

Sobre o Programa Ciência sem Fronteiras, o **professor Marco Antônio** avaliou que a cooperação internacional entre universidade é necessária, mas não pode ser unilateral. "É importante conseguir enviar pessoas para boas universidades estrangeiras, mas é importante trazer esse conhecimento de volta para o Brasil."

O texto e fotos podem ser utilizados e reproduzidos desde que a fonte seja citada. Textos: **Secom UnB**.

Universidade de Brasília, 22 de novembro de 1993

ANEXO 2

PREFÁCIO AO LIVRO DE MOUILLAUD E SERGIO PORTO

Prefácio de Marco Antonio Rodrigues Dias ao livro "O Jornal – da Forma ao sentido"- 3ª. edição revista e ampliada- Editora Universidade de Brasilia- Maurice Mouillaud e Sérgio DayrelL Porto (org) – 2012.

APRESENTAÇÃO

Muitos brasileiros passaram pelas salas de aula do professor Maurice Mouillaud. É provável que, juntamente com Moniz Sodré, eu tenha sido o primeiro, ainda nos anos 60, primeiro de uma longa série no decurso dos últimos quarenta e cinco anos!

Mouillaud é o que a minha memória registrou: um biotipo que recordava o de frei Mateus Rocha, dominicano, companheiro de Darcy Ribeiro na criação da UnB. Magro, um pouco calvo, olhar vivo, a imagem física dos dois se confunde bastante na memória do estudante de 1968.

Numa época em que na universidade francesa dominavam os cursos magistrais, Mouillaud já era adepto dos seminários práticos em que os estudantes participavam da escolha dos temas a analisar e, em seguida, aprendiam, fazendo. O famoso informe Edgar Faure, "Aprender a Ser", que defendia a trilogia do "aprender a conhecer", "aprender a fazer" e "aprender a ser" somente veio a público em 1972, como um fruto inesperado do movimento estudantil de Maio de 1968. Mouillaud foi pioneiro neste campo.

Naquela época, a "análise de conteúdo" estava na moda. Brasileiros que iam ao Centro de Estudios Superiores de Periodismo para La América Latina, em Quito, Equador, ou faziam mestrado em comunicação nos Estados Unidos, regressavam entusiasmados e, com réguas de cálculo, mediam, compulsivamente, os centímetros que os jornais concediam a assuntos internacionais, economia, política, a noticiário esportivo, policial e outros. Pensava-se que, com isso, era possível decifrar, com segurança científica, as intenções maquiavélicas dos senhores Chateubriand, Mesquita, Brito ou Marinho.

Mouillaud introduziu as técnicas de análise de conteúdo na França e, indiretamente, no Brasil. Como estudante de terceiro ciclo, participei, com ele, de um trabalho sobre a imprensa francesa. Passei semanas inteiras medindo os artigos do *Le Monde*. Quando voltasse ao Brasil – pensava na época – participaria da casta dos "iluminados", capazes de, cientificamente, desmascarar os manipuladores da opinião pública.

Mouillaud era mais lúcido. Honesto – como não eram todos seus colegas nem de antes nem depois de maio de 68 – dizia-nos que a tendência dos pesquisadores em se limitar ao conteúdo manifesto provocava a eliminação de conteúdos latentes que não são

quantitativos. O resultado, acentuava ele, é que o analista, sintetizando dados totalmente declarados, encontrava, após um longo trabalho e muita energia despendida, informações que não eram segredo para ninguém...

Mouillaud ensinava a técnica, mas advertia sobre seus limites, o que era, sem dúvida, uma grande lição de competência, realismo e honestidade. Hoje, lendo o texto em que o professor francês se apresenta ao público especializado brasileiro, verifico que ele continuou analisando os "acontecimentos", mas sua perspectiva mudou bastante no decorrer dos mais de quarenta anos que se passaram desde 1968.

As técnicas quantitativas foram definitivamente jogadas às favas e, sem atingir a incomunicabilidade de certos semiólogos (ou semióticos?), Mouillaud é, hoje, alguém que, em matéria de análise dos meios de comunicação, de dissecação do texto, está próximo das preocupações de autores como Habermas em sua *Teoria da ação comunicativa* e, além disso, acredita que o estudo em profundidade da realidade exige, prioritariamente, a compreensão do indivíduo – em particular dos profissionais da mídia – situado em um meio social e em um momento histórico determinados.

Segundo Sérgio Porto, um dos especialistas brasileiros que desenvolveu trabalhos com Mouillaud e responsável principal pela organização deste livro, o autor francês se dedica às representações do jornalismo através de seus discursos. É como se tivéssemos de um lado o próprio jornal - ainda de papel - e do outro lado as suas representações, os seus discursos competentes. A virtude do Mouillaud, segundo Porto, é que ele identifica este primeiro jornal com os próprios fatos e os próprios acontecimentos. Juntar fato e jornal no mesmo contexto é uma virtude, uma antecipação inteligente, arremata, com entusiasmo juvenil, o veterano Sérgio Porto.

Embora vivendo e trabalhando em Paris, há trinta anos, primeiramente como diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO (1981-1989), em seguida como representante da Universidade das Nações Unidas (até junho de 2009) e, agora, como consultor internacional no campo do ensino superior, jamais revi o professor Mouillaud. Falamos por telefone uma vez quando da primeira edição deste livro. Ficamos de nos ver, mas, em realidade, nossos caminhos não eram os mesmos e, ao contrário da maioria de seus ex-alunos, orientei-me por outros campos e áreas do saber, trabalhando mais na área de educação e desenvolvendo mais projetos concretos de cooperação que formulando teorias sobre a realidade.

Por outra parte, tendo completado minha formação acadêmica na França no emblemático ano de 1968, fiquei definitivamente vacinado contra o intelectual padrão médio francês. Até maio de 1968, eu me extasiava nos anfiteatros da Sorbonne ou de "Sciences-Po", ouvindo os luminares da Sociologia, das Comunicações, das Ciências Políticas, desenvolverem análises de alto nível que sofríamos para compreender e acompanhar. O entusiasmo não durou muito. Maio de 68 botou tudo isto por terra.

Maio de 1968, no campo pessoal, criou um trauma provocado pela leitura de textos de alguns intelectuais de renome que, passados alguns dias do lançamento do movimento estudantil, publicaram séries de artigos de página inteira em Le Monde e em outros jornais e revistas, dissecando o movimento estudantil, explicando suas origens, analisando todas suas implicações. Lendo aqueles artigos, qualquer leitor comum, compreenderia que tudo o que estava ocorrendo naquele momento era previsível e inevitável. A questão à qual os filósofos e intelectuais franceses não respondiam era a de que se tudo era tão previsível por que eles não escreveram aqueles artigos em março ou abril de 1998 e sim a partir de meados de maio quando a explosão social na França assustava o mundo inteiro?

E, isto não mudou com os tempos. Grandes filósofos que se destacaram nas últimas décadas, muitos deles provenientes do movimento de maio de 1968, adeptos na juventude de Marx, de Marcuse, de Habermas, estiveram, entre os primeiros a se aliarem a Sarkozy e aos grupos de direita que, hoje dominam a política na França. O oportunismo político se revela, em muitos casos, mais forte que a coerência intelectual.

Em realidade, a postura de Mouillaud é diferente. Ele busca, à sua maneira, acompanhar os fatos, sem se afastar da realidade. No fundo, isto explica o sucesso das duas primeiras edições de "O Jornal – Da forma ao sentido", iniciativa de Maurice Mouillaud, o autor principal, e de Sérgio Dayrell Porto, co-autor e organizador desta coletânea que reuniu autores franceses e brasileiros, todos dedicados a estudar os meios de comunicação, principalmente o jornal, suas apresentações, seu conteúdo.

Tem sentido re-editar este livro com as mudanças tão profundas que sofre a comunicação nos tempos atuais com o impacto das novas tecnologias e com as questões cada vez mais agudas corroboradas pelos fatos de que os meios de comunicação tradicionais vivem sob ameaça, muitos prevendo mesmo a morte dos jornais?

Mouillaud, ele mesmo, lucidamente já dizia, na segunda edição do livro que a "invenção de "novas tecnologias" de comunicação (no atual momento, uma rede planetária como a Internet é suscetível de abalar as permutas (freqüência, identidade dos parceiros, natureza das mensagens etc...). E prosseguia dizendo que "talvez seja o próprio status da escrita que esteja sendo posto em questão", mas prudente concluía dizendo que "isto é uma outra história".

Uma outra história é verdade, mas cada vez mais real. A cada diz que passa, anunciam-se crises em jornais, mudam-se os formatos de apresentação, acordos são feitos com outros meios, proprietários se sucedem em busca de fórmulas cada vez mais difíceis e os jornais, para sobreviver, já não se limitam a produzir noticias: vendem coleções de livros, lançam suplementos especiais, produzem CDs e DVDs, e, agora, em Paris, um jornal como o "Le Monde" se lança inclusive no ramo de propor a seus leitores viagens turísticas e promoções de vinhos de qualidade.

Nas primeiras edições, Mouillaud, como outros autores, alonga-se precisamente na análise dos jornais "Le Monde" e "Libération", cada um a seu modo, jornais que tinham, em sua origem, um posicionamento distinto do conjunto da imprensa no mundo capitalista, o primeiro deles dependendo totalmente de decisões, no que diz respeito ao conteúdo, tomadas por seus jornalistas. Agora, tudo mudou. "Le Monde" e "Libération" são jornais como todos os demais, ambos tendo sido obrigados a se recapitalizar e entregar o controle da publicação a empresários, tidos como progressistas, mas empresários com interesses muito claros a defender.

A idéia de jornal como bem público virou coisa do passado, sonho de uma noite de verão, capaz de fazer Beuve-de-Méry e Sartre, os criadores destes dos jornais, revirarem-se inutilmente em seus túmulos. Estes jornais podem adotar fórmulas mais modernas, um linguajar mais acessível, nada disto esconderá a realidade de que, por mais brilhantes que continuem sendo alguns de seus jornalistas, o que é importante, o que é notícia, já não é decidido ou selecionado exclusivamente pelos jornalistas. E os diretores que controlam tudo são nomeados pelos empresários. Comunicação e poder é uma realidade mais forte que nunca. Na França, volta-se à realidade de mais de cinqüenta anos quando Jean Schwoebel escreveu um clássico, "La presse, Le pouvoir et l'argent,", de quem ninguém mais fala e que, no entanto, é cada vez mais atual.

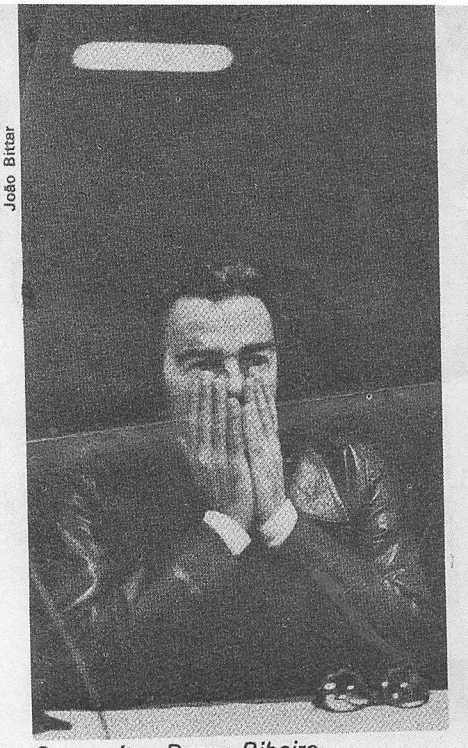
Mouillaud, como seus alunos, envelheceu, mas chegou firme à terceira edição deste livro. E envelheceu bem pois continua a tratar dos fatos e da realidade, ao contrário de intelectuais franceses e de alguns imitadores brasileiros, que, utilizando um linguajar esotérico, muitas vezes brilham com discursos que todos aplaudem, ninguém tendo a coragem de dizer que o rei está nu e que tudo aquilo não tem nenhum sentido para o comum dos mortais.

Pessoalmente, em minha longa vida internacional, tive a oportunidade de assistir um intelectual de renome deste tipo, este brasileiro, fazer discursos hilariantes no quadro da Universidade das Nações Unidas, provocando estupefação generalizada entre ouvintes e principalmente entre os intérpretes. E, na UNESCO, tive de enfrentar um grande filósofo da atualidade, este francês, que veio anunciar à direção da organização propostas no campo da comunicação e da educação absolutamente desligadas da realidade e totalmente impraticáveis, mas capazes de provocar artigos brilhantes no mundo inteiro.

A verdade é que, seja o que ocorrer com os jornais em função do desenvolvimento das novas tecnologias, a comunicação continuará existindo, os que detêm o poder prosseguirão fazendo tudo para controlá-la, consolidando a realidade que alguns chamariam de positivista de que poder, dinheiro, manipulação e comunicação, permanecerão indissoluvelmente unidas. Como observadores privilegiados destes fenômenos, só nos resta manifestar o desejo de que Mouillaud e seus ex-estudantes, agora companheiros e amigos, mantenham-se fortes, saudáveis e lúcidos e, na quarta edição, tratando de fatos, como buscam fazer, dediquem um espaço importante para explicitar, com ou sem análise de conteúdo, as ligações existentes entre os objetivos dos que detêm o poder político e financeiro no mundo e a estrutura e o conteúdo dos meios de comunicação.

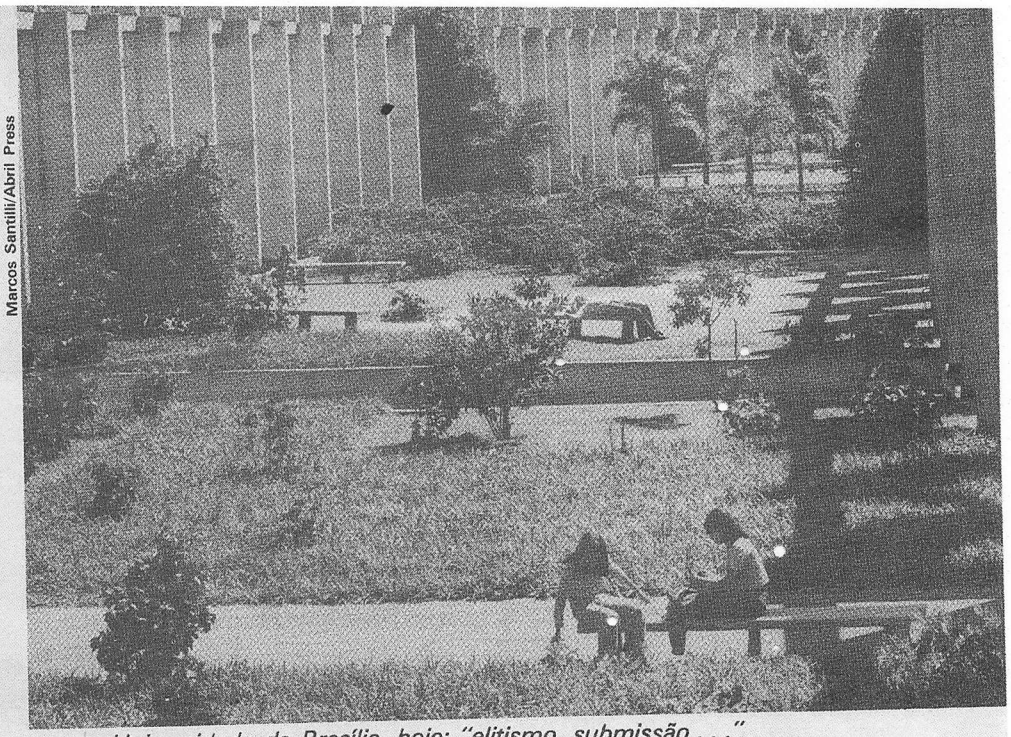
Marco Antonio Rodrigues Dias

Professor aposentado da UnB, ex-diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO (1981-1999), consultor internacional para temas de educação superior.



João Bittar

O ex-reitor Darcy Ribeiro . . .



Marcos Santilli/Abril Press

. . .e a Universidade de Brasília, hoje: "elitismo, submissão . . ."

DESABAFO

UnB, 14 anos depois: vetaram a utopia

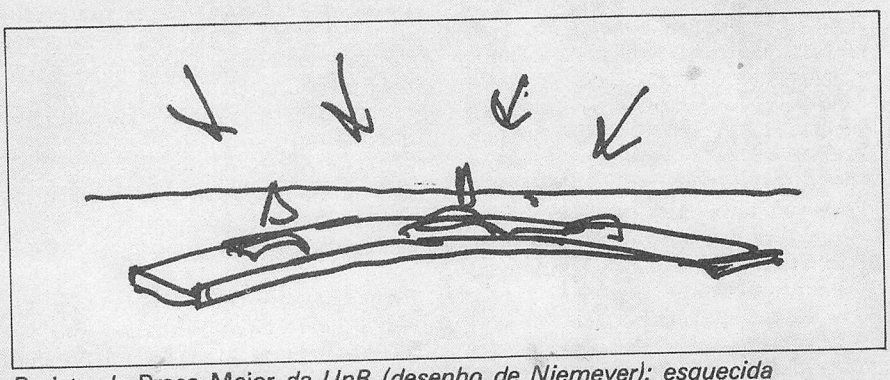
Darcy Ribeiro, o criador, recorda em livro o triste sonho

*A Universidade de Brasília nasceu de um projeto ambicioso. É inegável. O antropólogo Darcy Ribeiro, que o implantou, em 1962, como seu primeiro reitor, vai além: acha que não houve questão cultural mais séria, mais desafiante e mais empolgante em toda a década de 60. Chamava-a de "uma utopia concreta". A Universidade de Brasília queria recusar o convencional, optando pela crítica, por propostas pedagógicas revolucionárias – ou subversivas, como preferiam dizer os desafetos. Sacudida, nos anos posteriores a 1964, por sucessivas invasões policiais, condenada ao marasmo acadêmico pela demissão em massa de seus melhores professores, a UnB já não é mais o que era. Darcy Ribeiro está lançando, por esses dias, um livro (*UnB: Invenção e Descaminho, *editora Avenir) em que evoca o que se pretendia fazer e o que virou o sonho dos fundadores. O livro tem ilustrações de Oscar Niemeyer. Aqui, um dos capítulos:*

Meses atrás, passando rapidamente por Brasília de volta de uma viagem a Manaus, visitei o *campus* da Universidade de Brasília que não via há quatorze anos. Não será novidade para ninguém que me emocionei muito ao rever a macega brasiliana, na beira do lago do Paranoá que eu conhecera tanto, substituída por gramados e arvoredos, ruas e edificações. Onde o bosque de árvores regionais que se tinha previsto? Onde os renques de buritis? Onde tanta coisa mais apenas pensada, mas que eu procurava no chão do mundo, cobrando, querendo que se tivesse concretizado por milagre?

A universidade, aparentemente, era aquele conjunto de prédios bons e ruins que eu via à luz do sol da tarde, primeiro de dentro do táxi do aeroporto, depois andando por toda a parte. Belíssimo o *Minhocão*, que eu vi nascer das mãos de Oscar (Niemeyer) e de Lelé (o arquiteto João Filgueiras Lima) e que tanto me esforcei, depois, para que se edificasse rapidamente, sem jamais supor que fosse tão belo. Os acessos magníficos, os amplíssimos jardins centrais e laterais lá estavam afirmando o que é arquitetura boa e sóbria. Apesar das divisões de eucatex, dos fios elétricos puxados daqui para ali, da falta de bonde elétrico, lá embaixo, ou do mau uso de almoxarifados convertidos em laboratórios e tanta bobagem mais.

Gosto de dizer, para divertir os amigos, que foi por preguiça que Oscar projetou o *Minhocão* tal qual ele é: 780 metros de comprimento por 80 de largura, em três níveis. A verdade que há nisso é só que Lúcio Costa previa no plano urbanístico do *campus* da UnB oito áreas para os Institutos Centrais, cada uma delas contando com edifícios especializados para anfiteatros, salas de aula, laboratórios, departamentos, bibliotecas etc . . . No total, somariam para mais de quarenta edificações, que deveriam ser projetadas e construídas uma a uma. Oscar resumiu tudo isso num edifício só, composto por seis modalidades de construção, que permitiriam acomo-



Projeto da Praça Maior *da UnB (desenho de Niemeyer): esquecida*

dar num conjunto qualquer programa de utilização. Ao fazê-lo, porém, renovava a arquitetura das universidades, dando um passo decisivo no sentido do que viriam a ser, depois, as universidades que ele desenhou pelo mundo.

Bolos de noiva. O projeto do Instituto Central de Ciências de Brasília – que todos chamamos *Minhocão* – constitui uma das melhores criações de Oscar Niemeyer. Frente a ele, ou ao que seria ele no futuro, e apenas se podia adivinhar no que estava construído em 1963, é que o marechal Tito me perguntou certa vez, como é que conseguíamos de nossos arquitetos que não fizessem bolos de noiva como os dele. Oscar, expliquei, fez tantos palácios que, agora, está predisposto a inventar as formas mais simples. De fato, em sua simplicidade, com grandeza, o *Minhocão* é o antipalácio; mas ainda assim, ou por isto mesmo, é um dos mais belos edifícios do mundo.

Pena que a mediocridade e a inveja tenham privado Brasília da maior parte do que Oscar projetou para a universidade. Penso, principalmente, na *Praça Maior*, que hoje poderia estar atraindo tanta atenção quanto a praça dos Três Poderes. De um lado, ela abrigaria a *Aula Magna*, que seria o grande anfiteatro, cinema e teatro da UnB, mas fora planejado para funcionar como um edifício especializado para a realização de grandes congressos, a começar pela Assembléia Geral da Unesco, que lá se reuniria em 1964. No outro lado, *Biblioteca Central*, que seria um quadrado discreto, contrastando com a lâmina da Reitoria. O terceiro lado estaria coberto pelo *Museu da Civilização*, que comunicaria Brasília e o Brasil com as civilizações que floresceram em todo o mundo, a fim de nos situar responsável e ambiciosamente entre elas. O quarto lado estaria aberto às águas e aos ventos do Paranoá.

Pretensiosa e vitrineira. Entre o *Minhocão* lá em cima e a *Praça Maior* cá em baixo, a universidade contaria com o grande campo do seu *campus*. Seria uma imensa concha gramada, suavemente recurvada, onde milhares de estudantes e professores, sentados, deitados ou recostados ouviriam música, namorariam, conversariam, discutiriam ou simplesmente conviveriam como membros de uma comunidade solidária, sentindo que a vida é bela e que é gostoso viver em liberdade e participando de um projeto socialmente generoso (...)

De tudo isso que poderia ter sido, só se salvou o *Minhocão*. Mas, ao seu lado, quanta arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola. Meditando ali, naquela tarde, frente ao que é hoje o *campus* da UnB, eu aprendi que uma universidade não é apenas um conjunto de edifícios na tarde do cerrado goiano. A UnB é uma utopia vetada, é uma ambição proibida, por agora, de exercer-se. Mas permanece sendo, esperando, como a nossa utopia concreta, pronta a retomar-se para se repensar e refazer, assim que recuperarmos a liberdade de definir o nosso projeto como povo e a unviversidade que deve servi-lo.

Vi ali, claramente, que a UnB é, sobretudo, o compromisso de esforçar-se, permanentemente, incansavelmente, para ser a universidade necessária. Aquela que, ademais de construir-se a si mesma como deve ser, a casa da cultura brasileira, se faça capaz de ajudar o Brasil a formular o projeto de si próprio: a nação de seu povo, ordenada e regida por sua própria soberana, como o quadro dentro do qual ele há de conviver e trabalhar para si próprio.

Não pode ser outra a tarefa da universidade de uma nação dependente no plano externo e oprimida internamente. Uma nação cativa de elites infecundas que, não lhe permitindo nunca organizar-se para o seu próprio povo, se viu retardada na sua evolução histórica. Esta nação frustrada é que requer da sua universidade as armas intelectuais de que necessita vitalmente para o salto revolucionário que lhe permitirá realizar suas potencialidades a fim de integrar-se, um dia, autonomamente, na civilização do seu tempo como uma sociedade avançada, próspera e solidária.

Papel libertário. As universidades das nações avançadas que cresceram bafejadas pelo progresso geral de suas sociedades podem descurar desta tarefa ou até renegá-la. Jamais se esperou delas que fossem a consciência crítica dos seus povos. É completamente diferente, porém, a situação dos povos que não realizaram suas potencialidades, como o nosso. Ontem, nos vimos apenas modernizados reflexamente pelas forças renovadoras da Revolução Industrial. Hoje, vivemos sob a ameaça de sermos outra vez apenas confirmados numa posição de segunda classe, no curso da Revolução Científica que está em marcha. Para nós, a universidade, não podendo ser o reflexo do êxito – mesmo porque ele não foi alcançado –, tem de ser um instrumento de superação do atraso. É de perguntar, porém, se a universidade pode representar este papel libertário, precisamente em nossas sociedades dilaceradas por antagonismos sociais tão irredutíveis que tornaram impossível até mesmo viabilizar um regime democrático.

AIE

Cerimônia de inauguração, em abril de 1962 (Darcy é o último à direita)

Estas questões, situadas no âmago dos antagonismos que opõem os interesses populares aos das elites, dividem inevitavelmente a comunidade acadêmica entre os que querem uma universidade caudatária, cativa e dependente no plano das relações externas, e elitista, instrumental e antipopular no plano interno; e os que a querem autônoma e libertária. Onde e quando prevalece no poder o respeito aos interesses nacionais e populares, e a liberdade de expressá-los, a universidade, mesmo dividida, pode crescer e se afirmar no exercício de sua função crítica. Onde prevalece no poder o elitismo, a submissão e a dependência, a universidade reprimida por forças externas é também avassalada internamente pelos agentes da modernização que a subjugam em nome de valores acadêmicos tão-só para servir ao poder discricionário.

Utopia concreta. Então, a universidade se vê reduzida ao exercício de funções técnicas profissionais, porque está despojada de sua alma. Debaixo da iniqüidade, porém por mais atroz que seja, sempre subsiste, na consciência dos melhores, a universidade como utopia concreta, pronta para realizar-se assim que para tal existam condições mínimas.

Isto é o que me entrou pelos olhos naquela tarde, percorrendo o *campus* da UnB. Percebi ali, claramente, que a verdadeira Universidade de Brasília é a utopia concreta que subsiste calada entre seus muros no espírito dos estudantes e dos professores que guardam fidelidade ao seu espírito; mas é, também, a universidade enclausurada, que vive onde sobrevive os que a conceberam; é, sobretudo, a que ressurgirá em quantos, amanhã, hão de reencarná-la em liberdade e dignidade.

Responde o reitor Azevedo

O capitão assegura que, hoje, sim, a UnB é uma maravilha

O atual reitor, capitão José Carlos Azevedo, diz o que pensa do projeto e da realidade da UnB:

Chegando à UnB, no final de 68, para colaborar seis meses na sua estruturação, o que me surpreendeu não foram o clima de instabilidade e improvisação, a inexistência de currículos e a irregularidade dos cursos: foi a estrutura arcaica, envelhecedora. Antes de 70, três eram os cursos reconhecidos; hoje, com dez vezes mais, estão todos regularizados. A UnB dos anos 60 era um amontoado de galpões de madeira; tinha menos de um terço do número atual de alunos, quase igual número de professores e servidores. O único texto de ordenamento existente, o Estatuto, era lírico e inviável; a partir de 1970, foram todos os textos redigidos, reconhecidos os cursos e criadas as carreiras do pessoal.

Hoje, possui um dos mais elevados índices de titularidade docente do país e é a que melhor paga; está entre as que mais investigações originais publica: 737 em 1977, 750% mais que em 1971. É a que mais investe em livros e revistas: sua biblioteca possui 400 mil volumes, recebe 6.900 títulos de periódicos – mais do quíntuplo da década de 60 – e fica aberta 24 horas por dia, com freqüência diária superior a 3.500 leitores. Antes de 1971, não existiam cursos de pós-graduação; hoje possui cerca de 25. Seus cursos de extensão são dos mais importantes do país e os Encontros da UnB são conhecidos de todos.

Luís Humberto/Abril Press

Azevedo: "lírico e inviável"

Ritmo próprio. *Sem demérito ou crítica para o seu inspirador – Anísio Teixeira, ou seus criadores, Oswaldo Trigueiro e Cyro dos Anjos, nem para as ilustres pessoas que os assessoraram, alguns dos quais aqui continuam –, a UnB nasceu nos anos 70. Antes, era uma quimera no papel, sem recursos e estrutura que lembrassem universidade; o folclore da época é imenso; um repórter sem vivência acadêmica veio fazer uma entrevista e saiu diretor de uma faculdade . . . ali criada.*

Nunca saiu das boas intenções; proposta avançada para a época – adaptação da Universidade de Concepción (Chile) –, a UnB dos anos 60 nunca existiu.

Executa atualmente mais de 250 convênios, que lhe carreiam recursos superiores a 15% num orçamento de quase 1 bilhão de cruzeiros. Possui grupos de pesquisa de renome internacional. Foi a primeira a implantar no país, em 1971, o sistema de créditos, que nada deve aos existentes no exterior, possibilitando ao aluno imprimir ritmo próprio aos seus estudos.

De tudo o que aqui existe, 80% pelo menos datam desta década. UnB dos anos 60? Mera intenção: uma vintena de pessoas de renome; o resto era devaneios. Não era só cópia de Concepción, mas da nossa Conceição, a do samba: ninguém sabe, ninguém viu. Res non verba, *diziam antes de Cristo.* **José Carlos Azevedo**

UNB

O reitor diz como a imprensa deve agir

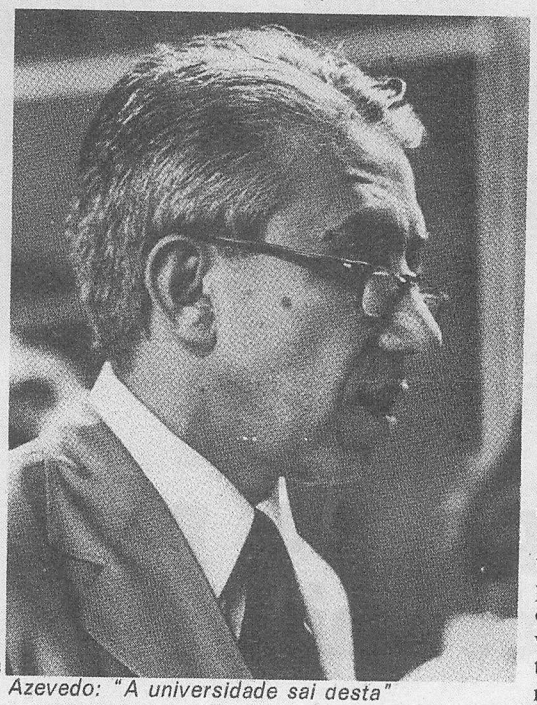
Enquanto isso, a crise e a polícia continuam

O reitor José Carlos Azevedo continua o mesmo. Assim como continua a mesma a situação da Universidade de Brasília: as prisões de praxe, as correrias habituais, as reuniões possíveis, um resto de greve, um reinício nervoso e tenso de algumas atividades acadêmicas. O recurso administrativo, interposto junto ao Conselho Universitário contra a decisão de se punirem 64 alunos, foi julgado, na sexta-feira, entre algumas expectativas. Desta vez, foram menores as pressões da reitoria sobre os professores que são membros daquele colegiado.

Conheci o professor Azevedo no correr de uma longa conversa, na semana passada, e descobri que, apesar de formalmente gentil, o reitor não gosta de ouvir. Não fosse assim, teria refletido antes de oferecer respostas às minhas indagações. Por exemplo: segundo o professor Azevedo, não tem importância o fato de a comissão de inquérito, por ele designada, não ter comprovado as violências físicas e os constrangimentos que resultaram nas punições e, em última análise, na presença das forças policiais no campus. "O fato de a comissão ter ouvido apenas dois dentre os 69 estudantes, e não ter comprovado os fatos alegados, decorre de que ela entendeu desnecessário. Posso mandar as moças, que tiveram cigarros apagados nas costas, deporem. Para que, no entanto, expô-las? Entreguei à comissão dossiês imensos, e as decisões foram tomadas em decorrência de flagrantes e de efetivas participações", ele assegura.

O reitor se queixa, também, da imprensa — que "não faz o melhor". "Se os jornais e revistas tivessem colaborado no sentido de fazer com que os alunos voltassem às aulas, teriam somado esforços com todo mundo." E completa: "Os estudantes foram prejudicados, pois a universidade sai desta tranqüilamente".

As prisões e o fato de 27 estudantes estarem enquadrados na Lei de Segurança Nacional também não preocupam a reitoria. "Você vai à USP e, quando atravessar o portão, encontrará um grande policiamento, que é permanente. Em Brasília, o contingente de policiais alcançou, no máximo, 140 soldados. Alguém foi machucado? Nenhum aluno requereu corpo de delito. Claro que levaram empurrões. Pois a polícia não vai pedir, por favor, com gentilezas." Também não o preocupa o fato de a presença de tropas da Polícia Militar do Distrito Federal no campus da universidade decorrer, unicamente, da decisão do reitor, uma vez que o *habeas corpus* que deu origem à invasão foi considerado prejudicado pelo juiz que prolatou a sentença. O professor Azevedo afirma não ter conhecimento deste fato. E a permanência da polícia deve ser longa, pois, na cartilha do reitor, as possibilidades de negociações são restritas: "O que você chama de solução negociada? Eu me entender com os alunos e atender o que eles pedem?"



JB

Azevedo: "A universidade sai desta"

Retirada da polícia. José Carlos Azevedo, PhD formado no MIT, entende que deve aplicar a lei: "A mim não cabe ceder". E, ainda, segundo seu pronunciamento, todos os atos que levaram à atual crise foram escrupulosamente montados pelos estudantes no sentido de provocar o tumulto. Assim, são os estudantes que não pretendem negociar. Resta, portanto, aplicar a lei, o regimento interno, mesmo que a comissão de inquérito tenha reunido provas apenas contra onze dos 64 punidos.

Agora, quando se afirma a lenta volta à normalidade, a retirada da polícia é uma questão extremamente complexa, pela permanente perspectiva de reinício da greve. "Tenho que tirar gradativamente. Tenho que dar informações ao secretário de Segurança de como andam as coisas por aqui e ele realiza a diminuição gradual. Restam, hoje, uns trinta policiais."

Há, também, alguns traços da personalidade do professor Azevedo se projetando sobre a Universidade de Brasília: "Não posso aparentar o que não sou. Jamais passaria por bom menino. Preocupa-me a qualidade do ensino na Unb, onde nenhum departamento, com exceção talvez de Comunicação, não possua, hoje, um ensino melhor que no passado. Esta é minha preocupação maior". Dentro dessa perspectiva, todas as atuais conseqüências são absolutamente naturais: "Sou dono do que me pertence. Batem em alunas, batem em sei lá o quê. E deixa pra lá? Isso aqui vai virar o quê? Não foi a greve em si que conduziu a este estado de coisas. Foi tanto a violência cometida como a perspectiva de violências maiores".

O professor Azevedo demonstra, também, um penoso exercício de autoridade autocrítica quando sugere o seguinte comportamento com a imprensa: "Os jornais, em especial sua revista e especialmente você, poderiam dizer que o reitor é arbitrário e prepotente, mas que os alunos deveriam buscar a solução dos seus problemas, obedecidos os processos legais, recursos, enfim tudo o que rege uma sociedade normal". Quanto a mim, fico em dúvida sobre aceitar o conselho, mas manifesto minhas certezas no sentido de que pouco importa discutir a prepotência do reitor, exatamente porque seus canais jurídicos estão absolutamente entupidos. Examinem-se os exemplos recentes das diversas demandas administrativas. De resto, o professor José Carlos Azevedo assume esta posição: "A lei manda que indivíduos que cometem faltas tenham determinadas punições. Não posso revê-las, pois seria uma afronta ao Conselho Universitário que as impôs. No entanto, mesmo que pudesse, não o faria".

A.G.

CFE recusa denúncia contra o vice-reitor

MARCILIO FARIAS

O Conselho Federal de Educação, em sessão secreta realizada na última quinta - feira, considerou improcedentes as denúncias que José Carlos de Almeida Azevedo, Reitor da Universidade de Brasília formalizou em julho último contra o Vice - Reitor da UnB, o professor Marco Antônio Rodrigues Dias.

As denúncias do Reitor da UnB basearam - se em duas acusações: a primeira de que o Vice - Reitor teria cometido atos inidôneos que o incompatibilizariam com o exercício do cargo e do magistério; a segunda, decorrente da primeira, colocaria o acusado em posição crítica diante da estrutura administrativa da universidade.

Após a formalização da denúncia, o processo foi examinado pelo CFE, sendo ralator da matéria o Prof. Caio Tácito, reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O parecer do Conselho obsolve o Vice-Reitor de todas as denúncias, além de considerar improcedentes as acusações e documentos arrolados, pelo Reitor José Carlos Azevedo.

A rigor, a guerra surda entre Reitor e Vice - Reitor da UnB vem desde 76 quando ficaram evidentes as diferenças de conceitos universitários entre ambos. Na denúncia oficial, Azevedo alega que: o diploma de Doutor em Comunicação, obtido por Marco Antônio Rodrigues Dias no Institute de Presses, da França, não possuía validade no Brasil, portanto, de acordo com Azevedo, o Vice - Reitor teria utilizado um diploma sem valia para ocupar respectivamente os postos de Chefe do Departamento de Comunicação, de Décano de Extensão, Professor Assistente e Professor Adjunto; com base nisso, o Vice - Reitor estaria inidoneamente ocupando um cargo de chefia.

A partir daí, a denúncia foi formalizada, tendo a Universidade de Brasília, por autorização do Reitor Azevedo, enviado um representante a Paris para averiguações. A Embaixada da França também se viu envolvida no processo, pois foi consultada insistentemente pelo Reitor.

O parecer do CFE analisou as denúncias em dois aspectos:

a) o de saber se o Vice - Reitor teria cometido falta, que consistia em induzir a erro a administração superior da universidade quanto a natureza do título obtido no exterior, "visando auferir proveito no acesso da carreira universitária";

b) saber se, por fôrça dessa possível conduta, constante das acusações do Reitor, estaria incompatibilizado para se manter à frente da Vice - Reitoria.

Logo de início, o parecer do Conselho refluta a segunda acusação. Para o CFE, a questão do título, posto em dúvida pelo Reitor nunca foi o requisito legal para a ocupação do cargo de Vice - Reitor. Em seguida o CFE reafirma a validade do diploma obtido pelo Vice - Reitor no Instituto Francês de Imprensa (o mais importante centro de estudos jornalísticos da Europa) é um diploma de "Terceiro Ciclo"; isto é, diploma a nível de doutourado, embora não a nível do esquema universitário brasileiro. O CFE invoca aí os documentos e declarações oficiais da Embaixada da França que são expressivos ao determinarem a natureza pós - graduada do diploma.

Concluindo, o CFE considerou improcedente as denúncias, uma vez o volumoso processo instaurado pelo Reitor, não contém nenhuma prova que evidência a postulada conduta dolosa do acusado, além do que não vê razão legal para qualquer medida, para rever o processo de contratação do Vice - Reitor, como Professor Adjunto da UnB.

A intervenção do Conselho Federal de Educação só se verificou dada a circunstância do cargo de vice - reitor ser uma decisão presidencial. O que estava em jogo, portanto, seria a legitimidade do ato presidencial, contestado a partir das denúncias do Reitor Azevedo, denúncias finalmente julgadas improcedentes.

Em determinado trecho do parecer, o único documento apresentado pelo Reitor da UnB e que poderia ser imputado como prova (uma ficha assinada por Marco Antônio Rodrigues Dias onde o mesmo assinava - se como Bel. Doutor) foi considerado de validade discutível pelo CFE que acolheu a defesa do acusado, segundo a qual o título de Doutor tinha sido acrescentado à ficha **a posteriori** - o que poderia caracterizar um caso típico de fraude em processo legal.

ANEXO 3

VETARAM A UTOPIA

UnB – Darcy Ribeiro- José Azevedo – "14 anos depois - Vetaram a utopia" - Revista Visão 20.09.1978 e 31.8.1977 - Correio Braziliense: 14.12.1979